

Suemy Braga Rodrigues Dos Santos

Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Santana no Estado do Amapá, Brasil



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Porto  
2022



Suemy Braga Rodrigues Dos Santos

Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Santana no Estado do Amapá, Brasil



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Porto  
2022

Suemy Braga Rodrigues Dos Santos

Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Santana no Estado do Amapá, Brasil



UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Assinatura: \_\_\_\_\_

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa pela Mestranda Suemy Braga Rodrigues Dos Santos como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: Educação Especial, realizada sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Maria Raquel Silva e coorientação do Prof. Doutor Francisco Saavedra.

## RESUMO

A presente pesquisa intitulada “Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no município de Santana no estado do Amapá, Brasil” tem como objetivo investigar a atividade e as estratégias que os professores utilizam com os seus alunos com necessidades educativas especiais e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e alunos, antes e durante a pandemia por COVID-19. Pois, com isso, pretende-se destacar a importância dessa tríade: atuação docente, alimentação e sono, além de suas influências na qualidade da aprendizagem dos alunos, principalmente, os alunos com necessidades educativas especiais.

Para tanto, o método utilizado na pesquisa foi um desenho de cariz quantitativo, onde coletouse os dados dos participantes por meio de um questionário com perguntas abertas e fechadas direcionados para os participantes da pesquisa que foram 50 (cinquenta) participantes, de 2 (duas) escolas, sendo na Creche Iraídina Pinheiro Sanches, que atende a modalidade de Educação Infantil e na Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva que atende a modalidade do ensino fundamental II, ambas localizadas no Município de Santana no Estado do Amapá. Sendo assim, participaram da coleta de dados 20 (vinte) professores (ensino regular e especial) 15 (quinze) alunos do Ensino Médio e 15 (quinze) alunos da educação infantil representado pelos pais e/ ou responsáveis.

Os resultados mostraram com a pandemia do COVID-19 a rotina diária de professores e alunos mudou repentinamente, sobretudo, na transição sem preparação adequada do ensino presencial para o virtual. Com essas mudanças a atividade docente (ensino regular e especial) precisaram ser modificadas, pois devido ao isolamento social não era mais possível o atendimento nas escolas dos alunos com necessidades educativas especiais. Dentre as estratégias adotadas pelos professores elaboraram apostilados (atividades remotas), atividades adaptadas para que os alunos estudassem em casa e resolvessem as atividades, além disso, outra estratégia adotada pelos professores foi a criação de grupos de WhatsApp com os pais ou responsáveis dos alunos, visando orientar diante do auxílio aos filhos na resolução das atividades, com isso os hábitos de sono e alimentares antes e durante a pandemia do COVID19 dos professores e alunos foram modificados, pois a rotina diária desse público foi afetada pela pandemia.

**Palavras-Chave:** COVID-19; Ensino e Aprendizagem; Professor; Aluno com necessidades educativas especiais.

## ABSTRACT

The present research entitled “Teaching activity, food and sleep of teachers and students with special educational needs before and during the COVID-19 pandemic, in the municipality of Santana in the state of Amapá, Brazil” aims to investigate the activity and strategies that teachers use with their students with special educational needs and to know the sleeping and eating habits of these teachers and students, before and during the COVID-19 pandemic. With this, we intend to highlight the importance of this triad: teaching performance, food and sleep, in addition to its influences on the quality of student learning, especially students with special educational needs.

Therefore, the method used in the research was a quantitative design, where data from the participants was collected through a questionnaire with open and closed questions directed to the research participants who were 50 (fifty) participants, of 2 (two) schools, being in the Creche Iraídina Pinheiro Sanches, which serves the type of Early Childhood Education and in the Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva, which serves the modality of elementary education II, both located in the Municipality of Santana in the State of Amapá. Thus, 20 (twenty) teachers (regular and special education) participated in the data collection, 15 (fifteen) high school students and 15 (fifteen) early childhood education students represented by their parents and/or guardians.

The results showed that with the COVID-19 pandemic, the daily routine of teachers and students changed suddenly, especially in the transition without adequate preparation from face-to-face to virtual teaching. With these changes, the teaching activity (regular and special education) needed to be modified, because due to social isolation, it was no longer possible to attend schools for students with special educational needs. Among the strategies adopted by the teachers, they prepared handouts (remote activities), adapted activities for the students to study at home and solve the activities, in addition, another strategy adopted by the teachers was the creation of WhatsApp groups with the parents or guardians of the students, In order to guide the children in the resolution of activities, with this, the sleeping and eating habits of teachers and students before and during the COVID-19 pandemic were modified, as the daily routine of this public was affected by the pandemic.

**Keywords:** COVID-19; Teaching and learning; Teacher; Student with special educational needs.

## DEDICATÓRIA

À minha família que sempre me incentivou a buscar mais conhecimentos, que diante das dificuldades permaneceu ao meu lado não me deixando desistir. Dedico este trabalho em especial ao meu filho Allef Lorrán, que é luz na minha vida, ao meu namorado Wesley França que escolheu caminhar junto a mim, sendo uma parceria para todas as horas, à Deus que me concedeu sabedoria, coragem e confiança para chegar ao final. Muito Obrigada!

“O conhecimento nunca está terminado.  
É uma teia que vamos tecendo a partir da superação dos limites.”  
( Padre Fábio de Melo )

## **AGRADECIMENTOS**

Aos alunos e professores envolvidos no processo de aprendizagem escolar, ajudandoos a superar seus limites, quebrando barreiras, aprendendo e mostrando ao mundo que somos capazes e temos espaço para todos desde que estejamos dispostos a olhar e enxergar o outro como um ser em evolução que precisa de tempo, carinho, amor. Muito Grata por vocês me ajudarem nessa conquista.

às amigas que acreditaram que seria possível, que mesmo diante de problemas, provações, permaneceram firmes, juntas, lutando por um só objetivo, a tão sonhada titulação de mestre que ora, se tornava realidade. Clara Rodrigues, Claudia Do Carmo e Miraneide Seabra juntas conseguimos. Muito obrigada, queridas! A Universidade Fernando Pessoa (UFP) em Porto-Portugal, que abre suas portas para alunos de outros países que buscam ampliar seus conhecimentos na área da inclusão tendo como ferramenta de acesso ao Curso de Mestrado em Ciência da Educação- Educação Especial – Domínio Cognitivo Motor. Grata por nos acolher de braços abertos.

Agradeço a professora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Raquel Silva, Orientadora dessa dissertação, que sempre se mostrou atenta, cuidadosa e dedicada a todas as necessidades para a conclusão do trabalho. Muito obrigada pela luz que me deu para trilhar esse caminho. Ao meu Coorientador, Prof. Doutor Francisco Saavedra pela leitura atenta desta dissertação. Aos meus queridos pais, Raimunda Braga e Milton Rodrigues que mantiveram suas orações diárias o pedido para que Deus me abençoasse com a vitória. Amo vocês!

Aos meus irmãos e irmãs que vibraram com a minha decisão de buscar conhecimento e alcançar mais um título, que no olhar orgulhoso me fortaleceram e fizeram acreditar em mim.

Aos membros da família Braga e França que fazem parte da minha história de superação, crescimento, onde o apoio nunca me faltou, a mão estendida, o ombro amigo, e o abraço acolhedor. Obrigada. Imensamente grata a todos que passaram, aos que ainda estão e aos que permanecerão em minha vida, não seria tão especial se vocês não tivessem feito parte dessa história.

## ÍNDICE GERAL

I.	RESUMO.....	IV
II.	ABSTRACT.....	V
III.	DEDICATÓRIA.....	VI
IV.	AGRADECIMENTOS.....	VII
V.	ÍNDICE DE TABELAS.....	X
VI.	ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	XI
VII.	ABREVIATURAS.....	XIV
1.	Introdução.....	1
1.1	Motivação para realização deste estudo.....	5
1.2	Objetivos.....	7
2.	Revisão da Literatura.....	8
2.1	Pandemia do COVID-19 e os impactos na Educação.....	8
2.1.1.	A pandemia do COVID-19.....	8
2.1.2.	Os impactos da Pandemia na aprendizagem do aluno com NEEs .....	11
2.1.3.	A importância da formação continuada do professor no desenvolvimento da educação antes, durante e pós pandemia.....	18
2.2	Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19.....	20
2.2.1.	A importância do sono para a aprendizagem de alunos com NEEs.....	20
2.2.2.	A influência da alimentação na aprendizagem de alunos com NEEs.....	25
2.2.3.	A atuação docente diante das dificuldades de alunos com NEEs na pandemia do COVID-19.....	28
3.	Estudo Empírico.....	33
3.1.	Contextualização e participantes.....	33
3.2.	Metodologia.....	35
3.2.1.	Crerios de inclusão e exclusão dos participantes.....	35
3.2.2.	Procedimento de acesso ao grupo de participantes.....	35
3.2.3.	Instrumento.....	36
3.2.4.	Análise estatística.....	36
4.	Apresentação e Discussão dos Resultados.....	37

4.1 . Apresentação das análises estatísticas dos professores.....	37
4.2 . Apresentação das análises estatísticas dos alunos.....	55
5. Conclusão.....	75
6. Bibliografia.....	77
7. Anexos.....	83
7.1. Anexo I. Pedido de autorização para realização da pesquisa.....	83
7.2. Anexo II. Declaração de Consentimento Informado.....	84
7.3. Anexo III. Autorização do Comitê de Ética.....	88
7.4. Anexo IV. Modelo de questionário usado com os professores (Ensino Regular e Especial).....	94
7.5. Anexo V. Modelo de questionário usado com os alunos do Ensino Fundamental II.....	97
7.6. Anexo VI. Modelo de questionário usado com os alunos da Educação Infantil.....	100

## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Antes da pandemia, qual era a sua maior dificuldade em termos de ensino dos alunos com NEEs.....	40
Tabela 2 - Antes da pandemia, o que você, enquanto professor, fazia para que seus alunos com deficiência fossem inclusos na sociedade onde vivem.....	41
Tabela 3 - Antes da pandemia, que formas você utilizava para adaptar os conteúdos para seus alunos com NEEs.....	43
Tabela 4 – Classificação dos professores para a inclusão dos seus alunos com NEEs na escola, antes da pandemia.....	45

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idades dos Professores (n=21).....	37
Gráfico 2 - Sexo dos Professores (n=21).....	37
Gráfico 3 – Estado Civil dos Professores (n=21).....	38
Gráfico 4 - Tempo de atuação dos (as) professores (as) na educação .....	38
Gráfico 5 - Formação acadêmica dos (as) professores (as).....	39
Gráfico 6 – Se os (as) professores (as) estão preparados (as) para atuar com os (as) alunos (as) com NEEs.....	39
Gráfico 7 - Se os (as) professores (as) acreditam que antes da pandemia, a Educação Inclusiva acontecia de fato.....	41
Gráfico 8 - Se os (as) professores (as) acreditam que, antes da pandemia, o poder público municipal de Santana/AP estava preocupado com a Educação Especial na perspectiva inclusiva.....	42
Gráfico 9 - Antes da pandemia, e em sala de aula os professores (as) buscavam metodologias para que alunos com NEEs e os alunos ditos normais pudessem interagir juntos.....	44
Gráfico 10 A que horas ou entre que horas os (as) professores (as) costumavam levantar da cama antes do COVID.....	46
Gráfico 11 -- A que horas ou entre que horas se os (as) professores (as) costumavam levantar da cama durante o COVID-19.....	46
Gráfico 12 - Quantas horas reais, em média, de sono os (as) professores (as) "dormiam mesmo" diariamente antes do COVID-19.....	47
Gráfico 13 - Quantas horas reais, em média, de sono os (as) professores (as) "dormiam mesmo" diariamente durante do COVID-19.....	47
Gráfico 14 - Quanto tempo levava para os (as) professores adormecerem antes do COVID em minutos .....	48
Gráfico 15 - Quanto tempo levava para os (as) professores adormecerem durante do COVID em minutos.....	49
Gráfico 16 - Quantas vezes os (as) professores (as) acordavam por noite antes do COVID-19.....	49
Gráfico 17 - Quantas vezes os (as) professores (as) acordavam por noite durante do COVID-19.....	50

Gráfico 18 - Se os (as) professores (as) usavam/ usam despertador para acordar.....	51
Gráfico 19 - Se os (as) professores (as) tinham/têm sonhos ou pesadelos com alguma frequência.....	51
Gráfico 20 - Como os (as) professores (as) classificam a qualidade do seu sono antes do COVID.....	52
Gráfico 21 - Como os (as) professores (as) classificam a qualidade do seu sono durante do COVID.....	52
Gráfico 22 - Quantas refeições os (as) professores (as) faziam por dia antes do COVID..	53
Gráfico 23 - Quantas refeições os (as) professores (as) faziam por dia durante do COVID.....	53
Gráfico 24 - Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Antes do COVID comia mais.....	54
Gráfico 25 - Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante do COVID comia mais.....	54
Gráfico 26 - Idade dos (as) educandos (as).....	55
Gráfico 27 - Sexo dos (as) educandos (as).....	55
Gráfico 28 - Nível de ensino dos (as) educandos (as).....	56
Gráfico 29 - Horário que os (as) educandos (as) da Creche Iraídina P. Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva costumavam levantar da cama antes do COVID-19.....	56
Gráfico 30 - Se os (as) educandos (as) costumavam se levantar da cama durante o COVID.....	58
Gráfico 31 - Horário que os (as) educandos (as) costumavam dormir em média diariamente antes do COVID-19.....	59
Gráfico 32 - Horário que os (as) educandos (as) costumavam dormir em média diariamente durante do COVID-19.....	60
Gráfico 33 - Horário que os (as) educandos (as) quanto ao tempo que levavam para adormecer antes do COVID-19 em minutos.....	61
Gráfico 34 - Horário que os (as) educandos (as) quanto ao tempo que levavam para adormecer durante o COVID-19 em minutos.....	62
Gráfico 35 - Quantidade de vezes que os (as) educandos (as) acordavam por noite antes do COVID-19.....	63

Gráfico 36 - Quantidade de vezes que os (as) educandos (as) acordavam por noite durante do COVID-19.....	64
Gráfico 37 - Se os (as) educandos (as) usavam/usam despertador para acordar .....	65
Gráfico 38 - Se os (as) educandos (as) tinham/têm sonhos ou pesadelos com alguma frequência.....	66
Gráfico 39 - Classificação da qualidade do sono dos (as) educandos antes do COVID-19.....	67
Gráfico 40 - Classificação da qualidade do sono dos (as) educandos durante o COVID-19.....	68
Gráfico 41 - Quantidade de refeições que os (as) educandos faziam por dia antes do COVID-19.....	69
Gráfico 42 - Quantidade de refeições que os (as) educandos faziam por dia durante o COVID19.....	70
Gráfico 43 - Diferença na alimentação dos (as) educandos (as) antes e durante o COVID-19. Antes o que comia mais.....	71
Gráfico 44 - Diferença na alimentação dos (as) educandos (as) antes e durante o COVID-19. Durante o que comia mais.....	72

## ABREVIATURAS

AEE: Atendimento Educacional Especializado

CF: Constituição Federal

CNE: Conselho Nacional de Educação

EaD: Educação à Distância

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

EEG: Eletroencefalograma

IBGE: Instituto de Geografia e Estatística

LBI: Lei Brasileira de Inclusão

LDBEN: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC: Ministério da Educação e Cultura

MS: Ministério da Saúde

NEEs: Necessidades Educativas Especiais

OMS: Organização Mundial de Saúde

PcD: Pessoa com Deficiência

## **I. Introdução**

O presente trabalho integra-se numa pesquisa abrangente sobre as atividades dos professores, tanto do ensino regular, como do ensino especial, ou seja, que atuam no Atendimento Educacional Especializado (AEE), no atendimento de alunos com necessidades educativas especiais (NEEs), antes e durante a pandemia por Coronavírus (COVID-19), em escolas localizadas no município de Santana/AP, sendo especificamente em duas escolas, uma que atende alunos de Ensino Fundamental II e a outra que atende crianças da Educação Infantil.

No dia 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a COVID-19 como uma pandemia, devido a elevada taxa de transmissão do vírus e sua veloz propagação em nível mundial, onde milhares de pessoas vieram a óbito, provocando um colapso no atendimento de saúde em todos os países (Schmidt et al., 2020; Schuchmann et al., 2020). Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Santana no Estado do Amapá, Brasil

É pertinente ressaltar que na América Latina, o primeiro caso foi registrado no Brasil em 25 de fevereiro de 2020 pelo Ministério da Saúde (MS), com aproximadamente dois meses depois, foram confirmados 177.589 casos e 12.400 mortes, segundo o boletim diário da OMS (WHO, 2020). A COVID-19 foi registrada em mais de 180 países, e em decorrência do rápido avanço da contaminação da doença, inúmeras autoridades governamentais vêm adotando várias estratégias, com a intenção de diminuir o ritmo o avanço da doença (Kraemer et al., 2020).

Neste contexto, descreve-se a transmissão da COVID-19 a partir do contato de pessoa para pessoa, por gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro, seguida por contato pela boca, nariz ou olhos, ou até mesmo, por meio de objetos e superfícies contaminadas. Apesar de inúmeras pesquisas na área da saúde ainda não existe um risco clínico

totalmente definido, como ainda não se conhece com exatidão o padrão de transmissibilidade, infectividade, letalidade e mortalidade (Lima et al., 2020).

Diante da realidade vivenciada no cenário, mundial, nacional, regional, local, sobretudo, no município de Santana, Estado do Amapá, algumas estratégias foram adotadas no sentido de conter a propagação do vírus, dentre elas: o distanciamento social, que teve como finalidade evitar as aglomerações, como determinações de manter no mínimo um metro e meio de distância entre as pessoas, como ainda a proibição de eventos que ocasionem um grande número de pessoas reunidas, sobretudo, e, instituições de ensino, shows, shoppings, academias esportivas, eventos esportivos, entre outros) (Reis-Filho & Quinto, 2020; Oliveira, 2020).

Com o isolamento social, a aglomeração de pessoas não foi permitida, com isso, de forma específica as escolas suspenderam as aulas presenciais, que posteriormente foram apenas permitidas as aulas *on-line*. Com tal mudança, com o objetivo de conter os riscos de contaminação, a atividade docente, a alimentação e o sono de professores e de alunos com NEEs, especificamente de duas escolas localizadas no município de Santana/Amapá, (Escola Municipal Iraídina Pinheiro Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva) foram comprometidas, ou seja, tal acontecimento acarretou num desequilíbrio nas vidas desse público.

A alimentação e o sono apresentam-se como um episódio ativo e de extrema necessidade para organismo humano, pois é possível constatar as implicações restaurativa e de bem estar decorrente de uma boa alimentação e uma noite de sono, promovendo um equilíbrio no corpo. Logo, maus hábitos alimentares e a privação do sono, acarretam em efeitos opostos, sobretudo, para o desempenho cognitivo, que pode comprometer a saúde e a performance do indivíduo no trabalho, no caso os professores diante de suas práticas de ensino e alunos no processo de aprendizagem (Silva, 2015; Silva, Paiva e Bellotto, 2016).

Melo et al. (2020) em seus estudos dizem que em casos de isolamento social em decorrência da pandemia provocada pelo COVID-19, os sentimentos de desamparo, tédio, solidão e tristeza, podem acarretar em reações comportamentais mais comuns, tais como: alterações ou distúrbios de apetite em excesso; alterações ou distúrbios do sono (insônia, dificuldade para dormir, ou excesso de sono, pesadelos recorrentes, etc.), dentre outras mudanças. Diante do exposto, pode-se constatar o que a pandemia atrelada ao isolamento social provocou na vida das pessoas.

Sabe que uma boa alimentação se manifesta a partir de alimentos saudáveis, bem como nos horários que determinam as principais refeições (Silva, 2015; Silva, Paiva e Bellotto, 2016). Caso contrário, ou seja, com alimentos não saudáveis, como os industrializados em horários não específicos comprometem a saúde e o bem-estar das pessoas, pois conforme Palmieri (2020), uma das principais mudanças observadas durante o isolamento social foram o aumento das refeições feitas no lar, a busca por refeições rápidas e por praticidade, e alimentos que trazem recompensas ao estresse diante o contexto da COVID-19, passaram a comprometer a saúde das pessoas.

A falta de uma alimentação saudável compromete a qualidade do sono, pois para é essencial compreender o fenômeno do sono, conforme Valle et al. (2011), representa mais do que passar uma noite agradável, nesse contexto o sono é considerado um mecanismo reparador, que equilibra o funcionamento físico e mental da pessoa. Pois, tanto no ensino como na aprendizagem o bom sono é indispensável, já que esse processo interfere na memória, na atenção, nos registros sensoriais, no raciocínio, na disposição de humor.

É pertinente ressaltar que a pandemia provocada pela COVID-19 acarretou uma mudança nos hábitos alimentares e de sono, tanto de professores (ensino regular e especial) perante as suas práticas de ensino e alunos com NEEs diante de sua aprendizagem. Nessa perspectiva, é importante destacar as pesquisas de Malta et al. (2021), onde as evidências dizem que crianças e adolescentes quando estão fora da escola

(por exemplo, fins de semana e férias), eles ficam fisicamente menos ativos, com isso, surgem os problemas de sono e pioram a alimentação, resultando em ganho de peso e perda da aptidão cardiorrespiratória. Assim, durante o período de distanciamento social, provavelmente, os efeitos sobre a saúde das crianças e adolescentes são mais intensos, pelo fato de ficarem confinados em suas casas, sem atividades ao ar livre e sem interação com os amigos.

Em contrapartida, os professores diante do cenário hostil provocado pela pandemia pelo COVID-19 acarretou em uma mudança nas suas práticas de ensino, que se refletiram nas mudanças nos hábitos alimentares e de sono desses profissionais, pois Bezerra et al. (2020), em suas pesquisas relataram que em um cotidiano marcado pelo isolamento social e aumento da demanda de trabalho, depare-se com fatores de risco, como a questão dos hábitos de sono e alimentares, pois as alterações nesses comportamentos podem acarretar em prováveis danos à saúde do professor.

A partir do exposto, os dados que se pretende coletar dos alunos com NEEs estão relacionados as idades, os tipos de deficiências, além dos seus níveis de aprendizagem. Levando em consideração as informações que se busca coletar de cada aluno com NEEs, acarreta em uma grande responsabilidade na sua tarefa diária de ensinar e, está igualmente dependente de vários hábitos dos professores fora da sala de aula, entre eles, os seus hábitos alimentares e de sono, e que naturalmente, influenciam o sucesso do trabalho docente. Tal como nos professores, também esses hábitos nos alunos com NEEs são determinantes no processo de ensino e aprendizagem.

Para além disso, é pertinente ressaltar que atualmente a população mundial vive um período dramático com o aparecimento da pandemia provocada pelo COVID-19, que provocou mudanças em todos os âmbitos, especificamente no âmbito educacional, acarretando em várias mudanças que modificaram a rotina educativa, com a finalidade de evitar os riscos de contaminação em massa. Logo, professores diante de suas práticas de ensino tiveram que se adequar ao uso de tecnologias para desenvolver aulas dinâmicas e

estimuladoras, nesse processo, é importante conhecer os hábitos de sono e alimentares dos professores e alunos, antes e durante a pandemia por COVID-19, que certamente, teve repercussões no processo de ensino e aprendizagem dessa clientela.

A pandemia por COVID-19 provocou um turbilhão no cenário mundial que acarretou no isolamento social, impedindo que a circulação de pessoas para que o vírus não se propagasse. Logo, todos os ambientes públicos tiveram que ser fechados, sobretudo, as escolas. Essa realidade agravou o processo de ensino e aprendizagem, pois muitos professores e alunos não estavam preparados. Com isso, levantou-se o seguinte problema: Quais os impactos que a pandemia por COVID-19 provocou nos hábitos alimentares e de sono dos professores e alunos com NEEs em escolas localizadas no município de Santana/AP?

Com a pandemia do COVID-19 a rotina diária de professores e alunos mudou repentinamente, sobretudo, na transição sem preparação adequada do ensino presencial para o virtual. Com essas mudanças a atividade docente (ensino regular e especial) precisaram ser modificadas, pois devido ao isolamento social não era mais possível o atendimento nas escolas dos alunos com NEEs. Dentre as estratégias adotadas pelos professores estão a elaboração de apostilados (atividades remotas), atividades adaptadas para que os alunos estudem em casa e resolvam as atividades, além disso, outra estratégia adotada pelos professores são criação de grupos de *WhatsApp* com os pais ou responsáveis dos alunos, com o objetivo de orientá-los a dar auxílio aos filhos na resolução das atividades, com isso os hábitos de sono e alimentares antes e durante a pandemia do COVID-19 dos professores e alunos foram modificados, pois a rotina diária desse público foi afetada pela pandemia.

### **1.1 . Motivação para a realização deste estudo**

Foi perceptível que a pandemia do COVID-19 provocou no mundo inteiro em todos os vieses da sociedade, sobretudo na educação, onde as aulas presenciais foram

suspensas com a finalidade de conter a contaminação em massa, provocando uma defasagem no processo de ensino e aprendizagem na educação básica.

Diante disso, uma das medidas tomadas posteriormente à suspensão das aulas presenciais foram adotadas as aulas *on-line*. Mas, muitos profissionais não estavam preparados para adotar essa metodologia em suas práticas de ensino, como também muitos alunos não se adequaram a realidade imposta em decorrência do cenário pandêmico. Logo, dentre os fatores que foram afetados foram; a atividade docente, a alimentação e o sono de professores e de alunos, sobretudo, dos alunos com NEEs antes e durante a pandemia por COVID-19, no município de Santana no estado do Amapá, Brasil.

A partir dessa realidade, pode-se ter uma panorâmica das escolas brasileiras, principalmente na sua estrutura física e pedagógica, pois pode-se comprovar a falta de preparado de muitos professores no manuseio dos recursos tecnológicos inviabilizaram as aulas *on-line*, bem como a aprendizagem dos alunos com NEEs e de alguns dos pais e / ou responsáveis que passaram a atuar no assessoramento dessas aulas. É pertinente ressaltar que muitos alunos que participaram das aulas *on-line* não tiveram assessoramento dos pais e / ou responsáveis e mostraram muitas dificuldades na aprendizagem, pois a falta de regulação da alimentação e do sono implicaram na defasagem da educação inclusiva.

Desta forma, ao final deste estudo empírico procedemos a indicação de algumas recomendações para colaborar com a atividade docente na aprendizagem de alunos com NEEs onde levou-se em consideração a alimentação e sono, favorecendo um processo educativo inclusivo a partir da criação de grupos de *WhatsApp* com os pais ou responsáveis dos alunos, visando orientar diante do auxílio aos filhos na resolução das atividades, com isso os hábitos de sono e alimentares antes e durante a pandemia do COVID-19 dos professores e alunos foram modificados, pois a rotina diária desse público foi afetada pela pandemia.

Este trabalho difere dos demais referenciados na revisão de literatura, na medida em que aborda uma temática nova que tratou da atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com NEEs antes e durante a pandemia por COVID-19, no município de Santana no estado do Amapá, Brasil.

## **1.2. Objetivos**

- Os objetivos deste trabalho foram:
- Investigar a atividade e as estratégias que os professores utilizam com os seus alunos com NEEs e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e alunos, antes e durante a pandemia por COVID-19.
- Identificar as estratégias de ensino utilizadas pelos professores (ensino regular e especial) no ensino de alunos com NEEs em escolas localizadas no município de Santana/AP;
- Conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores ensino regular e especial) e dos alunos antes e durante a pandemia por COVID-19, em escolas localizadas no município de Santana/AP;
- Descrever os impactos que a pandemia por COVID-19 provocou nos hábitos alimentares e de sono dos professores e alunos com NEEs em escolas localizadas no município de Santana/AP.

## **2. Revisão da Literatura**

### **2.1 PANDEMIA DO COVID-19 E OS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO**

O marco teórico faz alusão a pandemia do COVID-19 e os impactos na educação, sendo apresentado informações referentes ao ensino e a aprendizagem que tiveram que ser adaptadas diante do cenário calamitoso vivenciado mundialmente, atingindo todos os vieses da sociedade, inclusive o da educação, sobretudo, a educação inclusiva, que está voltada para a inclusão de alunos com NEEs.

#### ***2.1.1 A pandemia do COVID-19***

A pandemia do COVID-19 provocou mudanças em vários campos, sobretudo, no educacional, atingindo as instituições de ensino e, automaticamente milhares de alunos tiveram a sua rotina modificada. Dentre os alunos, aqueles com NEEs deixaram de ir às escolas e outros espaços sociais, geradas pelo isolamento social e pelas dificuldades em realizar adequações indispensáveis que lhes garantiriam acessibilidade e participação (Vendramini; Maciel & Penna, 2021).

Conforme Lana et al. (2020), o COVID-19 é motivada pelo SARS-COV-2 e apresentou os primeiros episódios divulgados em Wuhan, na China, no final de dezembro de 2019. Com o crescente número de contágio pelo vírus e as mortes crescentes, que dataram 11 de março de 2020, por isso, a OMS considerou a doença como uma pandemia, devido a célere transmissão da doença no mundo, promoveu mudanças radicais na rotina e hábitos, principalmente, de sono e alimentação.

É pertinente ressaltar outras mudanças provocadas pelo vírus, como o uso constante de máscaras; a higienização das mãos; o distanciamento social, bem como a advertência às aglomerações na área comercial, parques, igrejas e demais ambientes

públicos. A insegurança atingiu a coletividade, que esperava a cada dia um novo decreto, uma normativa ou alguma notícia sobre a contaminação pelo vírus, chamado de coronavírus, até então mundialmente desconhecida (Vendramini; Maciel & Penna, 2021).

Sendo assim, no Brasil, no dia 3 de fevereiro de 2020, foi editada a Portaria nº 188, subscrevida pelo Ministro da Saúde (MS), representado pelo Dr. Luiz Henrique Mandetta que declarava estado de emergência em saúde pública em todos os estados da federação, devido a infecção humana motivada pelo novo coronavírus. Logo, ficou registrado o primeiro caso, como sendo de um homem de 61 anos, na volta da sua viagem à Itália, deu entrada em um hospital com sintomas da doença (Brasil, 2020).

O Ministério da Educação e Cultura (MEC) ainda precisou determinar critérios para a prevenção a contaminação provocada pelo coronavírus e, a partir da Portaria nº 343, no dia 17 de março de 2020, Abraham Weintraub, alterou as aulas presenciais pelos recursos tecnológicos. Nesse cenário, optou-se pela modalidade de ensino remoto, ou seja, o uso das aulas na modalidade *on line*. Em conjuntura convencional, tais recursos digitais eram pouco usados no campo pedagógico como estratégia integrante de ensino, pois as escolas não usam em grande escala (Brasil, 2020).

A partir dessas normativas, as escolas suspenderam as suas aulas presenciais e procuraram meios digitais de forma imediata, com finalidade de não perder o vínculo com os alunos. Com isso, os professores começaram a preparar e desenvolver as aulas *on line*, diretamente de suas casas, mas, a maior parte desses profissionais com os poucos recursos tecnológicos disponíveis e restrito conhecimento no uso desses recursos. A maioria das escolas públicas, não tinham recursos tecnológicos disponíveis e foram fechadas devido às medidas de restrição social (Vendramini; Maciel & Penna, 2021).

Nessa perspectiva, as famílias ainda necessitaram colocar um novo preparo para auxiliar seus filhos e alunos nas suas residências, usando recursos tecnológicos

disponíveis como instrumentos, tais como celulares, computadores, tablets ou com a retirada das atividades impressas nas escolas, quando não tinha condição de acesso aos meios digitais ou não tinham condições de fazer a impressão em casa (Silva; Bins & Rozek, 2020).

O fechamento das escolas comprometeu a rotina de trabalho dos pais e/ou responsáveis, que tinham na escola um ambiente de cuidado e ensino para os filhos, enquanto estavam no trabalho. Nesse período, muitas mães e pais perderam ou deixaram o emprego para ficar com os filhos em casa, enquanto outros tiveram que acessar a sua rede de apoio ou contratar terceiros para fazer o acompanhamento dos filhos nas aulas *on line*, com finalidade de diminuir as suas dificuldades na aprendizagem (Vendramini; Maciel & Penna, 2021).

Devido à carência de conhecimento sobre o novo coronavírus e todas as suas variações, não se sabia exatamente como acontecia a proliferação e como poderia ser a contaminação da doença, sobretudo, em crianças, além das várias implicações desse contágio. Os primeiros relatórios publicados confirmaram sobre a transmissão de pessoa para pessoa pelo ar, quando acontece a tosse ou espirro ou, também, pelo toque em superfícies contaminadas e interação por aperto de mãos, como por exemplo (Reichenberger, 2020).

No que se refere ao aluno com NEEs, ainda não tinha consenso sobre sua maior vulnerabilidade diante do vírus, porém se teve conhecimento que uma parcela dessa população, além da deficiência, pode conviver com determinadas comorbidades, como cardiopatias, doenças renais e metabólicas, fazendo parte do grupo de risco, o que acarretou na necessidade de maior isolamento social. (Reichenberger, 2020).

As primeiras políticas públicas voltadas para o ensino remoto na pandemia, foram generalizadas a partir das condições humanas, como se todos tivessem as mesmas

probabilidades de aprendizagem e acesso. Com isso, o aluno com NEEs mais uma vez, tornou-se invisível perante o poder público, sem que as suas necessidades fossem consideradas. Tornou-se mais manifesto a falta de equidade de acesso às diferentes probabilidades, sejam elas tecnológicas, culturais ou sociais (Silva; Bins & Rozek, 2020).

A Lei nº 14.040, de 18 de agosto de 2020, § 3º do Artigo 2º, assinala que, para alcançar os objetivos de aprendizagem dos alunos e o seu desenvolvimento, a carga horária ínfima do ano letivo afetado pela pandemia poderia ser realizada no ano subsequente, sendo admissível a adoção de um continuum de dois anos escolares, conforme as diretrizes nacionais de educação e os seus referentes sistemas de ensino (Brasil, 2020).

Com obviedade, é possível prever o desafio que isso representava para os professores, os alunos e os familiares, uma vez que precisariam ser consideradas todas as necessidades educacionais dos alunos, pessoas com deficiência, ou não, para corresponder às orientações normativas (Vendramini; Maciel & Penna, 2021).

Logo, se fez e ainda se faz indispensável, repensar, reestruturar e criar probabilidades de afiançar uma educação inclusiva que compreenda as necessidades de todos os alunos, inclusive daqueles com deficiência, sejam seus empecilhos físico, intelectual, mental, auditivo, visual ou múltiplo, com análise individual e personalizada de seus interesses, atrasos e avanços durante o período pandêmico.

### ***2.1.2. Os impactos da Pandemia na aprendizagem do aluno com NEEs***

O Brasil tem um histórico crescente em prol da inclusão escolar das pessoas com deficiência (PcD), mas foi apenas depois da Declaração de Salamanca datada no ano de 1994 que esse público alcançou uma base mais sólida para a inclusão, devido a uma gama de orientações em amplitude internacional, pautadas nas práticas educacionais. Com isso,

reafirma-se o direito fundamental à educação para cada criança, onde esta precisa ter a oportunidade de alcançar e conservar um nível oportuno de aprendizagem, pois:

Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são favoráveis; os sistemas de educação devem ser planejados e os programas educativos implementados tendo em vista a vasta diversidade destas características e necessidades; as crianças e jovens com necessidades educativas especiais devem ter acesso às escolas regulares que a elas se devem adequar através duma pedagogia centrada na criança, capaz de ir ao encontro destas necessidades; as escolas regulares, seguindo esta orientação inclusiva constituem os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, criando comunidades abertas e solidárias, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação adequada à maioria das crianças e promovem a eficiência, numa óptima relação custo/qualidade de todo o sistema educativo (Salamanca, 1994, p.8-9).

A partir da Declaração supracitada ficou evidente que a educação é um direito que toda criança tem, logo, esse processo educativo deve atender suas especificidades, com o desenvolvimento de ações que promovam adequações, tanto na estrutura física, como pedagógica para atender todos os alunos, independentemente de suas condições físicas, psicológicas, financeiras, familiares entre outras. Mas, apesar do avanço, ainda precisa-se desenvolver muitas estratégias para que a educação inclusiva aconteça de fato, visando um desenvolvimento pleno de todos os alunos com NEEs.

Nesse processo de mudanças e/ou adaptações, é pertinente ressaltar os pressupostos de Mantoan (2015) que deixa evidente que a integração escolar e a inclusão apesar de apresentarem significados semelhantes, com sentidos semânticos idênticos, a efetividade dos conceitos se consolida no contexto educacional por casos distintos. Pois, a integração escolar pode ser abrangida como o “especial na educação”, juntando o ensino especial ao regular, o que acarreta em um inchaço desta modalidade, pelo deslocamento de profissionais, recursos, métodos e técnicas da educação especial às escolas de ensinos regulares.

Mantoan (2015), de forma mais clara diz ainda que a integração escolar, faz alusão à inserção de alunos com NEEs nas escolas de ensino regular, mas o termo ainda se refere para designar esses alunos em escolas especiais. Logo, a integração tem a ver com ter o direito a partir das condições, porém, trata-se de uma inserção no ambiente escolar, mas,

o sistema prevê probabilidades de salas especiais, fazendo com que os serviços educacionais sejam distintos. Sendo assim, o objetivo da integração, é fazer com que um aluno com NEEs que já foi excluído antes seja inserido nas escolas.

Em contrapartida, as pesquisas de Santos (2022), deixou evidente que a inclusão escolar é refletido no direito de estar na escola, ou seja, os alunos com NEEs precisam que as escolas regulares sejam adaptadas na estrutura física e pedagógica, configurando-se em uma educação inclusiva, como um processo bem mais amplo do que a integração, pois traz no fazer pedagógico visa a inclusão de todos nesse processo de ensino e aprendizagem, sem discriminação, sem existir trabalhos separados entre os alunos.

Logo, Mantoan (2015, p.16), diz que esse processo traz a eliminação de práticas segregativas, entre elas, a aceleração de turmas, reforços escolares, que são fatores colaboradores para que os sujeitos se sintam excluídos. A inclusão escolar é um processo que busca melhorar a qualidade educacional das escolas. Pois, é visível que algumas escolas brasileiras são caracterizadas por evasões e fracassos, onde os alunos pelo seu insucesso escolar se tornam vítimas das condições de pobreza, vítimas da sociedade, pelos rótulos que lhes são conferidos, pelas formas de tratamento, e pela avaliação que a escola faz, culpabilizando o aluno pelo seu fracasso.

É imprescindível que exista uma reversão nessa forma de pensar e de conceber os alunos com NEEs, pois uma plausível solução é a compreensão do que é uma escola inclusiva, pois conforme Senna (2013, p. 20), diz que a inclusão escolar também não é um processo somente de responsabilidade das instituições de ensino, é necessário que exista uma mudança social, visto que a escola está inserida na sociedade, sendo que “a educação não é uma responsabilidade da escola e sim da sociedade que criou a escola no interior de um determinado projeto de desenvolvimento humano”.

Caliman e Manica (2015), ressaltaram que uma escola inclusiva precisa oferecer condições para o desenvolvimento dos alunos, dessa forma, é preciso que o currículo escolar seja adequado para todos os alunos, ou seja, um ensino que propicie condições para o desenvolvimento de capacidades para reflexão, pensamento crítico. Neste processo de repensar a escola enquanto espaço inclusive é primordial que os professores passem por formações continuadas para que alcancem os conhecimentos que lhes darão apoio para pensar e planejar um trabalho educativo que promova aprendizagem aos diferentes sujeitos que compõem uma sala, independentemente de suas capacidades e níveis de conhecimentos, que precisam de adaptações curriculares para que a educação inclusiva possa ser efetivada de fato.

No Brasil, a educação é considerada um direito de todos amparado legalmente pela Constituição Federal (CF) de 1988, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) em 1996. Logo, os documentos supracitados deixam evidentes que é dever do Estado assegurar à criança e ao adolescente educação básica pública, obrigatória e gratuita, assim como o AEE alunos com NEEs, preferencialmente na rede regular de ensino.

O Parecer do Conselho Nacional de Educação (CNE) nº 5/2020 - item 2.3 deixou claro que é recomendado as medidas de acessibilidade devem ser garantidas, quando os alunos forem impedidos de cursar as aulas presencialmente. Esse Parecer deu abertura para o desenvolvimento da Educação à Distância (EaD), que na sua prática impactou a rotina de milhões de alunos, nomeadamente os com NEEs, pois essa clientela precisa de apoio escolar dos professores especialistas, cuidadores e outras estruturas de base que influenciam diretamente no processo educativo inclusivo (Reichenberger, 2020).

Nesse sentido, é importante mencionar a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) que traz a definição da pessoa com deficiência (PcD) como a que apresenta obstáculo em longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial que, em interação com uma ou mais empecilhos, existe probabilidade de prejuízo na plena participação em igualdade de

condições confiadas às demais pessoas. A prática tem comprovado que, dentre as necessidades desses alunos, estão a mediação do professor regente e do professor especialista, que acontece na sala de aula, o vínculo constituído entre professor-aluno nas estratégias de instrução/comunicação específicas e nas adequações curriculares, que são caracterizadas e indispensáveis (Brasil, 2015).

O ambiente escolar é enérgico e nesse contexto a aprendizagem acontece em todos os ambientes, como na sala de aula, laboratório, biblioteca, pátio, refeitório e outros, pois é a partir da interação com o outro que se contrai novos conhecimentos, o desenvolvimento é agenciado e as habilidades sociais são aperfeiçoadas, como asseverado na perspectiva sociocultural do desenvolvimento, pois conforme Rego (2001), os fatores biológicos têm preponderância sobre os sociais apenas no início do desenvolvimento, a partir de quando a criança desenvolverá formas de comportamento e pensamentos complexos com a interação social e objetos da sua cultura.

O aluno com deficiência, assim como todos os demais que estão inseridos na sala de aula, tem a probabilidade de desenvolver as suas funções psicológicas superiores na interação com os demais colegas e professores. É pertinente ressaltar que as funções psicológicas superiores podem ser compreendidas como funções que envolvem processos complicados, como memória, atenção, consciência, percepção, fala, pensamento, vontade, emoções e formação de conceitos. Tais processos se desenvolvem exclusivamente na raça humana pela interação social (Vigotsky, 2004).

Ressalta-se que é pela interação que a criança aprende símbolos e regras sociais, alcança a complexidade do pensamento e, mediante as aprendizagens, desenvolve-se ininterruptamente. Nesse processo, a escola permite múltiplas e constantes interações entre pessoas de distintas faixas etárias, pois este espaço é um local de interação, desenvolvimento de habilidades sociais, desenvolvimento e promoção humana, que usam uma variedade de habilidades comunicativas, cognitivas e sociais, assim como

proporcionam às crianças um estado de proteção, apoio e bem estar (Stainback & Stainback, 1999).

Vendramini, Maciel & Penna (2021), em suas pesquisas citaram a Unesco, pelo fato de informar que as aulas virtuais não têm atendido plenamente todos os alunos, devido às desigualdades sociais, mais acirradas com a pandemia. Diante disso, fatores importantes, como a falta de alimentação e renda; acesso à medicação, produtos básicos de higiene, redes de internet e equipamentos de tecnologia, como celulares, tablets e computadores, se atrelam às necessidades específicas de aprendizagem dos alunos com NEE.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil tem aproximadamente 11 milhões de analfabetos e uma grande parcela da população apresenta ensino fundamental e médio incompletos. Tais resultados refletem na reflexão de como e o quanto os pais poderiam apoiar esses filhos com NEEs nas suas dificuldades escolares, seja na leitura do material, seja na realização das atividades propostas. Diante disso, os professores deverão estar atentos às dificuldades comportamentais, de readaptação da rotina e de aprendizagem durante o processo gradual de retorno às aulas presenciais. Nesse caso, os aspectos e impactos emocionais devem ser considerados por refletir na aprendizagem escolar (Ibge, 2019).

Os impactos da pandemia na aprendizagem do aluno com NEEs provocaram ainda alterações emocionais e comportamentais foram: o confinamento; a exposição ao estresse vivenciado pelos pais; confusões familiares; violência; insegurança alimentar e de moradia; afastamento da escola, dos amigos e da rede de apoio social; sentimento de solidão; mudança de hábitos de sono e alimentação; acesso, sem limite de tempo e sem monitoramento à internet, assim como privação das atividades de lazer e de atividades físicas (Vendramini, Maciel & Penna, 2021).

Diante desses impactos causados pela pandemia do COVID-19 é indispensável continuar e nutrir os vínculos entre professores e alunos com NEEs, por mais que seja por alguns breves instantes, na forma virtual, auxiliando as famílias nas suas demandas, se tornando, de fato, pontes de sustento emocional para alunos e famílias. Pois, conforme Afonso e Fonseca (2021), em suas pesquisas os resultados mostraram que os professores avaliaram como ruim e mais preocupante a inclusão e a aprendizagem do aluno com deficiência, nesse momento de pandemia.

Nesse contexto, os professores passaram a assumir um papel fundamental na aprendizagem e no desenvolvimento do aluno com NEEs e, por esse motivo, necessitam de apoio e oportunidade para debater estratégias de atuação eficaz. Pois, gestores, coordenadores, cuidadores, gestores e outros colaboradores foram impactados pela pandemia, mas os professores foram atingidos de forma direta no seu trabalho, devido as adequações determinadas na atuação docente terem ocorridas de forma imediata, sem preparação prévia, pois conforme Santos & Lucena (2020), uma parte significativa de professores não estavam preparados com as aulas *on-line* e/ou com o uso de tecnologias com frequência. Ou seja, os professores não estavam qualificados para realizar atividades a partir dos recursos tecnológicos. Logo, professores que ainda não usavam a tecnologia ou metodologia ativa na sua aula, encontraram grande desafio, no que se refere às adaptações indispensáveis, seja pelo entendimento de que a pedagogia pode ser aplicada de forma virtual.

Vendramini, Maciel & Penna (2021), ressaltaram que os ambientes híbridos abrangem os ambientes físicos e digitais. Mas, eram importantes os episódios em que esses ambientes eram sobrepostos na forma prática. Esses ambientes híbridos têm preparo e artifícios que promovem a transmissão do conteúdo e a forma de aprendizagem, tanto o desenvolvimento de atividades no ambiente escolar físico, quanto os casos de aprendizagem em ambientes não escolares (virtuais), que tem a finalidade de promover o entrelaçamento entre professor-alunos e alunos-alunos, provocando novos arranjos comunicacionais, o que implica abertamente a formação continuada dos professores.

### ***2.1.3 A importância da formação continuada do professor no desenvolvimento da educação antes, durante e pós pandemia***

A partir de 2019 a pandemia do COVID-19 promoveu os cenários globais e locais que impactaram até a atualidade, onde emergiu a necessidade de repassar o conteúdo de forma remota, ou seja, sem contato direto, afetivo e social. Com isso, novos modelos quanto ao cumprimento de currículo escolar, horas-aula, efetividade das aulas remotas ou não, segurança da saúde escolar são, por exemplo, temáticas que vêm permeando várias reflexões. Pois, o processo educativo, especificamente não estava preparado para formar alunos, sobretudo os com NEEs. Logo, a formação docente se apresenta como um desafio para estes profissionais diante do cenário pandêmico (Araújo, et al. 2020).

Nesse cenário, as metodologias mais usadas para promover o ensino dos alunos foram vídeos, questionários, provas questionáveis e plataformas remotas direcionadas para fins educacionais que não cumprem funções, uma vez que educar vai além da transmissão de conteúdo. De forma específica, é pertinente ressaltar que a formação continuada surge nesse cenário como uma ferramenta fundamental para manter o profissional envolvido e preparado para desenvolver uma educação de qualidade. Pois, os dados alcançados durante a pesquisa, foi constatado que 70% dos 39 entrevistados tinham mais de 10 anos de docência e nesse período de trabalho, os professores ainda não tinham entrado em contato com aulas remotas, ou seja, as aulas *on-line*, sendo que seu primeiro contato direto na pandemia (Araújo, et al. 2020).

Nessa perspectiva, a formação continuada dos professores deriva de determinadas percepções atreladas ao desenvolvimento profissional destes, levando em consideração, a necessidade de seguir a inovação e o desenvolvimento associados ao conhecimento, à ciência e à tecnologia. Com isso, é importante levantar a conseqüente reflexão, como o programa para a formação continuada de professores aborda novas tecnologias e a linguagem computacional em seu desenvolvimento, notadamente, a formação à distância que se sustenta como tendência educacional nesses últimos anos. Logo, qualquer que seja o tipo de relação constituída, e as maneiras dos processos educativos, o professor é nesse

contexto uma figura indispensável para promover um ensino de qualidade, sobretudo, dos alunos com NEEs que requerem de métodos de ensino específicos para desenvolver sua aprendizagem (Dourado, 2015).

E, nesse aspecto, verifica-se o olhar desse profissional quanto a sua função ao lecionar e aplicar o conteúdo curricular foi verificado que 69 % dos professores inquiridos acreditavam que ocorreu um prejuízo na aplicação de conteúdo, pois alguns professores relataram determinados gastos extras com equipamento e internet, onde muitos disseram que a ausência de apoio acadêmico-tecnológico foi um fator que comprometeu a atuação docente, partir desta ótica é fundamental pontuar conforme os pressupostos de Barbosa (2014, p.2), que deixou evidente a “importância do professor na sociedade contemporânea, considerando a figura estratégica e insubstituível na construção de uma nova sociedade, é hoje um imperativo e, ao mesmo tempo, um desafio.”

Diante disso, se faz necessário promover uma ressignificação no processo de ensino e aprendizagem, por meio das competências e habilidades docente, e visto como o primeiro passo para constituir a formação continuada específica, ou seja, de acordo com a necessidade de aprendizagem do alunado, sobretudo, dos alunos com NEEs. Nesse contexto, é importante citar Nóvoa (2020), que declarou que uma das implicações da pandemia foi uma transformação que exigiu que os professores se adequassem a nova realidade. Nesse cenário hostil, a formação continuada dos professores se torna ainda mais importante, pois, promoveu uma nova roupagem para o processo de ensino, onde os professores tiveram que desenvolver práticas de ensino que despertassem a aprendizagem, principalmente dos alunos com NEEs.

A transição digital, através dos mais variados dispositivos, provocou uma mudança nas instituições de ensino. A partir disso, se fez necessário criar novos ambientes de aprendizagem, por isso, que a formação continuada dos professores é importante para moldar esses profissionais, conforme as necessidades dos alunos. Assim, pode-se dizer que a formação continuada de professores foi essencial nesse cenário, pois oferece

benefícios para todos inseridos na comunidade escolar, principalmente os alunos com NEEs. Sendo que, a formação continuada de professores promove adequações nas suas práticas de ensino que são desenvolvidas de acordo com as necessidades de cada aluno, principalmente os alunos com NEEs (Araújo, et al. 2020).

Em síntese, pode-se concluir que as práticas passam a ser permanentemente revisadas para estarem alinhadas com o projeto pedagógico da escola. Em um cenário pandêmico, a formação continuada tem o grande benefício de permitir que os professores aperfeiçoem suas práticas para o ensino à distância, ou seja, as aulas *on-line*. Pois, é fato ressaltar que esse cenário promoveu mudanças na atuação dos professores e na forma de aprender dos alunos, especificamente os com NEEs, tanto na alimentação e sono destes que passaram a influenciar de forma negativa tanto no ensino, como na aprendizagem.

## **2.2 Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19**

A pandemia do COVID-19 provocou mudanças na rotina de professores e alunos com NEEs que comprometeram ou não o processo de ensino e aprendizagem a partir da atividade docente, alimentação e sono. Sendo assim, as informações apresentadas na pesquisa em tela abrangeram a importância do sono para a aprendizagem dos alunos com NEEs, bem como a influência da alimentação na aprendizagem desses alunos, além da atuação docente diante das dificuldades dos alunos antes, durante e depois da pandemia do COVID-19.

### ***2.2.1 A importância do sono para a aprendizagem do aluno com NEEs***

Diante da manifestação da pandemia do COVID-19 no mundo inteiro, os padrões de sono sofreram mudanças decorrentes do isolamento social, pois os sentimentos de desamparo, tédio, solidão e tristeza, podem acarretar em reações comportamentais mais

comuns, tal como, alterações ou distúrbios do sono (insônia, dificuldade para dormir, ou excesso de sono, pesadelos recorrentes, etc.), dentre outras mudanças.

É pertinente ressaltar que o sono surge nesse contexto, que para algumas pessoas, conforme Silva & Paiva (2015, 2016). como uma obrigação diária, como sinônimo de perda de tempo, sendo muitas vezes colocado em segundo plano quando as pressões da vida diária aumentam. Diante do exposto, fica evidente que não é dada importância ao padrão do sono, pois a falta de sono traz efeitos que podem comprometer a qualidade de vida do aluno, sobretudo, no processo de ensino e aprendizagem.

Almondes (2017, p. 26) diz ainda que o sono “era considerado um fenômeno biológico que se caracteriza pela ausência ou redução da atividade cerebral, ou seja, era visto como um estado de inatividade que interrompia a vigília”, sendo que esta manifestava-se o maior momento de ativação cerebral do indivíduo, no caso isolado, dos alunos com NEEs Logo, o sono e vigília são considerados fenômenos biológicos que apresentam um caráter rítmico, que seguem um padrão.

Do ponto de vista comportamental, Azevedo, Belisio e Souza (2017), dizem que o sono é caracterizado pela manutenção dos olhos fechados e pouca movimentação corporal em uma postura típica, onde a capacidade de respostas aos estímulos ambientais é diminuída. Em contrapartida, quando se está em vigília, os olhos estão abertos, existindo elevada movimentação corporal. Ressalta-se ainda que um indivíduo dormindo é verificado a referente imobilidade, sendo considerável a diminuição na percepção do ambiente e na resposta a estímulos externos e em cada espécie se nota uma atitude, um horário e uma duração característica, pois em casos anormais/patológicas, outros comportamentos podem acontecer durante o sono, podendo abranger sonambulismo, falar enquanto dorme, ranger de dentes e outras atividades físicas.

Do ponto de vista fisiológico, Moreira (2015) diz que, variavelmente nos momentos de vigília, nos quais o eletroencefalograma (EEG) exibe ondas de alta frequência e baixa amplitude, durante o sono o EEG exibe ondas de baixa frequência e alta amplitude. Mas, é indispensável aqui apresentar uma caracterização entre as fases do sono, visto que elas são fisiologicamente diferentes. Nesse contexto, o sono define-se como um ritmo que tem internamente divisão em dois estados diferentes com base em um conjunto de parâmetros fisiológicos, chamado de arquitetura do sono.

Conforme Carskason e Dement (2011), esses dois estados, os movimentos oculares rápidos (REM) e os movimentos oculares não-rápidos (NREM), sendo estes últimos convencionalmente subdivididos em quatro fases: estágios 1, 2, 3 e 4. O padrão de EEG no sono NREM é habitualmente apresentado como sincrônico, com formas de ondas características, como as de Fuso, do complexo K e de baixa frequência e alta amplitude (ondas lentas). Sendo que a atividade mental é mínima ou fragmentada, a frequência cardíaca e respiratória, assim como a temperatura permanecem diminuídas

Em contrapartida, o sono REM, pelo oposto, para Schredl, Brennecke e Reinhard (2013), não se divide em fases, tem uma alta ativação mental notada no EEG, atonia muscular e episódios de movimentos oculares rápidos. Assim, há contrações musculares, irregularidades nas funções cardiorrespiratórias e a regulação da temperatura é diminuída, pois a alta atividade mental no sono REM humano, registra-se a partir do aparecimento de ondas de alta frequência e baixa amplitude no EEG, associado com a maior porcentagem de episódios dos sonhos durante a noite, sendo os sonhos ainda registrados, em menor quantidade, durante o NREM.

Carskadon e Dement (2011), narram que o sono inicia no estágio NREM e progride por meio de estágios mais profundos (estágios 2, 3 e 4) antes do primeiro episódio de sono REM que acontece cerca de 90 a 100 minutos após. Assim, o sono NREM e o sono REM acontecem de forma cíclica, com um período perto de 90 minutos, onde o sono apresenta dois sistemas reguladores: o sistema circadiano e o sistema

homeostático, que apesar de serem processos separados é a interação entre eles que motiva como o sono e a vigília serão distribuídos temporalmente e qual será a duração de cada um.

Borbély et al. (2016) em suas pesquisas dizem que o sistema homeostático diz sobre a propensão ao sono, sendo determinado pela quantidade de vigília anterior, influenciando a intensidade e a quantidade de sono posterior. Logo, a necessidade de sono se acumula ao longo do dia, abrangendo seu pico antes de dormir e se dissipando ao longo da noite. O referido sistema ajuda a elucidar o fato de se conferir maior quantidade de sono de ondas lentas (sono profundo) no começo da noite, como indicativo de maior intensidade do sono devido à grande pressão homeostática acumulada nas ocasiões de vigília anteriores.

Almondes (2017), ao abordar sobre o sistema circadiano, deixa evidente que esse processo pode ser evidenciado por meio das fases dos ritmos circadianos de temperatura central e de secreção de melatonina que apresentam relação normal com o ciclo sono e vigília. No padrão circadiano do sono, o ritmo de seriação das atividades biológicas cíclicas dura em torno de 24 horas, pois o citado sistema é responsável pela regulação de vários ciclos do organismo, tais como: sono-vigília, temperatura corporal, ingestão de água e alimentos e a secreção hormonal.

Apesar de o controle circadiano ser feito por um sistema multi-oscilatório, Leyser (2018), diz que esse sistema é o oscilador principal do núcleo supra-quiasmático do hipotálamo (NSQ), sendo influenciado por aspectos ambientais, como luz, barulhos, temperatura etc., além de aspectos sociais, como rotina, compromisso, hábitos de sono etc., onde o principal sincronizador ambiental dos ritmos biológicos é o ciclo claro-escuro, pois na presença da luz ocorrem modificações na fase do relógio circadiano. Nesse processo, a informação sobre claro ou escuro é enviada, via trato retino-hipotalâmico, da retina (receptor único da informação) para o NSQ, posteriormente a isso, são enviadas informações para a glândula pineal, reguladora da liberação de melatonina, responsável

pela sincronização no marcador circadiano, que é secretada no começo do sono, libertada em ambientes com baixa luminosidade e suprimida na presença da luz (Silva & Paiva, 2016).

Segundo Moreira (2015), pode-se caracterizar o sono ainda pela preferência biológica do indivíduo (cronotipo) no que se refere à hora de dormir (repouso) e a de realizar tarefas acadêmicas e de trabalho (atividade), sendo classificados em matutinos, preferência natural por acordar e dormir mais cedo; vespertinos, preferência por dormir e acordar em horários mais tardes; intermediários, que conseguem se adaptar tanto a horários matutinos quanto vespertinos sem danos em suas performances, pois nesse processo devem-se levar em consideração as diferenças individuais quanto à duração do sono, existindo indivíduos que precisam de, no máximo, 6h30 de sono, e esses os que precisam de, no mínimo, 8h30 de sono, sendo que os dois tipos podem combinar-se de diferentes maneiras com os cronotipos.

A ação do processo homeostático e circadiano do sono, conforme Azevedo, Belisio e Souza (2017), pode ser influenciado pelos hábitos diários, bem como por fatores comportamentais que podem inibir a ação dos dois processos, podendo ocorrer de forma direta, como por exemplo, atrasos nos horários de dormir ou permanecer a noite acordado em função de atividades relacionadas aos estudos, trabalho e lazer, apesar de o processo homeostático e circadiano do sono estejam muito elevados.

Segundo Almondes (2017):

A interação entre os componentes de regulação do sono homeostático e circadiano e os fatores comportamentais acontece de forma diferente entre os indivíduos de uma mesma faixa etária, bem como ao longo da ontogênese, acarretando em diferentes necessidades quanto a duração ideal de sono diário e quanto aos horários preferenciais de dormir e acordar (Almondes, 2017, p. 39).

A partir do exposto, fica evidente a importância no padrão do sono, que são influenciados pelos componentes de regulação supracitados, como também pelos fatores comportamentais que variam de indivíduo para indivíduo. Pois, o sono contribui para várias funções do organismo humano, tendo um papel fundamental para a manutenção da saúde, do bem estar e do desempenho, sendo fundamental para a cognição.

### ***2.2.2 A influência da alimentação na aprendizagem de alunos com NEEs***

A alimentação na aprendizagem de alunos com NEEs é quesito fundamental para promover um ensino de qualidade. Assim, com a pandemia do COVID-19, essa alimentação ficou comprometida, onde os hábitos alimentares foram alterados e passaram a influenciar de forma negativa na aprendizagem dos alunos e na atuação docente, pois hábitos alimentares interferem diretamente na qualidade de vida do alunado.

Bezerra (2021) em suas pesquisas ficou evidente que a alimentação não se resume somente às necessidades biológicas, mas sim como um ato composto de significados sobre os alimentos, pois o ato de alimentação, vai além de suprir a demanda nutricional, hoje está agregado de valores e necessidades, sofreu mudanças em níveis culturais, familiares, econômicos. Logo, com a pandemia do COVID-19, tanto professores, como alunos, sobretudo, os com NEEs tiveram seu psicológico abalado, devido o fechamento das escolas, em decorrência do isolamento social mudaram seus hábitos alimentares, que na sua grande maioria influenciaram de forma negativa na qualidade de vida destes.

Nessa perspectiva, França et al. (2012), a partir de suas pesquisas disseram que os aspectos psicológicos influenciam na manutenção de uma alimentação saudável, especialmente no que diz respeito aos sentimentos, que repercutiram de forma negativa na concepção de uma nutrição saudável, como por exemplo: tristeza, angústia, depressão, ansiedade, problemas familiares ou baixa autoestima. Assim, se analisa que as emoções como alegria e motivação foram aliadas para que o comportamento alimentar saudável

seja seguido. Dessa forma, fica o entendimento de que esses sentimentos são essenciais para que haja hábitos alimentares adequados.

O isolamento social/quarentena se apresenta como uma forma eficiente para estancar o avanço do novo coronavírus, mas, pode promover em implicações no estilo de vida dos alunos, especificamente, de maneira inevitável, a dizer algumas delas como sendo: modificações no sono; maior ingestão de bebidas alcoólicas; sedentarismo; e interferências nos hábitos alimentares. Não apenas a esse fenômeno, entende-se que a falta do convívio social, a separação da família ou perda de algum componente dela, a incerteza sobre as questões envolvendo a doença, tédio, combinadas com o acesso recorrente à mídia ainda cooperam para sentimentos negativos relacionados à pandemia do COVID-19 (Durães et al., 2020).

Malta et al. (2020) & Oliveira et al. (2021), ressaltaram que a mudança no estilo de vida e nos costumes alimentares dos alunos se tornou notória, e, conforme a sua pesquisa, o consumo de vegetais e frutas diminuiu de 37,3% para 33% até o período pesquisado de isolamento social. Em contrapartida, o consumo de produtos industrializados, como biscoitos, salgadinhos, bolos, chocolates e entre outros houve um aumento de 54,2% para 63%. Pois, esse acúmulo de dados do contexto atual de pandemia gerou no aluno uma sobrecarga emocional, fazendo com que o mesmo passasse a comer de maneira exacerbada e, principalmente alimentos que provocam a mudança no humor, como alimentos compostos por açúcar ou carboidratos simples.

Conforme as pesquisas de Durães et al. (2020), as alterações envolvendo o comportamento alimentar podem ser compreendidas à luz da psicopatologia e das influências ambientais. O estresse contínuo, podendo ser associados a sintomas depressivos e ansiosos, eleva os níveis de cortisol no corpo, provocando o aumento da vontade de alimentos doces e ricos em carboidratos. Sendo assim, se entende que a falta de hábitos saudáveis no isolamento pode ser explicada pela hipótese da falta de alguns

alimentos com composições ricas em gorduras saturadas, sal, açúcar, com elevado valor energético, contribuindo para o desenvolvimento de complicações como a obesidade.

Dalton e Demoliner (2020), dizem que o isolamento está intrinsecamente relacionado a uma alimentação carente de vegetais e frutas frescas. Pois, os alimentos como grãos não refinados, verduras, frutas, peixe, azeite de oliva cooperam para o não surgimento de sintomas depressivos e ansiosos, mas, no que diz respeito aos alimentos gordurosos e doces houve maior desenvolvimento desses sistemas. Sendo assim, por outro lado, o impacto vivenciado aos hábitos alimentares decorrente do isolamento e pandemia do COVID-19 corresponderam à segurança do alimento, de como ele é produzido, manuseado e comercializado, assim, pode ser observado o impacto econômico relacionados aos alimentos naturais, já que as pessoas dão preferência aos industrializados, pela procedência e pela facilidade de acesso.

Entende-se que a população mais suscetível às essas condições, em termos econômicos, sociais e sanitários foi a mais impactada, conforme explicita Durães et al. (2020); Lima & Soares (2020), as implicações provocadas pela inadequação dos hábitos alimentares abrangem a disfunção da função imunológica, a ocorrência ou fator predisposto à obesidade, cooperam ainda para o aumento da morbidade e mortalidade de infecções. Logo, se alimentação for conduzida de maneira adequada pode beneficiar os mecanismos de defesa nas fases de prevenção ou recuperação de doenças infecciosas, tanto dos professores, como dos alunos com NEEs.

Diante do exposto, ficou evidenciado que na pandemia do COVID-19 os alimentos foram configurados como alimentos saudáveis e não-saudáveis, que influenciam diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Assim, Bezerra (2021) ressaltou que os alimentos saudáveis no período intenso da pandemia foram menos consumidos, mas, os alimentos não-saudáveis mais consumidos foram os alimentos ultraprocessados. Estes são caracterizados como alimentos industrializados, que são dispostos para o comprador de forma pronta ou quase pronta para o consumo, e que para serem produzidos passam

por várias etapas e mecanismos de processamento. Logo, se constituem de matérias-primas como oleaginosas, gorduras, açúcares, etc.

Os alimentos industrializados, nas fases de processamento algumas técnicas são introduzidas, como: uso de corante ou produtos que realcem o sabor do alimento; uso de outros componentes extraídos de outros alimentos, a exemplo de óleos. Logo, são consumidos com maior frequência por conta da facilidade de consumo, sem que haja preparo anterior, para refeições como lanche, sobremesa ou até para as principais. No Brasil a maior influência na ingestão de comidas ultraprocessadas em decorrência do estilo de vida dos alunos, que dão preferência à uma alimentação rica em gorduras saturadas e açúcares, como aida, na facilidade do preparo e na busca da praticidade. Com isso, foram reduzidos os índices do consumo de alimentos in natura, como frutas ou leguminosas (Beltrão, 2016).

Diante do exposto, ficou evidente que a alimentação é fator importante e necessário no ensino dos professores em promover uma aprendizagem de qualidade para os alunos com NEEs. Logo, os hábitos alimentares foram alterados diante do momento vivenciado pelo isolamento social/quarentena, que influenciou diretamente na atuação dos professores diante de suas práticas de ensino. Pois, a ingestão de alimentos industrializados podem comprometer a saúde dos professores e, automaticamente a sua atuação na sala de aula.

### ***2.2.3 A atuação docente diante das dificuldades de alunos com NEEs na pandemia do COVID-19***

Segundo Aguiar, Paniago e Cunha (2020), na sociedade contemporânea, os avanços na produção de conhecimentos científicos e tecnológicos, o aparecimento da pandemia do COVID-19 e as várias formas de relações sociais decorrentes dessas transformações deixam evidentes que os professores precisam se atualizar com constância os seus conhecimentos e suas práticas de ensino. Pois, nesse movimento constante de

mudanças, é fundamental questionar sobre os saberes da prática educativa dos professores das distintas etapas de ensino.

No Brasil, especificamente no final do século XX, Freire (1996), apresentou uma reflexão que condiz com o panorama atual da educação brasileira, saberes estes que são considerados indispensáveis na prática pedagógica dos professores, colocando a pesquisa como eixo norteador de aprendizagens, tanto para o educando, como para o docente; onde este precisa atuar pautado na busca, na inovação, na indagação do conhecimento e, a partir deste processo, com a proposta de emergir o aluno na busca pelo conhecimento, propondo que a pesquisa apresente um mundo de possibilidades para conhecer o que ainda não se conhece.

A pesquisa, além de amparar, ainda dá suporte para que os alunos possam entender o novo, considerando as novas experiências vivenciadas no cenário contemporâneo pautado na mudança. Nesse momento complexo, provocada pela pandemia do COVID-19, a pesquisa se apresentou como uma ferramenta que auxiliou os professores a confrontarem as suas antigas práticas com as novas, procurando a inovação, pois para Freire (1996) ensinar inexistente sem aprender, com isso, é indispensável os professores desenvolvam pesquisas em sua prática, como um conhecimento essencial para desenvolvimento de novas habilidades de ensino no formato de aulas não presenciais, ou seja, aulas *on-line*.

Ao consolidar com Freire (1996), Paniago (2017) diz que a pesquisa é considerada como uma possível reconstrução de novas práxis pedagógicas, mas, para tal, o professor deve estar imerso na pesquisa e na ação desta. É necessário colocar em prática a pesquisa-ação, onde o professor desenvolve uma investigação para propor ações transformadoras em sua sala de aula e, para tal, é indispensável a autorreflexão contínua. Logo, é necessário se amparar em outras teorias, conhecimentos produzidos por outras pessoas alheios a prática educativa, mas, é fundamental que os professores analisem, fazendo uma reflexão sobre a sua práxis e a mudem, produzindo conhecimentos novos.

Aguiar, Paniago e Cunha (2020), dizem que a pesquisa sobre a prática faz com que o professor passe a refletir, de forma crítica, sobre ela, aperfeiçoando-a, mudando-a, enfim, promovendo uma inovação. Com isso, o professor pesquisador vê a mudança como pressuposto para aceitar o novo, ou seja, o ensino diferenciado, e, a partir daí, se torna protagonista da revolução educacional do século XXI. Nesse contexto, o professor diante de um cenário pandêmico, como o da COVID-19, que resiste e não muda a sua prática, ainda desenvolve aulas pautadas na mesmice, pois vivencia-se um processo intenso e caótico que requer ações emergenciais e reformulação das práticas docentes.

Diante do caos econômico e social, os professores a partir de suas práticas de ensino praticamente foram obrigados a usar os recursos tecnológicos nas aulas *on-line*. Com isso, foi necessário realizar ajustes nas suas práticas de ensino envolvendo as tecnologias. Com isso, Moran (2020) diz que nesse novo processo de ensino, o professor deve ser considerado o mediador da aprendizagem, instigando e conduzindo o aluno ao caminho da descoberta, da aprendizagem; exigindo o domínio das tecnologias e das metodologias ativas, pois é um processo de reinvenção das práticas de ensino docentes.

Sendo assim, o professor a partir do uso dos recursos tecnológicos passa a ver a tecnologia como uma aliada em sua prática, auxiliando o aluno no seu processo de construção e reconstrução do conhecimento, como dizem Araújo, et.al., (2017), que a adesão ao uso desses recursos tecnológicos possibilitou a atuação docente diante do ensino de alunos com NEEs. Logo, a partir do advento da pandemia promovida pelo COVID-19, fez surgir uma nova realidade na educação básica, o ensino por meio de aulas *on-line*, com a finalidade de manter todas as atividades pedagógicas, sem a presença física dos alunos na escola, mas, garantindo o ensino dos professores e a aprendizagem dos alunos em período de pandemia.

Conforme Aguiar, Paniago e Cunha (2020), o estar juntos virtualmente, ao aposto da EaD, materializa uma aprendizagem assistida pelas tecnologias digitais e, ao mesmo tempo, fica remetido a determinadas reflexões: O professor está preparado para essa nova

transposição de sua prática pedagógica? As Secretarias Educacionais oportunizaram condições financeiras ou humanas, para que acontecesse esse preparo em um curto espaço de tempo? A partir disso, o professor precisa que repensar sua prática pedagógica, revendo com isso, a mobilização de estratégias e recursos didáticos, enfim, rever o seu saber fazer docente.

Diante disso, Aguiar, Paniago e Cunha (2020), dizem que é fundamental compreensão das mudanças sociais, a evolução tecnológica, ou seja, a dinâmica social contemporânea. Com isso, não há como negar o uso das tecnologias, ao oposto, é fundamental fazer uso delas e compreender que existe várias formas de disseminar o conhecimento aos alunos, formando-os, de maneira consciente, ao uso de informações, sendo que a internet é o caminho mais rápido e eficaz nesse cenário modificado pela pandemia do COVID-19.

Sendo assim, Alarcão (2011) ao pontuar que se vive em uma sociedade em que os recursos tecnológicos desempenham um poder esmagador, com influência multifacetada, que determina, por sua vez, o desenvolvimento de novas competências formativas por parte dos professores. Logo, os professores não são mais considerados como transmissores do conhecimento, e sim mediadores, sendo que papel é apontar caminhos, possibilidades para os seus alunos possam reconstruir seus conhecimentos.

Nessa sociedade marcada por transformações, não é mais possível que os professores sejam apenas transmissores de conhecimento, pois em sua prática, estratégias didáticas sustentadas em aulas expositivas. Ao contrário, a situação atual obriga mudanças no fazer docente, de modo a se transformar em práxis de ensino, pois para Paniago (2017), os inúmeros conhecimentos necessários à docência são imprescindíveis para o saber fazer docente neste novo formato de aulas não presenciais, ou seja, aulas *on-line*.

Para Aguiar, Paniago e Cunha (2020), a atuação docente diante das dificuldades dos alunos com NEEs na pandemia do COVID-19 buscou capacitar os professores a partir do conhecimento do conteúdo, indispensável para desenvolver uma prática pedagógica que oportunizam condições para que o aluno aprenda, bem como desenvolver um conhecimento pedagógico relacionada à forma como o professor conduz a aula, como ensina determinado conteúdo, define estratégias, encontra uma maneira de fazer a aproximação do conteúdo ao contexto real do aluno com NEEs, compreendendo a necessidade de se desenvolver uma aprendizagem em sala de aula, levando a compreensão de que cada aluno tem uma forma e tempos de aprendizagens diferentes, uma vez que o aluno é um ser único com características e particularidades específicas. Nesse cenário pandêmico a relação entre professor/aluno é essencial. Nesse formato de aulas não presenciais, ou seja, aulas *on-line* essa relação tornou-se essencial, é o que vai aproximar alunos e professores separados fisicamente.

Ainda de acordo com Aguiar, Paniago e Cunha (2020), o professor precisa desenvolver a empatia, ser carismático e compreender as dificuldades dos alunos com NEEs diante do desenvolvimento de das atividades, pois existe o obstáculo dos problemas de acesso à internet pela maioria dos alunos, o que inviabiliza a participação destes nas aulas *on-line*. Finalmente, é importante ressaltar que várias situações foram provocadas pela pandemia, onde os professores passaram a ser estimulados a repensar a sua prática pedagógica e se despertar para a necessidade de se inovar, mudar suas aulas para atender as demandas de uma sociedade que está em constante mudança, todavia, o saber fazer docente é considerado uma metamorfose.

### 3. Estudo Empirico

#### 3.1. Contextualização e Participantes

A pesquisa foi realizada em duas escolas localizadas no Município de Santana, sendo a Creche Iraídina Pinheiro Sanches localiza-se na Rua Getúlio Vargas, no Bairro Paraíso, município de Santana/AP (Figura 1).



Figura 1. Creche Iraídina Pinheiro Sanches

A creche Iraídina Pinheiro Sanches, foi inaugurada em 06 de junho de 2012. Mas, atualmente a Creche está com 09 anos de plena atividade, na modalidade de Ensino Educação Infantil, hoje possui 03 salas de aula na Matriz, onde funcionam as turmas manhã e tarde. Mas, a procura de vagas para educação infantil aumentou, e a pedido de diversos pais e moradores do bairro mutirão, houve a necessidade de implantar um anexo com mais 3 salas de aula na Creche no mesmo perímetro da escola; para atender mais crianças do bairro e adjacentes. Na atualidade estão matriculados 240 alunos nos turnos manhã e tarde, na Matriz e Anexo, bem como 30 servidores.

Em contrapartida, a pesquisa também abrangeu a Escola Estadual Osvaldina que foi criada em 02 de fevereiro de 1944, Através do Decreto nº 03/1944. A mencionada

escola se localiza na Avenida Peter Van Schupemberg, n. 90 – Ilha de Santana, cadastrada no MEC, com o código de nº 16004469, com tipologia de escola de zona rural.

A Escola Estadual Osvaldina, presta atendimento funcionando em dois turnos (manhã e tarde) para uma clientela de 649 alunos, distribuídos nas seguintes etapas e modalidades de ensino: Ensino Fundamental de 09 anos: 5º ano (01 turma), 6º ano (04 turmas), 7º ano (02 turmas), 8º ano (02 turmas). Ensino Fundamental de 08 anos, 8ª série (01 turma), Ensino Fundamental EJA, 3ª etapa (01 turma), 4ª etapa (01 turma) Ensino médio inovador: 1º ano (02 turmas). Ensino Médio Regular: 2º ano (02 turmas), 3º ano (02 turmas).



Figura 2. Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva

A Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva através de seus vários segmentos elaborou o presente documento que servirá de norte no enfrentamento aos desafios do cotidiano da escola, de forma sistematizada, consciente e participativa. Faz uma projeção da intencionalidade educativa, define uma proposta de grupo contextualizada e partilhada que expressa a finalidade da escola na formação para a cidadania, levando em conta a LDBEN, nº. 9394/1996.

Os participantes do estudo foram: 21 professores, sendo estes do ensino regular e ensino especial das referidas escolas campos de pesquisa; 15 pais e/ou responsáveis dos alunos com NEEs matriculados na Educação Infantil da Creche Iraídina Pinheiro Sanches

e 15 alunos com NEEs matriculados no Ensino Fundamental II da Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva. Totalizando em 51 participantes, abrangendo a rede municipal e estadual de ensino.

## **3.2 . Metodologia**

### ***3.2.1. Critérios de inclusão e exclusão dos participantes***

Os critérios de inclusão dos participantes foram: Professores (ensino regular e especial) que lecionam com crianças e/ou adolescentes com NEEs que atuam na Creche Iraídina Pinheiro Sanches e na Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva; Apenas pais e/ou responsáveis legais que representem os seus filhos matriculados na Creche Iraídina Pinheiro Sanches, pois são crianças que não tem autonomia para responder os questionamentos da investigação; Apenas os participantes/representantes que optaram em participar das pesquisa; Apenas os alunos com NEE da Creche Iraídina Pinheiro Sanches, especificamente da educação infantil e na Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva, especificamente do ensino fundamental II.

Em contrapartida, os critérios de exclusão foram: Pais e/ ou responsáveis de crianças ou adolescentes que não tem NEE; Professores que não lecionam alunos com NEE; Professores, pais e alunos de outras escolas, que não seja a Creche Iraídina Pinheiro Sanches e a Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva; Professores, alunos, além de pais e/ ou responsáveis que optem em não participar.

### ***3.2.2. Procedimento de acesso ao grupo de participantes***

Posteriormente à obtenção da aprovação do projeto pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa (no Porto, Portugal) com o nº FCS/PI – 177/21 em 12 de

Maior de 2021 e pela Plataforma Brasil com o CAAE 52121621.2.0000.5021, e da autorização das instituições de ensino, a autora do projeto entrou em contato direto com os participantes da pesquisa nas escolas: Creche Iraídina Pinheiro Sanches e a Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva, no momento das aulas. Dados os constrangimentos impostos pela pandemia, os dados foram coletados por meio de um formulário estruturado com perguntas abertas e fechadas, construído no Google e enviado um link para os participantes da pesquisa. Todos os participantes forneceram consentimento informado.

### ***3.2.3. Instrumento***

O instrumento de colheita de dados insere-se num estudo desenvolvido em Portugal (Paiva et al., 2021) e adaptado ao presente estudo. No caso dos professores, o questionário engloba perguntas relativas aos seus dados sócio-demográficos, da sua atividade docente e dos seus hábitos alimentares e de sono antes e durante a pandemia por COVID-19. Já com os pais e / ou responsáveis de alunos com NEEs da educação infantil, bem como, dos alunos com NEEs do ensino fundamental II, o formulário engloba perguntas relativas aos seus dados sociodemográficos, escolares e dos seus hábitos alimentares e de sono antes e durante a pandemia por COVID-19.

### ***3.2.4. Análise estatística***

Os dados foram armazenados e tratados com recurso ao programa Microsoft Excel. Os resultados serão apresentados na forma de frequências e de médias, desvio-padrão, mediana, mínimo e máximo. Para comparar as questões utilizou-se o teste de Wilcoxon. O nível de significância considerado foi de 5% ( $p < 0,05$ ).

## 4. Apresentação e Discussão dos resultados

### 4.1. Apresentação das análises estatísticas dos professores

A maioria dos Professores (9,5%) que participaram no nosso estudo (n= 21) apresentaram idades iguais ou superiores a 32 anos (Gráfico 1).

#### 1. Qual a sua idade?

21 respostas

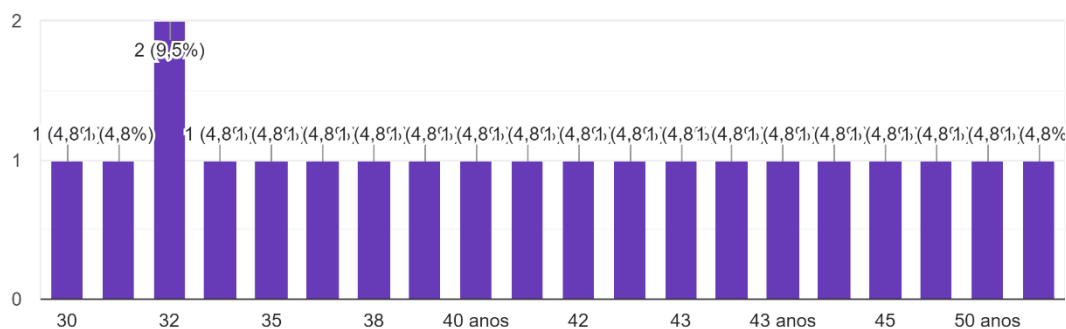


Gráfico 1 - Idades dos Professores (n=21).

No que se refere a idade dos participantes, o Gráfico acima ilustrou que a faixa etária dos participantes compreendem entre a idade de 30 anos à 50 anos de idade. É pertinente ressaltar que essa abrangência apresentou os mesmo quantitativo.

No gráfico 2, a maioria dos Professores (66,7%) que participaram no nosso estudo (n= 13) sendo que 66,7% foram do sexo feminino (Gráfico 2).

#### 2. Sexo

21 respostas

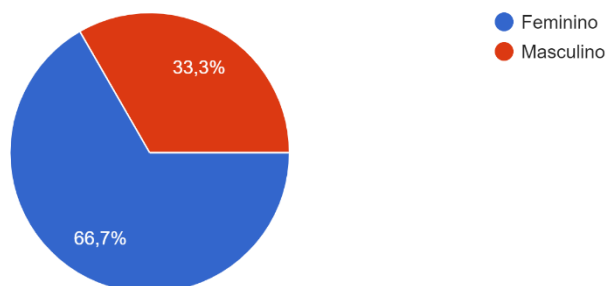


Gráfico 2. Sexo dos Professores (n=21).

Cerca de 33,3% dos professores eram solteiros, 38,1% viviam em união de fato e 23,8% eram casados (Gráfico 3).

### 3. Estado civil.

21 respostas

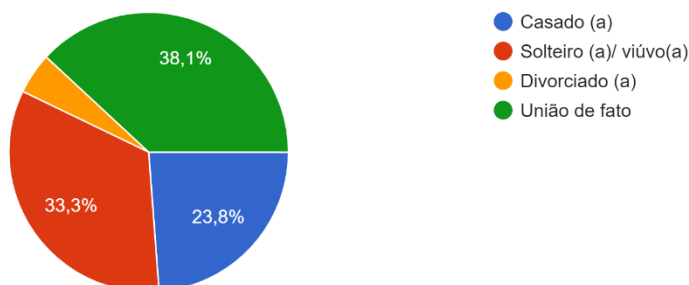


Gráfico 3 – Estado Civil dos (as) professores (as)

No gráfico 4, a maioria dos Professores (9,5%) que participaram no nosso estudo (n= 2) sendo que 66,7% tem curso de pós-graduação (Gráfico 4).

### 4. Há quanto tempo você trabalha na educação?

21 respostas

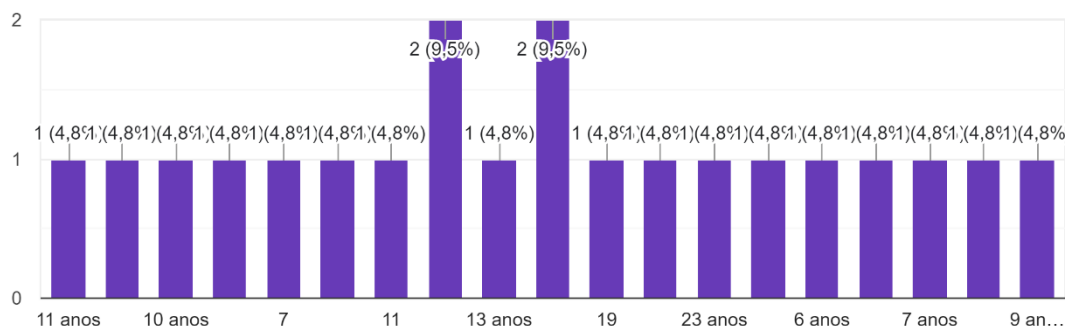


Gráfico 4 – Tempo de atuação dos (as) professores (as) na educação

De acordo com os dados apresentados, constatou-se que a atuação docente variou entre 7 anos até 23 anos de tempo. Logo, acredita-se que o tempo de atuação transforma-se em experiência para o docente. Sendo assim, a formação acadêmica denotou que a maioria desses profissionais investem na sua formação continuada (Gráfico 5).

5. Qual sua formação como professor?

21 respostas

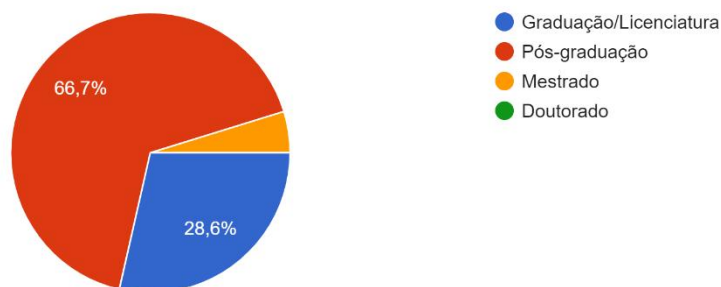


Gráfico 5 – Formação acadêmica dos (as) professores (as).

A partir do exposto, pode-se ressaltar que a maioria dos participantes têm cursos de pós-graduação notou-se que os investimentos na formação continuada estão acontecendo de fato.

No gráfico 6, a maioria dos Professores (81%) que participaram no nosso estudo (n= 20), responderam que sim, que estão preparados para trabalhar com os alunos com NEE.

6. Você está preparado para trabalhar com alunos com NEEs?

21 respostas

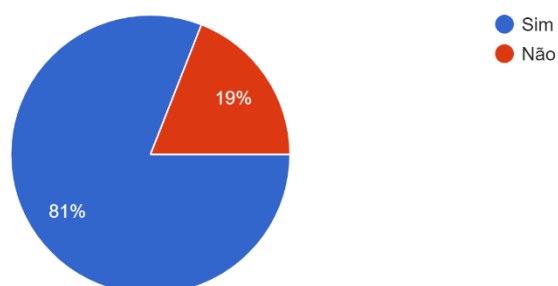


Gráfico 6 - Se os (as) professores (as) estão preparados (as) para atuar com os (as) alunos (as) com NEE

Os professores preparados (81%) para atuar com os alunos com NEEs fizeram cursos de formação continuada, sendo citados pelos participantes os cursos foram: Curso sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); pós graduação em educação inclusiva, pós

graduação em educação especial, psicopedagogia, educação inclusiva em Perturbações do Espectro do Autismo.

Na Tabela 1 ficou registrado algumas dificuldades dos professores acerca do desenvolvimento do ensino dos alunos com NEE.

Tabela 1 - Antes da pandemia, qual era a sua maior dificuldade em termos de ensino dos alunos com NEEs.

Dificuldade apresentada pelo professor (es)	N	%
Dificuldade em trabalhar com alunos com NEE	2	9
Era com conduzir a aprendizagem e obter êxito no final	4	17
Material adaptado para os alunos com NEE	5	22
Falta de recursos e a falta de formação continuada	3	13
Ausência da família	2	9
Aceitação dos pais	2	9
Saber lidar com as especificidades dos alunos	2	9
Adaptação do currículo	1	4
Falta de estrutura física nas escolas	1	4
Atendimento no contra turno	1	4
	21	100%

Segundo os dados apresentados, as dificuldades apresentadas pelos professores diante do desenvolvimento das práticas de ensino dos alunos com NEEs foram variadas, o que comprova que os professores tem muitas dificuldades em desenvolver um ensino inclusivo, .

Almeida e Montino (2021) em suas pesquisas ressaltaram que as dificuldades dos professores diante da educação inclusiva está na falta de investimentos na formação continuada. Assim, com a pandemia do COVID-19, com a suspensão das aulas presenciais, para as aulas *on-line* foi o momento que se comprovou que muitos profissionais não estavam preparados. Logo, a falta de formação comprometeu a atuação docente no desenvolvimento de uma educação inclusiva.

No gráfico 7, a maioria dos Professores (76,2%) que participaram no nosso estudo (n= 15), acreditavam que a educação inclusiva acontecia de fato. Sendo assim, os

participantes da pesquisa (Tabela 2) apresentaram uma relação de ações que tinham a finalidade de incluir os alunos com NEEs na sociedade.

8. Você acredita que antes da pandemia, a Educação Inclusiva acontecia de fato?

21 respostas

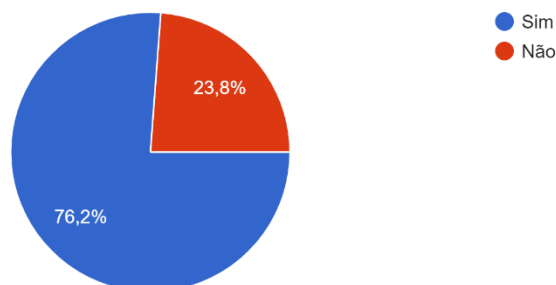


Gráfico 7 – Se os (as) professores (as) acreditam que antes da pandemia, a Educação Inclusiva acontecia de fato;

Os dados apresentados no Gráfico acima demonstraram que a educação inclusiva acontecia de fato, pois ficou evidenciado que as escolas desenvolviam estratégias para que os alunos com NEEs pudessem se desenvolver. Logo, antes da pandemia, os professores, fazia para que seus alunos com NEEs fossem inclusos na sociedade onde vivem, conforme a Tabela 2.

Tabela 2 – Respostas dos Professores à questão: “Antes da pandemia, o que você, enquanto professor, fazia para que seus alunos com deficiência fossem inclusos na sociedade onde vivem?”

Atuação docente antes e depois da pandemia	N	%
Adaptação das atividades e orientações com as famílias	2	9
Promovia a inclusão a partir das atividades diárias de todos os alunos	6	30
Trabalhando com as adversidades de interesse e ritmos de aprendizagem	2	9
Desenvolvia um planejamento adaptado para o aluno com NEE	3	14
Buscava sempre demonstrar que todos tinham o direito de interação na sociedade	1	5
Enfrentar desafios para oferecer uma educação de qualidade	1	5
Trabalhava com materiais adaptados com finalidade de despertar o interesse pela aprendizagem dos alunos com NEE	2	9
Ensinando os alunos a respeitar as diferenças	2	9
Promovia a interação dos alunos com NEE em todos os ambientes escolares	1	5
Atividades adaptadas de acordo com as dificuldades dos alunos	1	5
Total	21	100

Segundo os dados apresentados pelos participantes, muitas ações eram realizadas para que os alunos com NEE fossem inclusos na sociedade onde vivem. Logo, pode-se ressaltar que o processo inclusivo por parte dos professores estão seguindo os pré-requisitos da educação inclusiva.

Para Almeida e Montino (2021), o processo de inclusão não é tão fácil como parece, pois, são muitos os desafios encontrados no caminho, como a falta de preparo docente, o que acaba comprometendo o ensino dos alunos com NEE. Sendo assim, é pertinente ressaltar que todos precisam estar envolvidos no processo inclusivo para que de fato aconteça.

A inclusão é algo que precisa do apoio de toda a sociedade, devido às adversidades, portanto, a qualificação dos profissionais é extremamente necessária, para conseguir oferecer uma educação de qualidade. Sobre o assunto, Mantoan (2015) considera que, o motivo que sustenta a luta pela inclusão como uma nova perspectiva para pessoas com deficiência é a qualidade de ensino nas escolas, de modo que se tornem aptas para responder às necessidades de cada um de seus alunos, de acordo com suas especificidades.

No gráfico 8, a maioria dos Professores (61,9%) que participaram no nosso estudo acreditam que o poder público municipal de Santana/AP está preocupado com o desenvolvimento da educação especial na perspectiva inclusiva, o que estimulou os professores a desenvolver várias formas adaptar os conteúdos para seus alunos com NEEs.

10. Você acredita que, antes da pandemia, o poder público municipal de Santana/AP estava preocupado com a Educação Especial na perspectiva inclusiva?

21 respostas

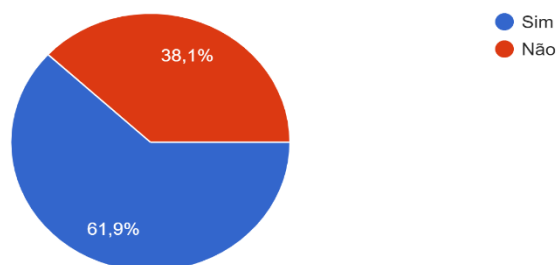


Gráfico 8 – Se os (as) professores (as) acreditam que, antes da pandemia, o Poder Público Municipal de Santana/AP estava preocupado com a Educação Especial na perspectiva Inclusiva.

Segundo os dados apresentados no Gráfico 8, a maioria dos professores acreditam que o poder público municipal de Santana/AP estão preocupados com o desenvolvimento da educação especial na perspectiva inclusiva. Por isso, realizam ações para que os alunos com NEE sejam incluídos nas redes regulares de ensino, conforme os dados apresentados na Tabela 3.

Tabela 3 - Antes da pandemia, que formas você utilizava para adaptar os conteúdos para seus alunos com NEE

Atuação docente antes da pandemia	N	%
Adaptação das atividades e orientações com as famílias	1	5
Promovia a inclusão a partir das atividades diárias de todos os alunos	2	9
Trabalhando com as adversidades de interesse e ritmos de aprendizagem	3	14
Desenvolia um planejamento adaptado para o aluno com NEE	3	14
Buscava sempre demonstrar que todos tinham o direito de interação na sociedade	2	9
Enfrentar desafios para oferecer uma educação de qualidade	2	9
Trabalhava com materiais adaptados com finalidade de despertar o interesse pela aprendizagem dos alunos com NEE	5	25
Ensinando os alunos a respeitar as diferenças	1	5
Promovia a interação dos alunos com NEEs em todos os ambientes escolares	1	5
Atividades adaptadas de acordo com as dificuldades dos alunos	1	5
	21	100

Na Tabela 3, ficou listado a atuação docente diante da adaptação de conteúdos para os alunos com NEE. Logo, pode-se ressaltar que a educação inclusiva requer a atuação de toda a comunidade escolar, onde as escolas precisam ser acessíveis, com finalidade de incluir esses alunos nas redes regulares de ensino.

A educação inclusiva, conforme Almeida e Montino (2021), é um novo modelo de educação que vem sendo implantado no ensino regular é uma maneira de acabar com o preconceito contra as pessoas com deficiência, mesmo porque a quantidade de pessoas especiais tem crescido muito a cada ano, por isso os órgãos responsáveis estão tentando maneiras de ajudar os cidadãos que precisam do acolhimento social para usufruir de seus direitos já conquistado. Logo, para se efetivar essa inclusão não está sendo fácil porque as escolas regulares resistem a permitir o acesso de alunos com deficiência, a maioria dos profissionais não estão preparados para atenderem as necessidades desses alunos.

No gráfico 9, a maioria dos Professores (100%) antes da pandemia, e em sala de aula você buscava metodologias para que alunos com NEEs e os alunos ditos normais pudessem interagir juntos. Logo, na Tabela 4, foram listadas a classificação da inclusão dos alunos com NEEs nas escolas antes da pandemia.

12. Antes da pandemia, e em sala de aula você buscava metodologias para que alunos com NEEs e os alunos ditos normais pudessem interagir juntos?

21 respostas

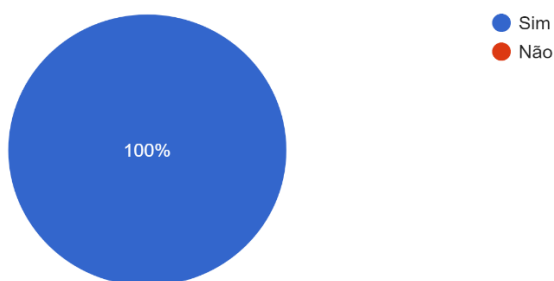


Gráfico 9 - Antes da pandemia, e em sala de aula os professores (as) buscavam metodologias para que alunos com NEEs e os alunos ditos normais pudessem interagir juntos

De acordo com os dados apresentados pode-se constatar que antes da pandemia, os professores eram mais atuantes, pois as aulas presenciais tinham todo um planejamento com objetivos a serem alcançados. Mas, com as aulas suspensas, a adequação para as aulas *on-line* acarretou em um retrocesso no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com NEEs.

Kolarik, Rodrigues & Oliveira (2017) dizem que na educação especial existe várias barreiras que precisam ser removidas do caminho de quem tanto precisa para poder desfrutar de uma vida social agradável. Todo o aluno tem seu grau de dificuldade, mas para os alunos com deficiência tudo é mais difícil. O aluno cadeirante, por exemplo, precisa que a barreira arquitetônica seja retirada pois andar em uma cadeira de roda dentro de um espaço que não lhes favorece o mínimo de condições, e os alunos com deficiência visuais, como é difícil para esses alunos se não tiver um espaço físico que facilita sua locomoção.

Na Tabela 4, apresenta-se a classificação da inclusão dos alunos com NEEs nas escolas. Os professores na sua maioria disseram que as escolas se classificam como regulares, precisando que muitas mudanças sejam realizadas para que esse conceito venham a aumentar nesse processo.

Tabela 4 – Classificação dos professores para a inclusão dos seus alunos com NEEs na escola, antes da pandemia.

Classificação dos professores	N	%
Classifico como boa a inclusão dos alunos com NEEs, pois é efetivo o trabalho entre os professores ensino regular e professores do AEE	12	57
Classifico como ótima a inclusão dos alunos com NEEs antes da pandemia, pois os professores trabalham de forma integrada	3	14
Classifico como regular, pois tem poucas escolas preparadas na sua totalidade	6	29
Total	21	100

Conforme a classificação apresentada pelos professores em ótima, boa e regular, pode-se constatar que não estão alinhadas ainda a visão destes profissionais diante da inclusão destes nas redes regulares de ensino. Pois, faz-se necessário uma série de mudanças para que a educação inclusiva de fato ocorra.

Almeida e Montino (2021), dizem que a inclusão na educação não significa apenas o acesso à escola, inclusão significa ser aceito como eu sou e poder desfrutar do que a sociedade tem a me oferecer, ter direito à sua própria identidade, a educação inclusiva implica atenção à diversidade maior dos profissionais que fazem parte do aprendizado do aluno. Assim, inclusão, cotidiano escolar e políticas públicas precisam ser trabalhadas de forma ordenada.

A inclusão tem como vantagem dar novas possibilidades para a intervenção educativa em sentido amplo, para todas as pessoas. Para Veiga (2005, p.50), é a melhoria do processo ensino-aprendizagem sem excluir os alunos com necessidades especiais não devendo beneficiar apenas uma classe, na verdade ela deve servir a todos e não ser privilégio de alguns, ela deve vir para libertar e não para oprimir.

No gráfico 10, a maioria dos Professores (38,1%) que participaram no nosso estudo (n= 8), costumavam levantar da cama antes do COVID-19 às 6 horas da manhã. No gráfico 11, ilustrou que a maioria dos participantes se acostumaram a acordar durante o COVID-19 entre 6 e 7h:30 .

14. A que horas ou entre que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID?

21 respostas

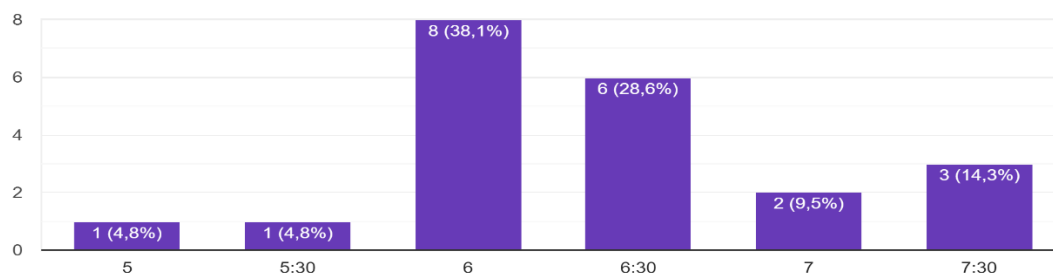


Gráfico 10. A que horas ou entre que horas os (as) professores (as) costumavam levantar da cama antes do COVID-19.

De acordo com os dados apresentados sobre a hora que os participantes costumavam acordar antes e durante o COVID-19, pode-se registrar que apresentaram uma certa similaridade, de 6 horas.

15. A que horas ou entre que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID?

21 respostas

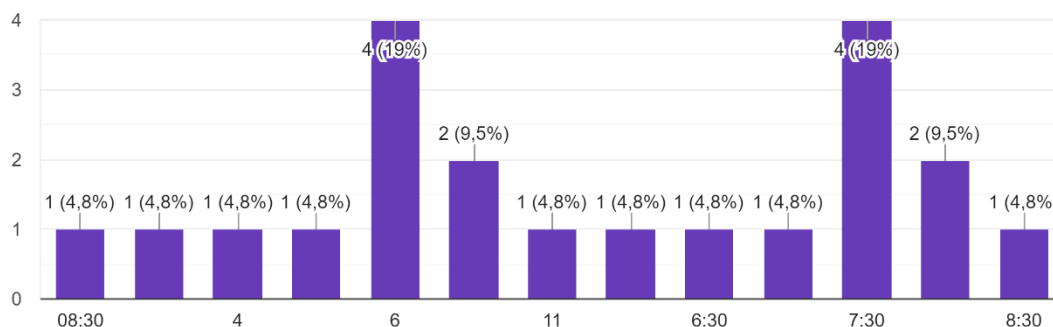


Gráfico 11 - A que horas ou entre que horas se os (as) professores (as) costumam levantar da cama durante o COVID-19.

Segundo os dados apresentados, pode-se registrar que os participantes permaneceram com o costume de acordar as 6h antes e durante o COVID-19. Logo, é pertinente ressaltar que dormir reflete na qualidade de vida dos alunos e professores, influenciando tanto na atuação docente, como na aprendizagem dos alunos.

No gráfico 12, a maioria dos Professores (28,6%) que participaram no nosso estudo (n= 6), demonstraram em média o tempo que os participantes dormiam diariamente antes do COVID-19.

18. Quantas horas reais, em média, de sono "dormiam mesmo" diariamente ANTES do COVID?

21 respostas

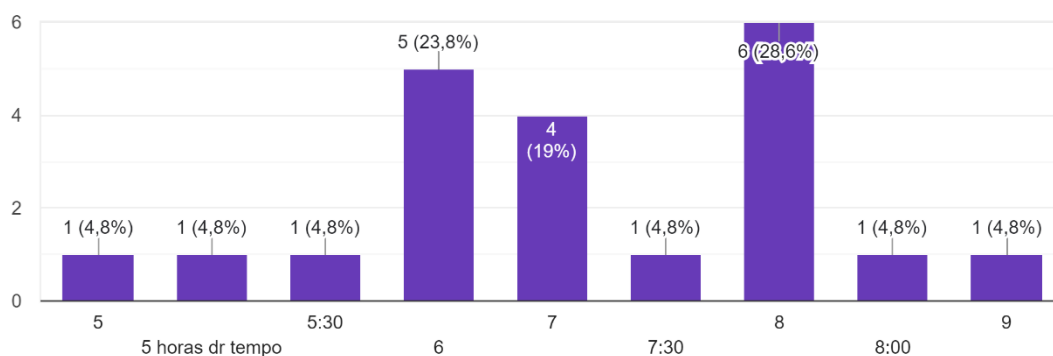


Gráfico 12 - Quantas horas reais, em média, de sono os (as) professores (as) "dormiam mesmo" diariamente antes do COVID-19.

Segundo os dados apresentados no Gráfico 12, pode-se registrar que houve uma variação no tempo diário em horas de sono antes do COVID-19, que foi entre 5 h e 8 h da manhã. No entanto, o Gráfico 13, ilustrou uma mudança no tempo de sono diário durante o COVID-19.

19. Quantas horas reais, em média, de sono "dorme mesmo" diariamente DURANTE o COVID?

21 respostas

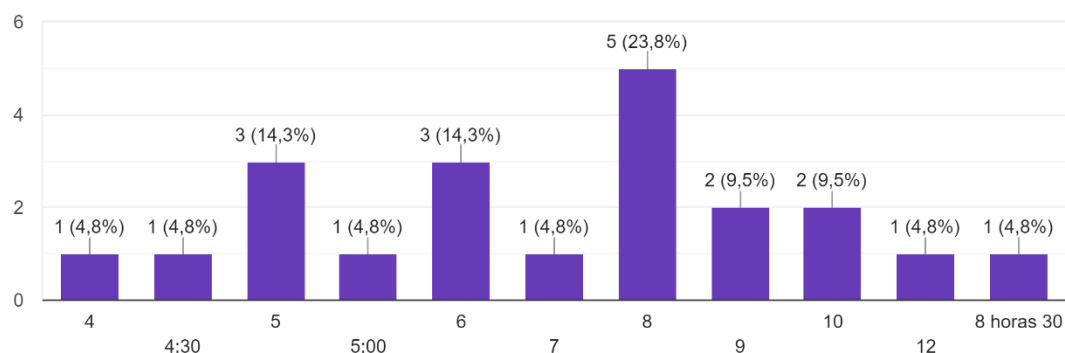


Gráfico 13 - Quantas horas reais, em média, de sono os (as) professores (as) "dormiam mesmo" diariamente durante do COVID-19.

Conforme os dados apresentados no Gráfico 13, pode-se registrar que houve uma variação no tempo diário em horas de sono durante o COVID-19, que foi entre 4 h e 12h. Essa mudança demonstrou que os participantes acordavam mais cedo, mas dormiam em maior espaço de tempo.

Segundo os dados apresentados no Gráfico 13, pode-se registrar o sono durante o COVID-19, sofreu mudanças, devido aos fatores psicológicos que vieram com a pandemia. Logo, pode-se ressaltar que a qualidade do sono durante a pandemia ficou comprometida, o que pode influenciar diretamente na atuação do professor, acarretando no comprometimento na aprendizagem do aluno.

No gráfico 14, a maioria dos Professores (77,6%) que participaram do estudo (n= 10), demonstraram o tempo de 30 minutos que os participantes levavam para dormir diariamente antes do COVID-19.

20. Quanto tempo levava a adormecer ANTES do COVID em minutos?

21 respostas

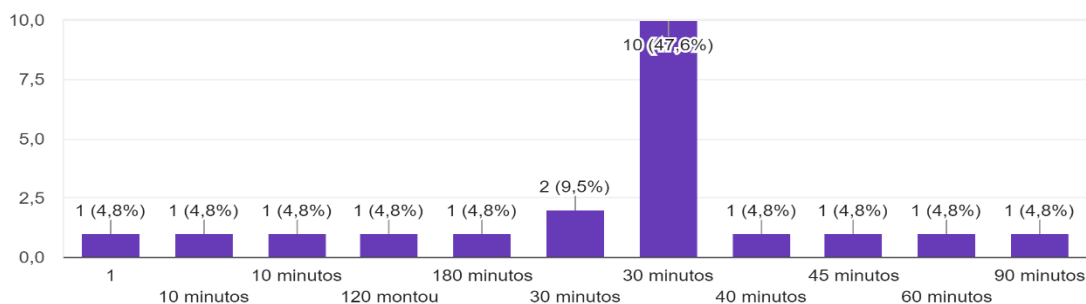


Gráfico 14 - Quanto tempo levava para os (as) professores adormecerem antes do COVID em minutos.

A partir dos dados apresentados pelos participantes, ficou registrado que a maioria levavam um tempo de 30 minutos para adormecer. Acredita-se que o cansaço decorrente das aulas presenciais, bem como os afazeres do dia contribuíram para que o tempo para adormecer fosse reduzido.

No gráfico 15, a maioria dos Professores (28,6%) que participaram no nosso estudo (n= 6), demonstraram o tempo de 60 minutos que os participantes levavam para adormecer diariamente antes do COVID-19.

21. Quanto tempo levava a adormecer DURANTE o COVID em minutos?

21 respostas

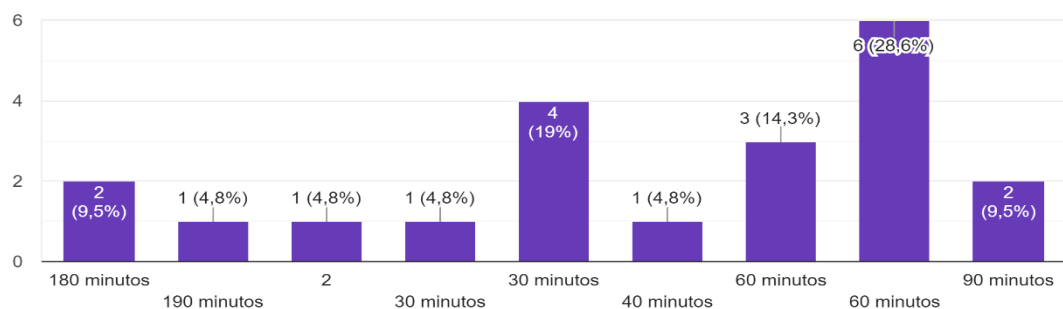


Gráfico 15 - Quanto tempo levava para os (as) professores adormecerem durante do COVID em minutos.

A partir do exposto, o tempo para adormecer antes e durante o COVID-19 sofreu uma mudança, antes os participantes levavam apenas 30 minutos e durante o COVID-19

esse tempo foi para 60 minutos, o que significa que a demora para dormir pode ser devido a mudança das aulas presenciais, onde os professores precisam se planejar.

No gráfico 16, a maioria dos Professores (38,1%) que participaram no nosso estudo (n= 8), demonstraram quantas vezes os participantes acordavam por noite antes do COVID-19. No gráfico 17 ilustra o mesmo questionamento, mas, durante o COVID-19, apresentado um resultado divergente entre o antes e o durante.

22. Quantas vezes acordava por noite ANTES do COVID?

21 respostas

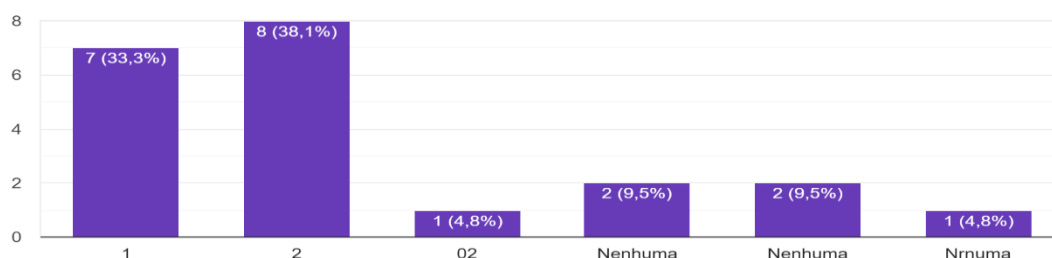


Gráfico 16 – Quantas vezes os (as) professores (as) acordavam por noite antes do COVID-19

Conforme os dados apresentados, os participantes antes do COVID-19 acordavam 1 ou 2 vezes durante a noite, o que é considerado normal, não comprometendo a qualidade do sono e, automaticamente a atuação dos professores diante do ensino dos alunos com NEEs.

No gráfico 17, a maioria dos (as) Professores (as) (38,1%) que participaram do estudo (n= 8), demonstraram que acordavam 3 vezes por noite.

23. Quantas vezes acordava por noite DURANTE o COVID?

21 respostas

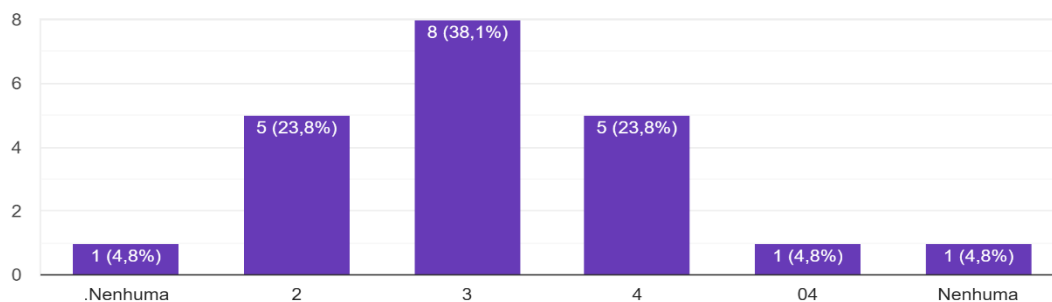


Gráfico 17 – Quantas vezes os (as) professores (as) acordavam por noite durante do COVID-19

Segundo os dados apresentados, os participantes durante o COVID-19 acordavam 3 vezes durante a noite, o que já não é considerado normal, o que pode comprometer a qualidade do sono e, automaticamente a atuação dos professores diante do ensino dos alunos com NEEs.

No gráfico 18, a maioria dos professores relataram que usavam/usam o despertador para acordar antes do COVID-19.

24. Usava/ Usa despertador para acordar? Pode responder a várias respostas.

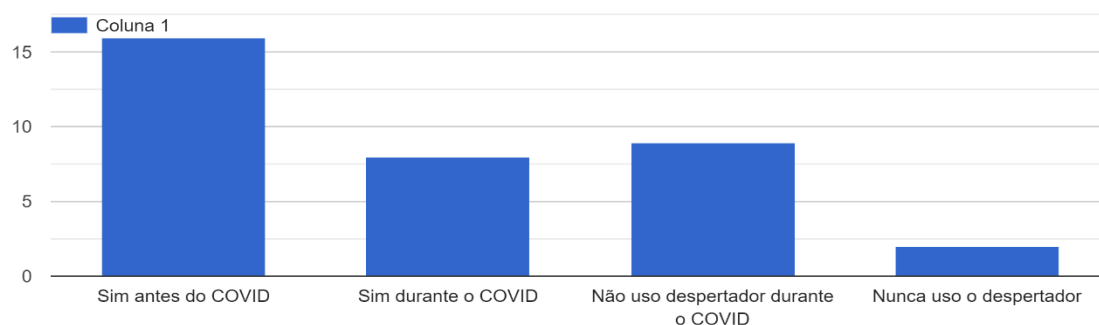


Gráfico 18 – Se os (as) professores (as) usavam/ usam despertador para acordar.

De acordo com os dados apresentados, os participantes demonstraram que tinham o costume de usar o despertador para acordar antes do COVID-19, pois os compromissos fora do ambiente familiar eram todos planejados. Logo, o uso do despertador se fazia necessário.

No gráfico 19, faz alusão sobre se os participantes tinham sonhos ou pesadelos com alguma frequência.

25. Tinha/ tem sonhos ou pesadelos com alguma frequência? Pode responder a várias respostas.

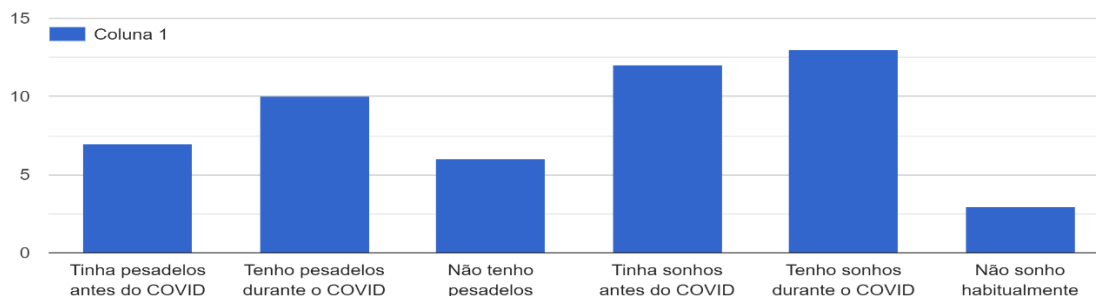


Gráfico 19- Se os (as) professores (as) tinham/têm sonhos ou pesadelos com alguma frequência.

A maioria dos professores participantes responderam que tinham sonhos antes e durante do COVID-19. Acredita-se que os sonhos favorecem a qualidade do sono, o que acarreta em uma atuação docente de qualidade, que pode favorecer o desenvolvimento de uma educação inclusiva de fato.

No gráfico 20, a maioria dos Professores (33,3%) classificaram a qualidade do sono antes do COVID-19, no nível 8, o que é considerado um nível muito bom, que contribui com a atuação docente no desenvolvimento de práticas de ensino especificamente para os alunos com NEEs.

26. Como classifica a qualidade do seu sono antes do COVID? Selecione um número conforme sente.

21 respostas

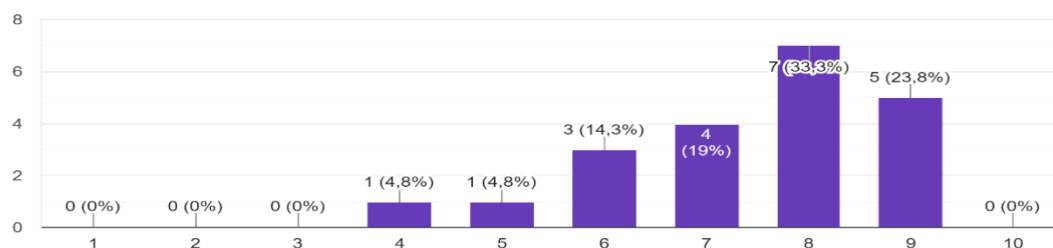


Gráfico 20 - Como os (as) professores (as) classificam a qualidade do seu sono antes do COVID.

A maioria dos professores participantes classificaram o sono em um nível muito bom, pois a qualidade do sono influencia diretamente na atuação docente e automaticamente no desenvolvimento de práticas de ensino inclusivas, visando incluir os alunos com NEEs nas redes regulares de ensino.

No gráfico 21, a maioria dos Professores (33,3%) classificaram a qualidade do sono depois do COVID-19.

27. Como classifica a qualidade do seu sono durante o COVID? Selecione um número conforme sente.

21 respostas

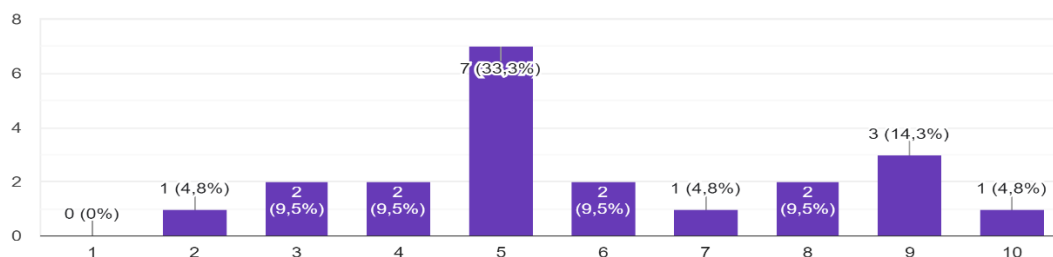


Gráfico 21 - Como os (as) professores (as) classificam a qualidade do seu sono durante o COVID-19

A partir das informações apresentadas no Gráfico 22, pode-se comprovar que os professores classificaram a qualidade do sono com a nota 5. Tal resultado demonstrou que o sono durante a pandemia ficou comprometido, acarretando a falta de qualidade no desenvolvimento das práticas de ensino dos professores.

No gráfico 22, a maioria dos (as) Professores (as) (47,6%) faziam 4 refeições antes do COVID-19.

28. Quantas refeições fazia por dia antes do COVID?

21 respostas

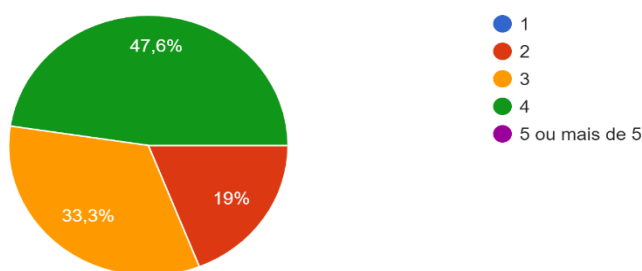


Gráfico 22 - Quantas refeições os (as) professores (as) faziam por dia antes do COVID.

A maioria dos professores participantes disseram que antes do COVID-19 faziam 4 refeições. Diante disso, é importante ressaltar que a quantidade de refeições precisam estar relacionados com qualidade do que se come. Pois, sabe-se que produtos industrializados comprometem a saúde ocasionando o agravamento de várias doenças.

No gráfico 23, a maioria dos Professores (38,1%) faziam 4 refeições durante o COVID-19 e 33,3% faziam 5 refeições ou mais de 5.

29. Quantas refeições faz por dia durante o COVID?  
21 respostas

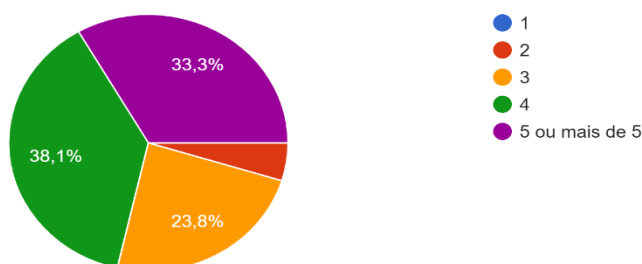


Gráfico 23 - Quantas refeições os (as) professores (as) faziam por dia durante do COVID.

Conforme os dados apresentados, a maioria dos professores participantes disseram que durante o COVID-19 faziam 4, 5 refeições ou mais. A partir do exposto, houve uma alteração antes da pandemia, as refeições eram 4. Porém, durante a pandemia, alguns professores mantiveram as 4 refeições, mas outros passaram a fazer 5 ou mais de 5 refeições.

No gráfico 24, a maioria dos Professores responderam que comiam mais antes do COVID-19, carne ou peixe, ovos, pães, cereais, massas.

30. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia mais:

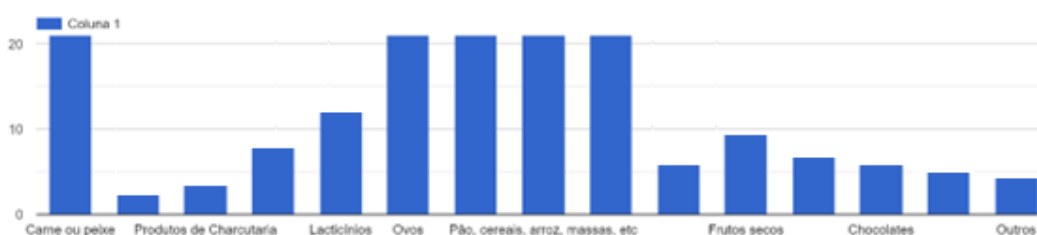


Gráfico 24 - Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Antes do COVID comia mais.

A maioria dos professores participantes disseram que antes do COVID-19 comiam alimentos mais saudáveis, o que se pode perceber que os hábitos alimentares influenciam

diretamente na qualidade do ensino, pois professores devem buscar uma alimentação mais saudável para que a saúde favoreça a sua atuação diante de uma educação inclusiva.

No gráfico 25, a maioria dos Professores responderam que comiam mais durante o COVID-19, carne ou peixe, ovos, pães, cereais, massas, bem como alimentos que podem comprometer a saúde desses profissionais, como os alimentos industrializados.

31 Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia menos:

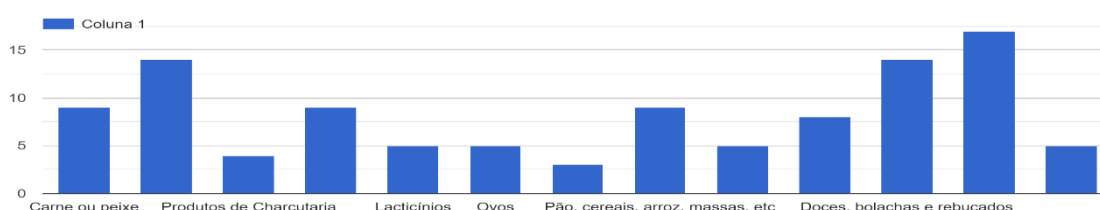


Gráfico 25 - Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia menos:

A partir do exposto, pode-se concluir que a pandemia do COVID-19 provocou mudanças nos hábitos alimentares dos professores e, automaticamente na qualidade do trabalho desenvolvido, pois a falta de uma alimentação saudável comprometeu a atuação dos docentes.

#### 4.2 Apresentação das análises estatísticas dos alunos

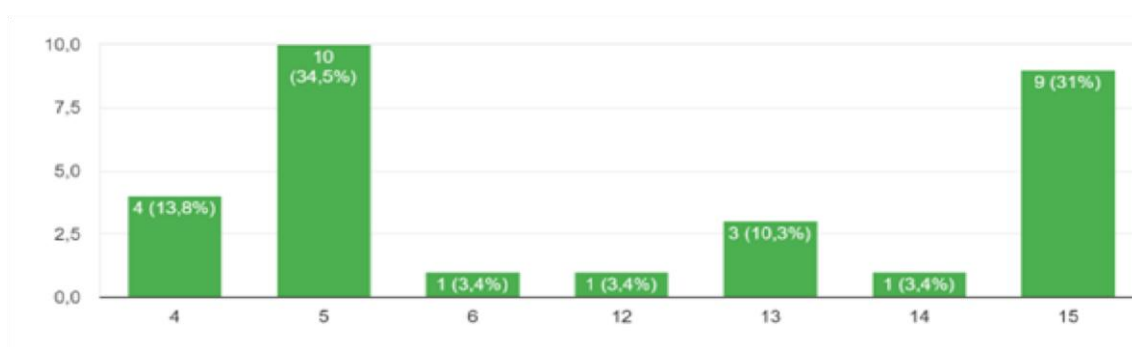


Gráfico 26. Idade dos (as) educandos (as)

Conforme as informações apresentadas no Gráfico 26, ficou evidente a idade de acordo com a modalidade de ensino, sendo que a faixa etária que abrangueu a educação infantil (Creche Iranilde P. Sanches) foi: 4 (quatro) anos com 13,8%; 5 (cinco) anos com

34,5% e 6 (seis) anos com 3,4%. No ensino fundamental da Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva foi: 12 anos com 3,4%; 13 (treze) anos com 10,3%; 14 (quatorze) com 3,4% e 15 (quinze) anos correspondeu aos 31% da idade dos participantes.

No Gráfico 27 registou os dados sobre o sexo dos (as) educandos (as) da Creche Iraídina P. Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva

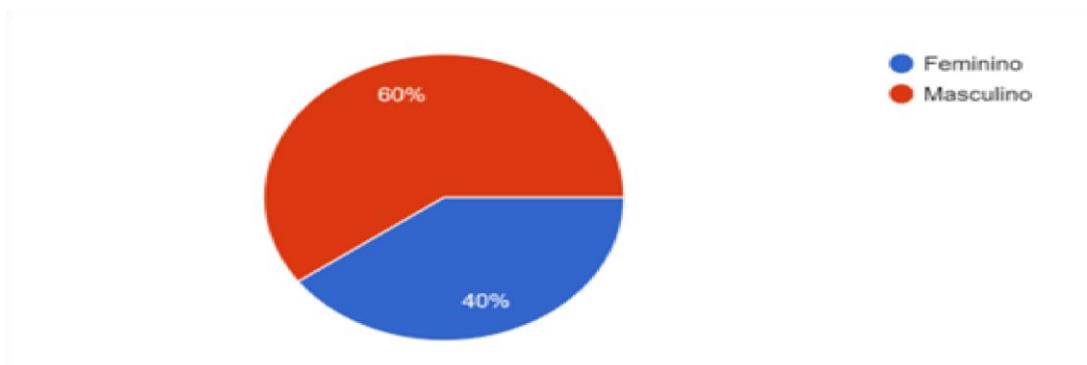


Gráfico 27. Sexo dos (as) educandos (as)

A partir dos dados coletados dos participantes verificou-se que 60% dos participantes eram do sexo masculino e 40% dos participantes são do sexo feminino. Contudo, evidenciou-se que os participantes do sexo masculino foram a maioria nesta pesquisa.

No Gráfico 28 registrou os dados sobre o nível de ensino dos educandos (as) da Creche Iraídina P. Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva.

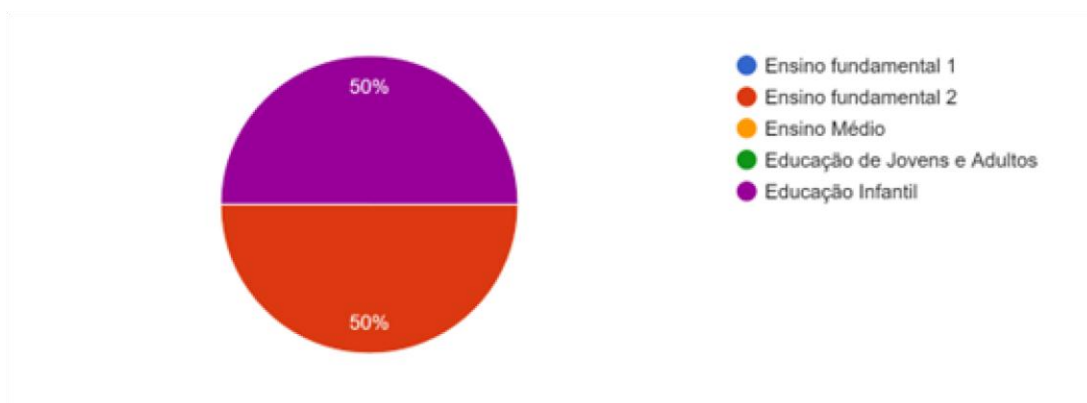


Gráfico 28. Nível de ensino dos (as) educandos (as)

De acordo com os dados coletados dos participantes da pesquisa da Creche Iraídina P. Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva, registrou-se que os

dados coletados nestas escolas o nível de aprendizagem foi limitado na educação infantil e no ensino fundamental II. É pertinente ressaltar que no ensino infantil, os pais e / responsáveis representaram os filhos (as). Em contrapartida, no ensino fundamental II os (as) educandos ( as) foram os (as) respondentes.

No Gráfico 29 registrou-se os dados sobre o horário dos educandos (as) costumavam levantar da cama antes do COVID-19.

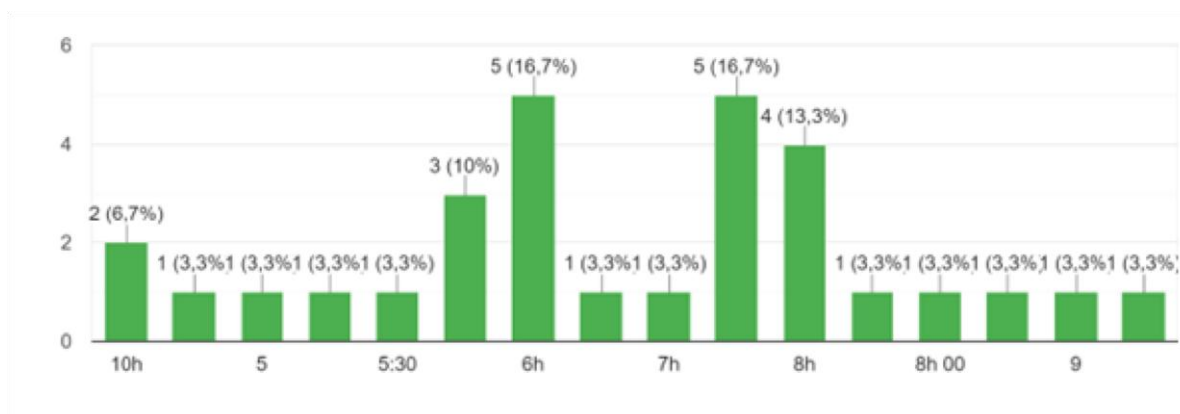


Gráfico 29. Horário que os (as) educandos (as) costumavam levantar da cama antes do COVID-19

Os dados apresentados mostraram que os (as) educandos (as) costumavam levantar da cama antes do COVID-19, sendo que: 6,7% tinham o costume de levantar com 10 h de tempo; 9,9% costumavam levantar com 5 horas de tempo; 13,3% costumavam levantar com 5h 30 de tempo; 20% tinham o costume de levantar com 6 horas de tempo; 20% costumavam levantar com 7 horas de tempo; 19,9% com 8 horas de tempo; 3,3 com 8:30 h de tempo; 6,6% com 9 h de tempo. A partir do exposto, ficou evidente que a maioria dos (as) educandos (as) costumavam levantar da cama antes do COVID-19 com 6, 7 e 8 horas de tempo.

Segundo as pesquisas de Kim, Tufik e Andersen (2017), o sono apresenta-se como um estado primordial para o organismo, compreendendo um terço do período de vida. Pois, é nesse no período de sono que acontece a regulação dos vários sistemas do corpo humano. Logo, o tempo de sono é fundamental para a qualidade de vida. Para que o organismo realize funções indispensáveis para melhorar o funcionamento físico e mental

do ser humano, é de extrema importância ter um boa noite de sono, pois uma noite em claro assemelha-se ao estado de embriaguez leve, ou seja, sem o merecido descanso o organismo deixa de desempenhar tarefas importantíssimas como a função motora e capacidade de percepção (Oliveira et al., 2016).

No Gráfico 30, faz alusão aos dados coletados dos (as) alunos (as) sobre o costume de levantar da cama durante o COVID-19.

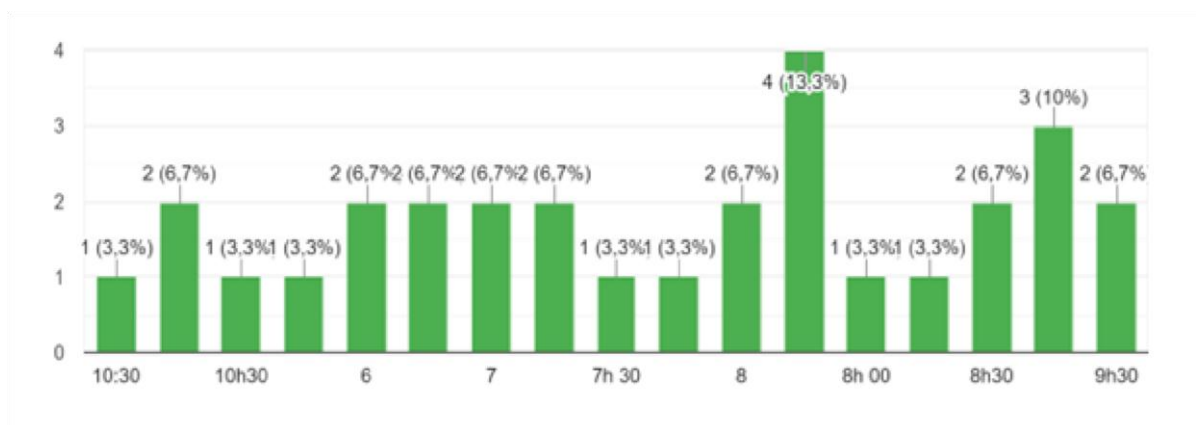


Gráfico 30 – Se os (as) educandos (as) costumavam de levantar da cama durante o COVID

Pode-se registrar que os (as) educandos (as) costumavam levantar da cama durante do COVID-19 às 6h da manhã 13,4% dos participantes da pesquisa; às 7h da manhã 13,4%; às 7h:30 6,6%; às 8h 23,33%; às 8:30h 16,7%; 9:30h 6,7%; às 10:30 h 16,6% dos participantes. A partir do exposto, constatou-se que a maioria dos participantes tinham o costume de levantar entre 8h e 8h:30 . Mas vale ressaltar, que os participantes levantavam várias vezes e em horários alternados, não havendo uma regulação no padrão do sono.

Sobre o assunto Antunes e Antunes al. (2008), deixaram evidente que as implicações das alterações no padrão de sono são várias, podendo acontecer diminuições:

Na eficiência do processamento cognitivo, do tempo de reação e da responsividade atencional, além de prejuízo na memória, aumento da irritabilidade, alterações metabólicas, endócrinas, imunológicas, quadros hipertensivos, cansaço, náuseas, dores de cabeça, ardência nos

olhos, visão turva, dores articulares e diminuição da libido (Antunes et al. 2008, p. 52)

A partir destas afirmativas pode-se dizer que a privação do sono tem repercussão negativa na saúde e na qualidade de vida dos (as) educandos (as), provocando prejuízos em sua performance ocupacional. Sendo assim, a privação de sono pode acontecer somente por uma necessidade rápida, onde o (a) educando (a) se priva do seu momento de sono para realizar outra atividade ou pode estar pertinente a algum distúrbio do sono.

No Gráfico 31 ficou registrado os dados sobre o horário dos educandos (as) costumavam dormir em média diariamente antes do COVID-19.

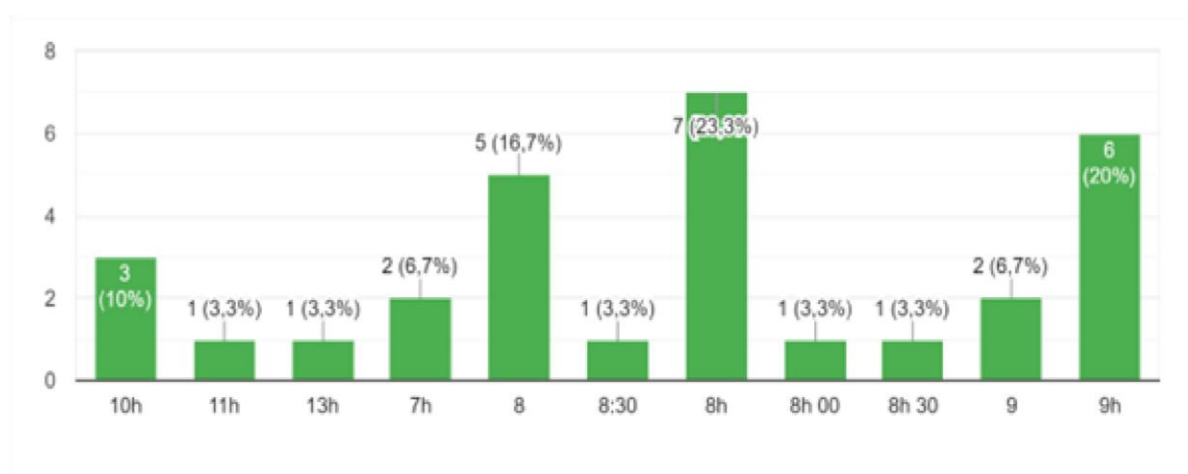


Gráfico 31 – Horário que os (as) educandos (as) costumavam dormir em média diariamente antes do COVID-19

De acordo com os dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que os (as) educandos (as) costumavam dormir em média diariamente antes do COVID-19. 6,7% dos (as) participantes tinham o costume de dormir 7h em média; 43,3% dos participantes costumavam dormir em média 8h; 6,6% dos participantes costumavam dormir em média 8h:30; 26,7% dos participantes costumavam dormir em média 9h; 10% dos participantes costumavam dormir em média 10 h; 3,3% dos participantes costumavam dormir em média 11 h; 3,3% dos participantes costumavam dormir em média 13 h.

A partir do exposto, constatou-se que a maioria dos participantes tinham o costume de dormir em média diária entre 8h e 9h de tempo, correspondendo 70% dos participantes. Mas vale ressaltar, que os participantes levantavam várias vezes e em horários alternados, não havendo uma regulação no padrão do sono.

A importância do sono no desempenho escolar dos (as) educandos (as) ao afirmar que uma noite de sono boa influenciará em sua qualidade de vida, saúde e longevidade, assim como a estabilização da memória e aprendizagem. Assim, pode-se registrar que todos estes aspectos essenciais para o processo de aprendizagem, sendo importante conhecer a qualidade de sono dos (as) educandos (as) e como eles percebem sua influência no cotidiano escolar ( Martini et al. 2012).

No Gráfico 32 ficou registrado os dados dos horários que os educandos (as) costumavam dormir em média diariamente durante do COVID-19.

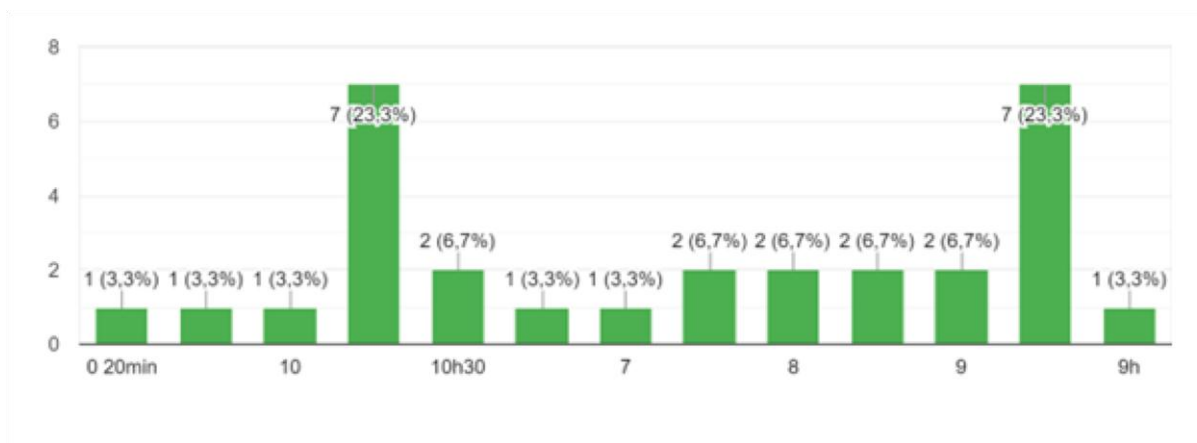


Gráfico 32 – Horário que os (as) educandos (as) costumavam dormir em média diariamente durante do COVID-19

A partir dos dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que os (as) educandos (as) costumavam dormir em média diariamente durante o COVID-19. 10% dos (as) participantes tinham o costume de dormir 7h em média; 13,4% dos participantes costumavam dormir em média 8h; 33,3% dos participantes costumavam dormir em média 9h; 26,6% dos participantes costumavam dormir em média 10 h; 10% dos participantes costumavam dormir 10h:30; 6,6% dos participantes costumavam dormir em média 20 minutos.

As horas recomendadas (apropriadas para saúde e bem-estar), horas possivelmente admissíveis (horas que podem ser adequadas para alguns sujeitos) e horas não indicadas. Para pessoas saudáveis com sono normal, a duração considerável de sono varia de forma

gradativa no ciclo da vida e conforme as características de cada indivíduo. Logo, a duração de sono apropriada é concomitantemente: 14 e 17 horas (recém-nascido), 12 e 15 horas (infantil), 11 e 14 horas (crianças), 10 e 13 horas (pré-escolares), 9 e 11 17 horas (crianças em idade escolar), 8 e 10 horas (adolescentes), 7 e 9 horas (adultos jovens), 7 e 8 horas (adultos mais velhos) ( Hirshkowitz et al., 2015)

No Gráfico 33 ficou registrado os dados sobre o tempo que os educandos (as) levavam para adormecer antes do COVID-19 em minutos.

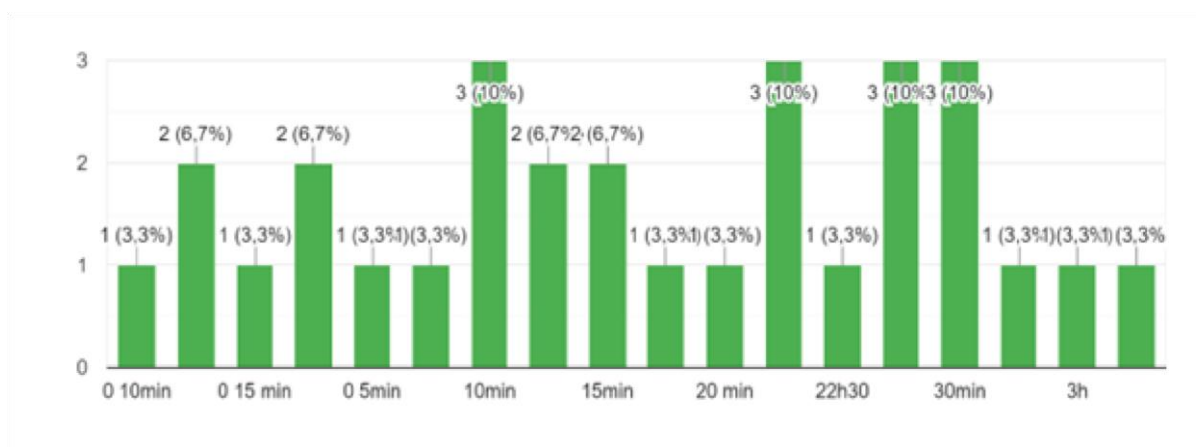


Gráfico 33 – Horário que os (as) educandos (as) quanto ao tempo que levavam para adormecer antes do COVID-19 em minutos

Segundo os dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que os (as) educandos (as) o tempo que estes levavam para adormecer antes do COVID-19 em minutos. 6,6% dos participantes costumavam dormir em 5 minutos. 26,7% dos participantes costumavam dormir em 10 minutos; 20% dos participantes costumavam dormir em 15 minutos; 3,3 dos participantes costumavam dormir em 20 minutos; 13,3 dos participantes costumavam dormir em 30 minutos; 6,6% dos participantes costumavam dormir em 3 horas. A partir do exposto, ficou evidente que o padrão do sono dos (as) educandos (as) das escolas supracitadas não tem um padrão de sono.

A partir do exposto, pode-se entender que a função do sono tem sido negligenciada e conseqüentemente os (as) educandos (as) diminuiram o tempo destinado ao ele. Observa-se que a redução do tempo de sono promove a busca por medicamentos de uma forma irrefreável e nesse âmbito os alunos que usam medicamentos para dormir tem má

qualidade do sono aproximadamente 5 vezes maior que os (as) educandos (as) que não fazem uso de medicamentos (Segundo et al., 2017).

No Gráfico 34 ficou registrado os dados sobre o tempo que os educandos (as) levavam para adormecer durante o COVID-19 em minutos.

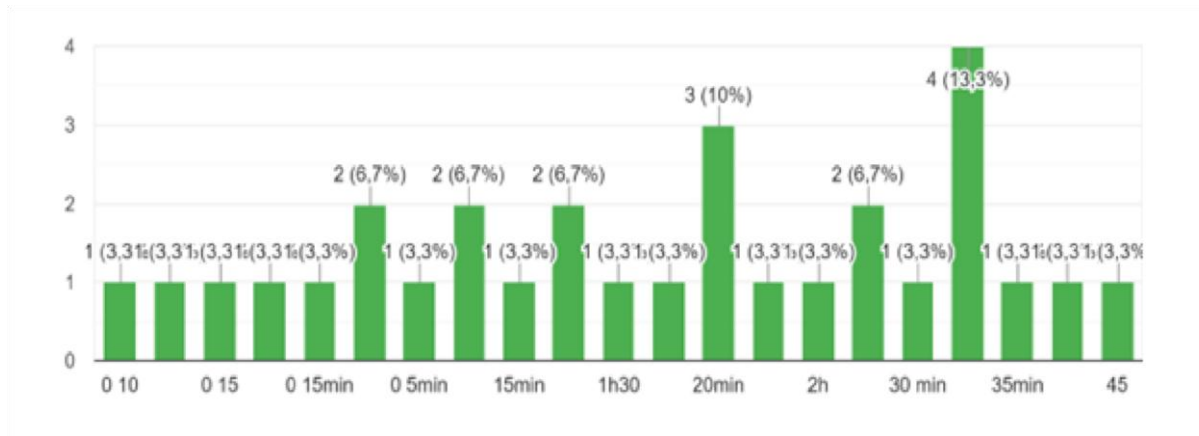


Gráfico 34 – Horário que os (as) educandos (as) quanto ao tempo levavam para adormecer durante o COVID-19 em minutos

De acordo com os dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que o tempo que os (as) educandos levavam para adormecer durante o COVID-19 em minutos. 10% dos participantes costumavam dormir em 5 minutos. 6,6% dos participantes costumavam dormir em 10 minutos; 20%; dos participantes costumavam dormir em 15 minutos; 13,3% dos participantes costumavam dormir em 20 minutos; 16,6% dos participantes costumavam dormir em 30 minutos; 6,6% dos participantes costumavam dormir em 35 minutos; 3,3% dos participantes costumavam dormir em 45 minutos; 10% dos participantes costumavam dormir em 2h.

A pandemia do COVID-19 provocou uma mudança no padrão de vida dos (as) educandos (as), principalmente no que se refere ao tempo de sono. Logo, a privação do sono, muitas vezes, pode resultar em prejuízo no desempenho escolar, pois, de acordo com Araújo et al. (2013):

[...] uma má qualidade do sono é um componente importante de vulnerabilidade da saúde humana. Isso decorre do fato da arquitetura e fisiologia do sono ser um processo ativo, complexo e necessário para o estabelecimento da saúde física e cognitiva do homem (Araújo, et al. 2013, p. 353).

Sendo assim, o que para os (as) educandos (as) possam parecer um ganho, poderá resultar em barreiras, caso este (a) continue em não manter uma boa qualidade do sono. Conforme Martini et al. (2012, p. 262) “o sono tem papel decisivo na consolidação de memória, sugerindo dessa forma que o mesmo facilita o processamento de novas informações e a sua privação mesmo que parcial, pode ter efeito negativo na aprendizagem”.

No Gráfico 35 ficou registrado a quantidade de vezes que os (as) educandos (as) acordavam a noite antes do COVID-19.

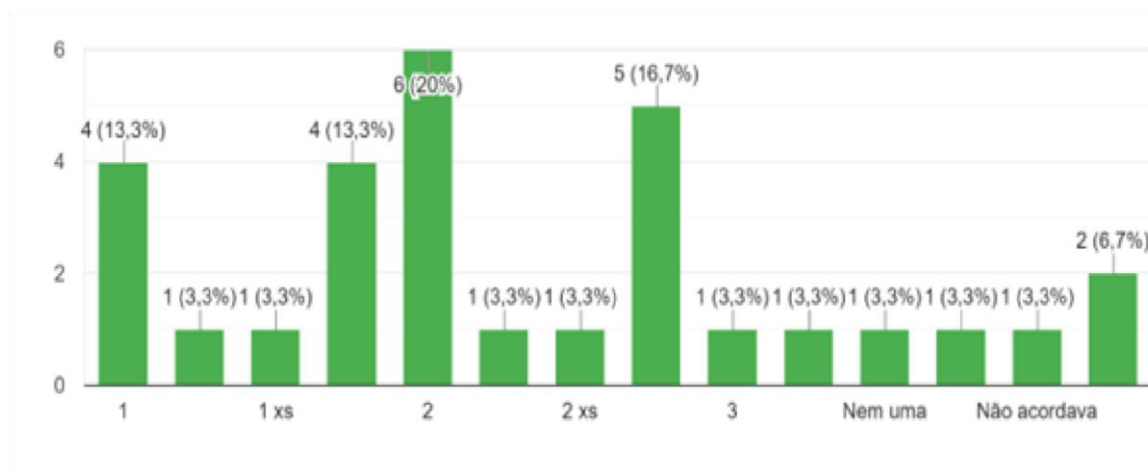


Gráfico 35 – Quantidade de vezes que os (as) educandos (as) acordavam por noite antes do COVID-19

Segundo os dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que 33,2% dos (as) educandos (as) acordavam apenas uma vez por noite antes do COVID-19; 43,3% dos (as) educandos (as) acordavam duas vezes por noite; 6,6% dos (as) educandos (as) acordavam três vezes por noite e, por fim, 16,6% dos (as) educandos (as) não acordavam durante a noite de sono.

A partir dos estudos de Hirshkowitz et al. (2015), ficou elucidativo que algumas pessoas (educandos (as)) podem dormir mais ou menos que os tempos recomendáveis tendo como implicação nenhum efeito adverso. Mas, os indivíduos (educandos (as)) fora da variação normal de sono podem estar em uma instável limitação do sono ou ter graves

problemas de saúde. Logo, as propriedades restaurativas do sono, seguramente, dependem também da qualidade do sono, estrutura do sono e o horário em que se dorme.

No Gráfico 36 ficou registrado a quantidade de vezes que os (as) educandos (as) acordavam a noite durante do COVID-19.

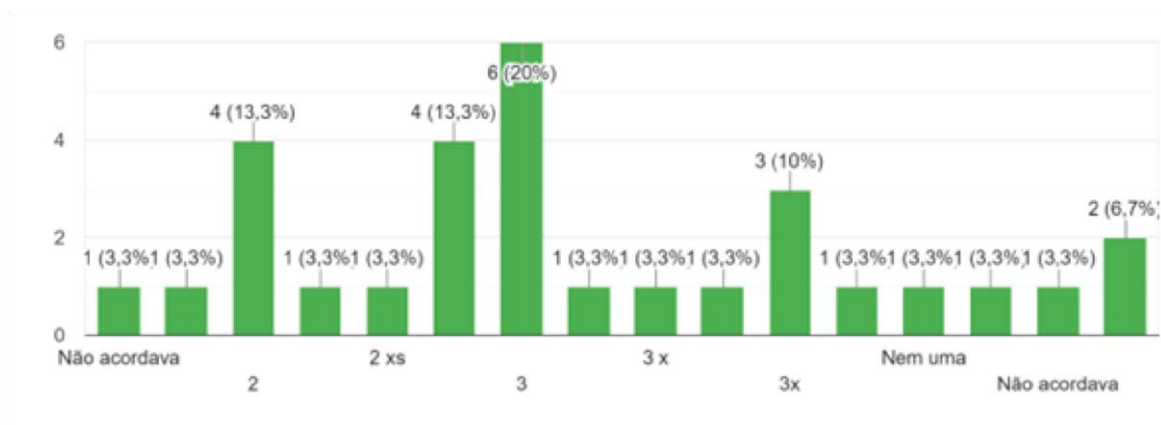


Gráfico 36 - Quantidade de vezes que os (as) educandos (as) acordavam por noite durante do COVID-19

A partir dos dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que 33,2% dos participantes acordavam apenas duas vezes por noite; 43,2% dos participantes acordavam apenas três vezes por noite. E, por fim, 23,6% dos participantes acordavam não acordavam durante o sono a noite. Diante do exposto, ficou evidente que os participantes na sua maioria acordam muito durante o sono.

Nessa perspectiva, Valle et al. (2011), em suas pesquisas dizem que os distúrbios do sono são manifestações do sistema nervoso motor e/ou neurovegetativo, e acontecem durante o sono ou na transição sono-vigília. Logo, pode-se dizer que os (as) educandos (as) ao acordar 3 vezes por noite, pode-se caracterizar a insônia que é definida como um descontentamento da qualidade ou da quantidade de sono, caracterizando-se por induzir estes a um dano funcional no âmbito físico, psíquico e social, sendo que as principais queixas pertinentes a insônia relaciona-se, com: o despertar antecipado; sonolência no decorrer do dia; irritabilidade; vários despertares noturnos, etc.

No Gráfico 37 ficou registrado a quantidade de vezes que os (as) educandos (as) da usavam/usam despertador para acordar.

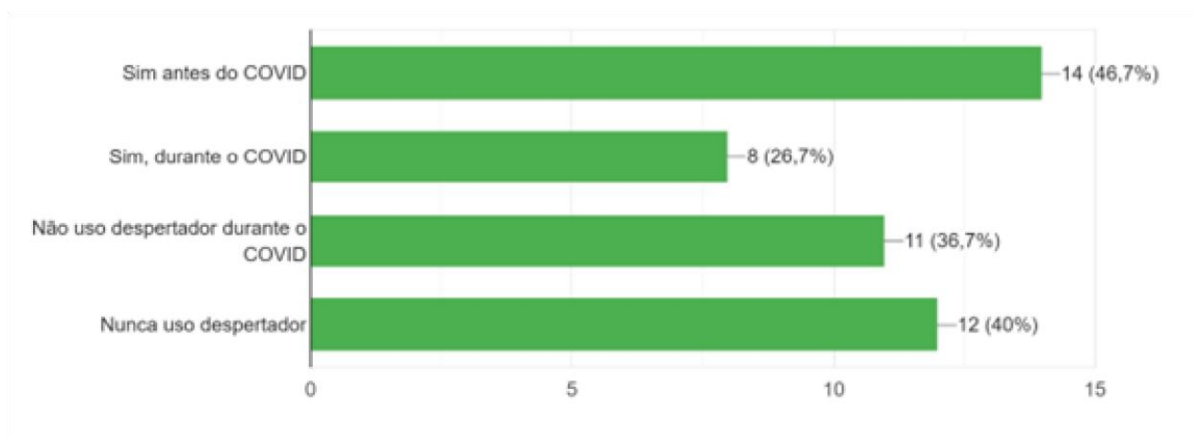


Gráfico 37 – Se os (as) educandos (as) usavam/usam despertador para acordar.

Segundo os dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que 46,7% dos participantes usavam/usam o despertador para acordar antes do COVID-19; 26,7% passaram a usar durante o COVID-19; 36,7% não usavam/usam o despertador durante a pandemia e 40% dos participantes nunca usaram o despertador. Nessa perspectiva, pode-se compreender que antes da pandemia o uso do despertador fazia parte de uma rotina diária. Mas, com a pandemia, o confinamento, o despertador se fizeram desnecessário, uma vez que todas as atividades sociais foram suspensas.

Conforme Segundo et al. (2017), os (as) educandos (as) que tem má qualidade do sono têm 2,42 vezes mais chance de apresentar dificuldades no cumprimento de atividades diárias. Logo, a qualidade do sono fica comprometida quando estes (as) não têm qualidade no sono, acarretando em outras características incertas como a impaciência, desânimo, irritabilidade, distrações, stress, tristeza, isolamento, ausência de energia, etc.

No Gráfico 38 ficou registrado a quantidade de vezes que os (as) educandos (as) tinham/têm sonhos ou pesadelos com alguma frequência.

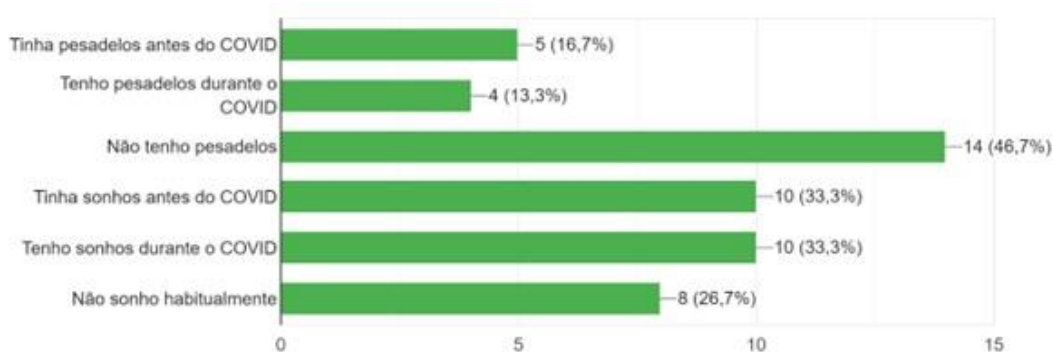


Gráfico 38 – Se os (as) educandos (as) tinham/têm sonhos ou pesadelos com alguma frequência.

A partir dos dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que 16,7% dos participantes tinham pesadelos antes do COVID-19; 13,3% dos participantes tinham pesadelos durante a pandemia; 46,7% dos participantes não tinham pesadelos; 33,3% dos participantes tinham sonhos antes da pandemia; 33,3% dos participantes tinham sonhos durante a pandemia. E, 26,7% dos participantes não tinham o hábito de sonhar.

Cellini et al. (2020) disseram que as evidências recentes mostraram que a pandemia da COVID-19 impactou essa população em vários aspectos relacionados à saúde, dentre eles, o sono, pois apesar do aumento do tempo na cama constatado no período de pandemia, um sono de pior qualidade foi relatado entre educandos (as). Logo, pode-se considerar que o sono desempenha um papel importante na manutenção da saúde, modulação de várias funções fisiológicas do organismo, qualidade de vida e aprendizagem.

De acordo com Richter et al. (2020), uma boa qualidade de sono é essencial para o desenvolvimento infanto-juvenil, e a falta de sono pode comprometer a saúde física e mental, além de interferir no seu crescimento e desenvolvimento destes. Má ou insuficiente qualidade de sono, numa fase precoce da vida, pode comprometer a capacidade de aprendizagem e, por outro lado, uma quantidade adequada de sono de boa qualidade é importante para uma saúde e desempenho adequado ao longo da vida.

No Gráfico 39 ficou registrado a classificação da qualidade do sono dos (as) educandos (as) da Creche Iraídina P. Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva antes do COVID-19.

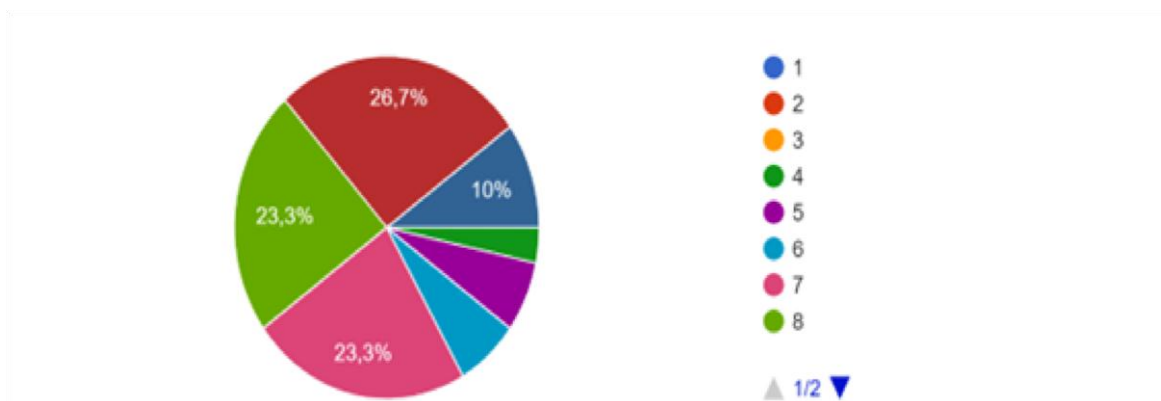


Gráfico 39 – Classificação da qualidade do sono dos (as) educandos antes do COVID-19.

De acordo com os dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que 26,7% dos participantes classificaram com 2 pontos a qualidade do sono dos (as) educandos antes do COVID-19. 23,3% classificaram com 7 pontos e 23,3% classificaram com 8 pontos a qualidade do sono dos participantes da pesquisa. A partir do exposto, pode-se dizer a maior classificação apresentada foi baixa em relação a qualidade do sono, podendo acarretar no aparecimento de distúrbios de sono.

Conforme as pesquisas de Richter et al. (2020), o aparecimento de distúrbios do sono, como comorbidade de transtornos psiquiátricos, em resposta a eventos estressantes da vida, tem sido relatado tanto em adultos, como em crianças e adolescentes. Com o estabelecimento do confinamento devido à COVID-19, foram percebidas alterações no sono e outros sintomas psicológicos.

Sendo assim, Lin et al. (2020), a partir de um estudo realizado na China, demonstrou o impacto agudo da pandemia no sono e nos sintomas psicológicos, onde os resultados deste estudo revelaram altas taxas de insônia clinicamente significativa, estresse agudo, depressão e ansiedade, pois as medidas prolongadas de confinamento e

isolamento social durante a pandemia da COVID-19 foram fatores que podem estar conexos ao aumento da incidência de problemas do sono.

No Gráfico 40 ficou registrado a classificação da qualidade do sono dos (as) educandos (as) da Creche Iraídina P. Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva durante do COVID-19.

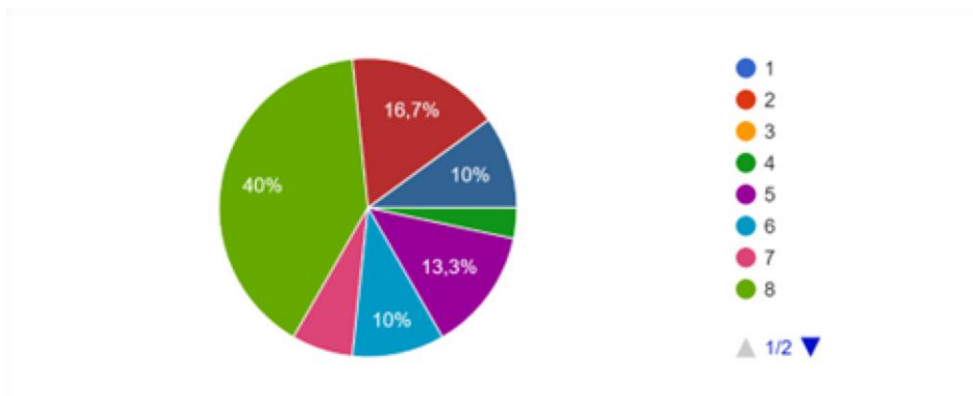


Gráfico 40 - Classificação da qualidade do sono dos (as) educandos durante o COVID-19.

A partir dos dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que 40% dos participantes classificaram a qualidade do sono com o nível 8; 16,7% dos participantes classificaram o sono com o nível 2; 13,3% dos participantes classificaram o sono com o nível 5. Logo, pode-se destacar que a maior parte dos (as) educandos (as) apresentaram uma classificação muito boa, a qual pode configurar uma qualidade de sono conforme tal classificação.

A qualidade do sono depende de vários fatores sociais, emocionais, psicológicos, econômicos, dentre outros. Logo, Blume, Schmidt e Cajochen (2020), dizem que têm registros de redução no bem estar físico e mental, como resultado da situação excepcional provocado pela pandemia e que poderia estar associado à redução da qualidade e duração do sono.

Cerazi (2020), diz que os danos na quantidade e na qualidade de sono podem induzir à irritabilidade, déficit de memória e ao desenvolvimento de doenças

cardiovasculares e metabólicas. Pois, determinados hábitos podem influenciar de forma positiva na qualidade do sono. Logo, o exercício físico pode influenciar tanto na qualidade de vida, quanto na qualidade de sono, refletindo em aumento das ondas lentas e diminuição do sono. Com isso, o sono induzindo uma melhor qualidade de sono.

No Gráfico 41 ficou registrado a quantidade de refeições dos (as) educandos (as) da Creche Iraídina P. Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva antes do COVID-19.

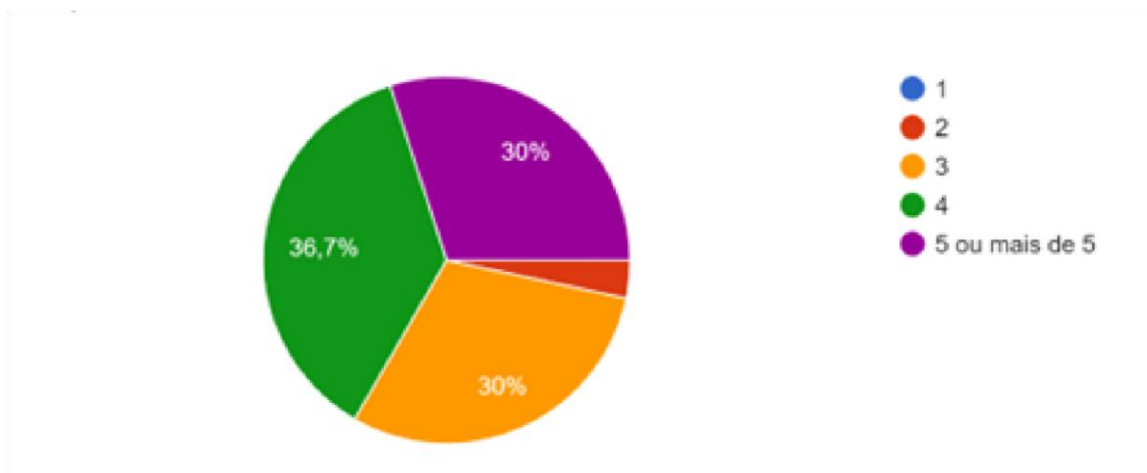


Gráfico 41 – Quantidade de refeições que os (as) educandos faziam por dia antes do COVID-19.

Segundo os dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que 30% dos participantes classificaram com 5 ou mais de 5 a quantidade de refeições que os (as) educandos faziam por dia antes do COVID-19. 30% dos participantes classificaram com 3 a quantidade de refeições que os (as) educandos faziam por dia antes na pandemia e, 36,7% dos participantes classificaram com 4 a quantidade de refeições que os (as) educandos faziam por dia antes na pandemia.

A pandemia do COVID-19 provocou uma mudança brusca na rotina e o estresse dos (as) educandos (as), acarretando com isso, consequências e agravamento de distúrbios psicológicos e, logo, dos transtornos alimentares, como a compulsão alimentar, favorecendo a quantidade e não a qualidade dos alimentos, favorecendo o sobrepeso e, muitas vezes, à obesidade dos escolares. Isso significa dizer que, em educandos (as)

obesos (as), tem as chances de aumento na infecção de uma síndrome respiratória aguda grave, insuficiência respiratória aguda e outras complicações (Brasil, 2022).

Diante do exposto, pode-se destacar a importância de uma alimentação saudável, pois a qualidade do alimento reflete-se na qualidade de vida dos (as) educandos (as) das escolas campo de pesquisa. Logo, a quantidade correta de 3 refeições por dia antes do COVID-19 pode influenciar na qualidade do sono. Com isso, pode-se ressaltar que a qualidade de vida precisa de um certo equilíbrio entre o sono e a alimentação.

No Gráfico 42 ficou registrado a quantidade de refeições dos (as) educandos (as) da Creche Iraídina P. Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva durante o COVID-19.

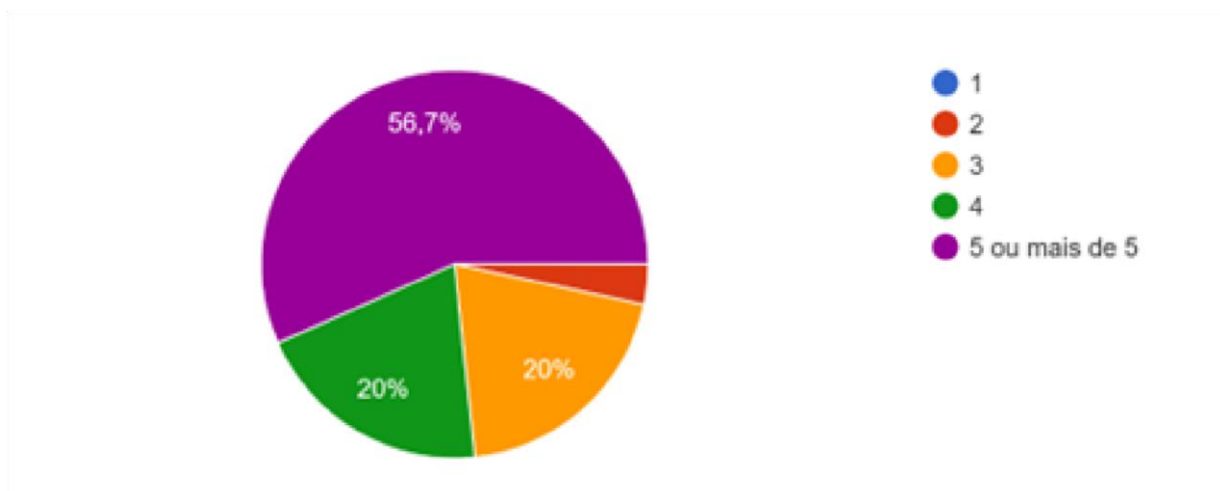


Gráfico 42 – Quantidade de refeições que os (as) educandos faziam por dia durante o COVID19.

De acordo com os dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que 56,7% dos participantes classificaram com 5 ou mais de 5 a quantidade de refeições que os (as) educandos (as) faziam por dia durante do COVID-19. 20% dos participantes classificaram com 3 a quantidade de refeições que os (as) educandos faziam por dia durante na pandemia e, 20% dos participantes classificaram com 4 a quantidade de refeições que os ( as) educandos faziam por dia durante a pandemia.

A partir do exposto, pode-se comprovar que a pandemia do COVID-19 provocou uma mudança significativa na quantidade de refeições feitas pelos (as) educandos (as). Com isso, pode-se ressaltar que o confinamento atrelado ao isolamento social comprometeu a saúde da maior parte dos (as) educandos (as) das escolas campos de pesquisa, pois uma alimentação inadequada e desregulada pode acarretar no sobrepeso ou na obesidade.

A pandemia do COVID-19 trouxe como implicação um maior consumo de alimentos processados e enlatados que são mais fáceis de adquirir e armazenar e têm maior prazo de validade. Pois, esse tipo de alimento além de apresentar baixo valor nutricional e alto valor calórico, cooperando para o aparecimento ou agravamento de sobrepeso e obesidade em crianças e adolescentes (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2020).

No Gráfico 43 ficou registrado a diferença na alimentação dos (as) educandos (as) da Creche Iraídina P. Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva antes e durante o COVID-19. Antes o que estes (as) comiam mais.

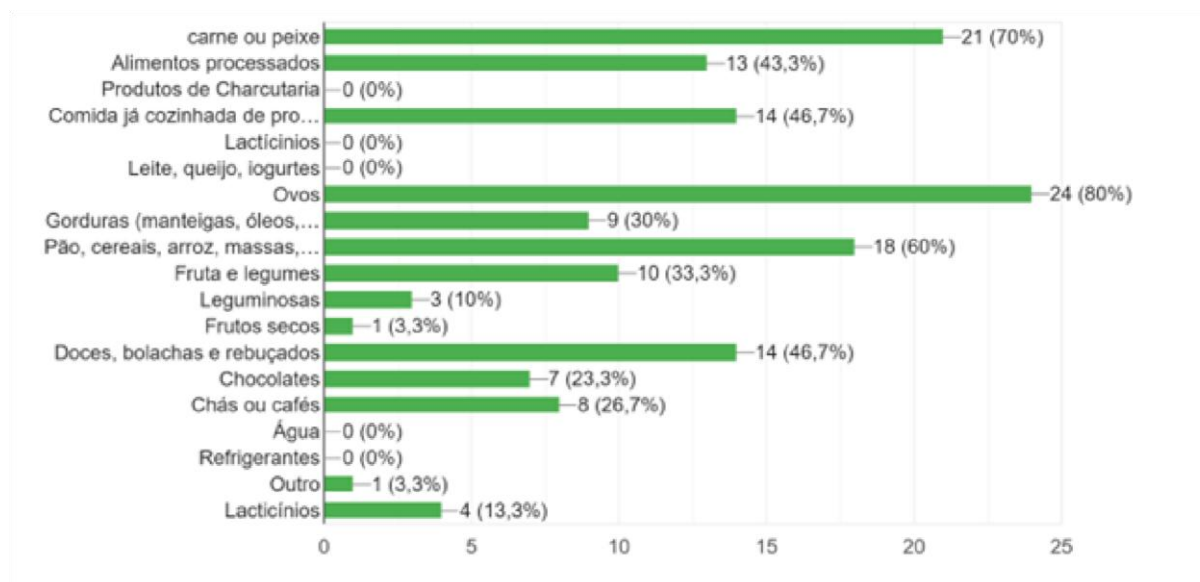


Gráfico 43 – Diferença na alimentação dos (as) educandos (as) antes e durante o COVID-19. Antes o que comia mais.

Conforme os dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que os alimentos mais consumidos pelos (as) educandos (as) antes da pandemia do COVID-19 foram ovos, carnes, peixes, pães, cereais, arroz, massa, doces, bolachas, alimentos processados, dentre outros. A partir do exposto, pode-se comprovar que os alimentos ingeridos pelos participantes da pesquisa são variados.

Diante disso, destaca-se que o estado nutricional para os (as) educandos (as) caracteriza-se como um importante elemento da saúde pois, por meio dele, pode-se gerar a insuficiência do consumo alimentar, a normalidade ou o excesso. Logo, o controle permanente do estado nutricional é fundamental para a saúde é importante para todas as faixas etárias, pois seu desequilíbrio seja causando a desnutrição ou a obesidade leva a um aumento nos índices da morbimortalidade (Petroski, et al. 2008).

Por fim, no Gráfico 44 ficou registrado a diferença na alimentação dos (as) educandos (as) da Creche Iraídina P. Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva antes e durante o COVID-19. Durante o que estes (as) comiam mais.

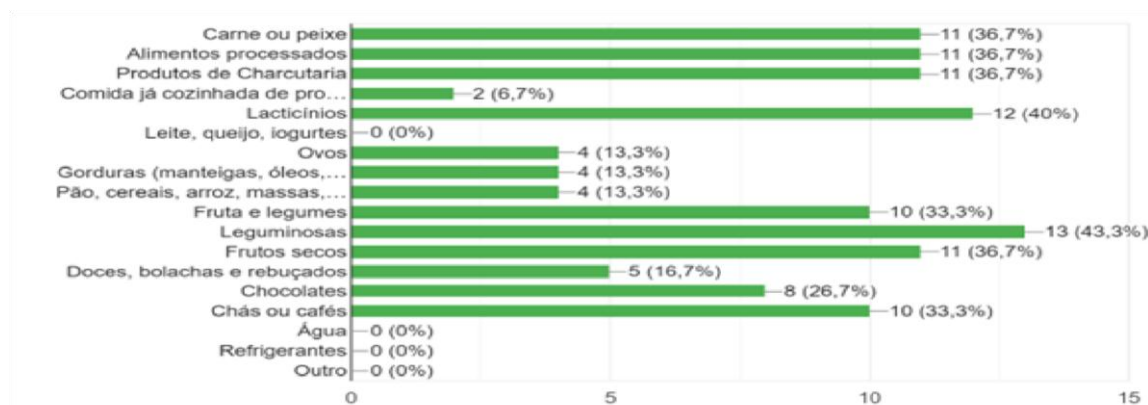


Gráfico 44 – Diferença na alimentação dos (as) educandos (as) antes e durante o COVID-19. Durante o que comiam mais.

A partir dos dados apresentados no Gráfico acima, pode-se registrar que durante a pandemia do COVID-19, a alimentação dos (as) educandos (as) aumentou consideravelmente, pois estes passaram a consumir mais: carnes, peixes, alimentos

processados, laticínios, ovos, gorduras, pães, arroz, cereais, massas, doces, bolachas, dentre outros alimentos.

Logo, a título de comparação entre antes e durante a pandemia do COVID-19, registrou-se que tanto a água como o refrigerante não aparecem na alimentação dos (as) educandos (as) . Nessa perspectiva, pode-se ressaltar que a partir da variedade de alimentos, os (as) educandos (as) podem comprometer a saúde e automaticamente a qualidade de vida, pois a ingestão em demasia de vários alimentos podem acarretar na obesidade destes, uma vez que ocorrerá uma concentração muito alta de massa gordurosa no organismo, aumentando o volume de tecido adiposo, que é fator de risco para inúmeras doenças graves, como hipertensão, diabetes e problemas cardiovasculares em crianças e adolescentes (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2020).

Assim, as mudanças de hábitos e costumes sofreram um desequilíbrio, sobretudo no padrão de sono e alimentação, o que atingiu diretamente o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Antes da pandemia, os costumes dos professores e dos alunos eram estáveis, isto é, observou-se um padrão entre as 5 e as 7 horas, bem como entre as 8 e as 9 horas. Mas, durante o cenário pandêmico os costumes foram alterados com um aumento de 16,6%, com o horário de 10:30 h.

É pertinente ressaltar que a pandemia do COVID-19 provocou um descontrole no padrão de sono dos (as) educandos (as) que fizeram parte da coleta de dados, onde o uso do despertador se fez desnecessário, pelo fato das atividades educativas terem sido suspensas, devido a contaminação em massa provocada pelo vírus. Com isso, os padrões de sono passaram a ficar desregulados, o que acarretou na falta de qualidade do sono.

No que se refere a alimentação dos alunos pode-se registrar que antes do COVID-19, a alimentação apresentava de certa forma um equilíbrio. Mas, durante a pandemia estes tipos de alimentos passaram a ser consumidos em demasia, o que pode comprometer

a saúde e a qualidade de vida dos participantes da pesquisa, pois a falta de um estado nutricional pode gerar a insuficiência do consumo alimentar, a normalidade ou o excesso. Com isso, reafirma-se que o controle permanente do estado nutricional é fundamental e necessário para a saúde e qualidade de vida dos (as) educandos (as) das escolas campo de pesquisa.

As limitações neste estudo relacionam-se com a falta de contato presencial, devido à pandemia, e que inviabilizou a coleta de informações mais sólidas tanto de professores, como de alunos, sobretudo, os alunos com NEEs referentes a atividade docente desempenhada, o sono e a alimentação destes participantes. Logo, por ser uma temática nova, destaca-se aqui a necessidade de se desenvolver mais pesquisas sobre o assunto abordado.

Assim, parece-nos importante deixar algumas recomendações tanto para os professores, como para os alunos. Para os professores, as recomendações são: investir na formação continuada e nos recursos tecnológicos, valorizar a atividade física diária, promover estratégias regulares para que os pais e/ou responsáveis possam participar ativamente nas decisões das escolas e organizar, além do desenvolvimento de palestras periódicas voltadas tanto para a importância na qualidade do sono, bem como na alimentação.

As recomendações para os professores desenvolverem com os alunos são: desenvolver práticas de ensino a partir dos recursos tecnológicos com mais frequência, promover o incentivo das atividades físicas diárias, tanto dentro da escola, como no âmbito familiar e incentivar os pais a regular tanto o sono dos filhos especiais, como a alimentação em prol de uma melhor qualidade de vida.

## 5. CONCLUSÃO

A partir da pesquisa realizada pautada na atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com NEEs antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Santana no Estado do Amapá, Brasil pode-se apresentar informações importantes sobre os impactos causados pela pandemia em todos os campos da sociedade, sobretudo, no da educação.

É pertinente ressaltar que na educação, principalmente na educação inclusiva, o processo de ensino e aprendizagem ficou comprometido, pois o confinamento e o isolamento social provocaram mudanças tanto no padrão de sono, como na qualidade e quantidade de alimentos ingeridos pelos professores e educandos (as) das escolas campo de pesquisa. Com isso, pode-se destacar os impactos que a pandemia por COVID-19 provocou nos hábitos alimentares e de sono dos professores e alunos com NEEs

Sendo assim, os resultados apresentados nesta pesquisa comprovaram a hipótese levantada, pois com a pandemia do COVID-19 a rotina diária de professores e alunos mudou repentinamente, sobretudo, na transição sem preparação adequada do ensino presencial para o virtual. Com essas mudanças a atividade docente (ensino regular e especial) precisaram ser modificadas, pois devido ao isolamento social não era mais possível o atendimento nas escolas dos alunos com NEEs.

De forma imediata foi necessário o desenvolvimento de estratégias adotadas pelos professores, como a elaboração de apostilados (atividades remotas), atividades adaptadas para que os alunos, principalmente com NEEs estudassem em casa e resolvam as atividades, além disso, outra estratégia adotada pelos professores foi a criação de grupos de *WhatsApp* com os pais ou responsáveis dos alunos, visando o desenvolvimento de uma orientação para que estes pudessem auxiliar os filhos na resolução das atividades, com isso os hábitos de sono e alimentares antes e durante a pandemia do COVID-19 dos

professores e alunos foram modificados, pois a rotina diária desse público foi afetada pela pandemia.

Diante disso, pode-se afirmar que os objetivos traçados no trabalho em tela foram alcançados, pois foi possível abordar uma temática nova que tratou da atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com NEEs antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Santana no Estado do Amapá, Brasil, onde as adaptações curriculares refletiram-se nas estratégias docentes diante do desenvolvimento de práticas de ensino, usando recursos como os recursos tecnológicos, a partir da realização das aulas *on-line*.

Sendo assim, pode-se ressaltar que as aulas *on-line* surgiram diante do cenário pandêmico como um meio de comunicação entre professores e alunos, onde além do ensino curricular, as informações referentes a qualidade do sono e alimentação passaram a ser abordadas nas aulas, pelo fato de comprometer a aprendizagem dos (as) educandos (as) das escolas campo de pesquisa.

## 6. Bibliografia

Afonso, S. R. M.; Fonseca, K. (2021) *A. Inclusão na exclusão: variáveis antes e depois de uma pandemia*. Porto Alegre: Editora Fi.

Aguiar, L.; Paniago, R. N. & Cunha, F. S. R. (2020) Os impactos do coronavírus no saber fazer docente dos professores do ensino médio integral. *Intinerarius Reflectionis*, v. 16, n. 1, p. 1-22.

Alarcão, I. (2011) *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez .

Almeida, G. A. & Montino, M. A. (2021) Dificuldades encontradas pelas professoras no processo de inclusão de alunos e alunas com deficiência. *Revista Multidebates*, v.5, n.1, p. 177-193.

Almondes, K. M. (2017) *Neuropsicologia do sono: aspectos teóricos e clínicos*. São Paulo: Pearson Clinical Brasil.

Antunes, H. K. M. et al. (2008) Privação de Sono e Exercício Físico. *Rev Bras Med Esporte*, v. 14, n. 1, Jan/Fev.

Araújo, M. F. M et al. (2013) Avaliação da qualidade do sono de estudantes universitários de Fortaleza-CE. *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 352-60, Abr-Jun.

Araújo, S. P. et. al. (2017) Tecnologia na educação: contexto histórico, papel e diversidade. *IV Jornada de Didática. III Seminário de Pesquisa do CEMAD*.

Araújo, A. N. et al. (2020). A importância da formação continuada em meio a pandemia da COVID-19. *Conedu: VI Congresso Nacional de Educação*.

Azevedo, C. V. M.; Belisio, A. S.; Souza, J. C. (2017) *Compreendendo o padrão do sono*. São Paulo: Pearson Clinical Brasil.

Barbosa, J. R. A. (2014) Prática docente e desenvolvimento profissional de professores: impactos e novos desafios, *EdUECE*, Livro 2, Didática e Prática de Ensino na relação com a Formação de Professores.

Beltrão, M. M. (2016) *Alimentos Ultraprocessados: presença do açúcar em alimentos salgados e do sal em alimentos doces*. 2016. 69f. Monografia (Curso de Graduação em Engenharia de Alimentos) - Campus I- Universidade Federal da Paraíba-UFPB, João Pessoa.

Bezerra, A. C. V. et al. (2020) Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 25, n. 1, p. 2411- 2421.

Bezerra, M. C. A. (2021) *Isolamento Social: o impacto da COVID-19 no comportamento alimentar*. 2021. 58 f. Monografia (Bacharel em Nutrição). UniAges, Paripiranga.

Blume, C. Schmidt, M. H. Cajochen, C. (2020) Effects of the COVID-19 lockdown on human sleep and rest-activity rhythms. *Current Biology*.v. 30, n. 14, p. R795–R797.

Borbély, A. A. et al. (2016) The two-process model of sleep regulation: a reappraisal. *Journal of Sleep Research*, v. 25, n. 2, p. 131-143.

Brasil (1996). *Resolução Nº 196, de 10 de outubro de 1996*. Normas para pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Educação, Brasília, Brasil.

Brasil. (2015). *Lei nº13.146, de 06 de julho de*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Estatuto da Pessoa com deficiência. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Consultado em: 14 jun. 2022.

Brasil. (2020) Ministério da Saúde. *Portaria nº188, de 3 de fevereiro de*. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus -Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-defevereiro-de-2020-241408388>. Consultado em: 29 jun. 2022.

Brasil. (2020). Ministério da Educação. *Portaria nº 343, de 17 de março de*. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. MEC. Disponível em: <https://www.mec.gov.br/>. Consultado em: 29 jun. 2022.

Brasil. (2020) Ministério da Saúde. *Portaria nº188, de 3 de fevereiro de*. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus -Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-defevereiro-de-2020-241408388>. Consultado em: 29 jun. 2022.

Caliman, G.; Manica, L. E. (2015) *A educação profissional para pessoas com deficiência: um novo jeito de ser docente*. Brasília.

Carskadon, M. A.; Dement, W. C. (2011) *Sono Humano Normal: Uma Visão Geral*. St. Louis: Elsevier Saunders.

Cellini, N. et al. (2020) Changes in sleep pattern, sense of time and digital media use during COVID-19 lockdown in Italy. *Journal of Sleep Research*, v. 29, n. 4, p. e13074.

Cerazi, B. G. A. *Sono: aliado da atividade física*. Hospital Israelita Albert Einstein. 2020. Disponível em: <https://vidasaudavel.einstein.br/sono-aliado-da-atividade-fisica/> Consultado em: 16 jan. 2022.

Dalton, L. M.; Demoliner, F. (2020) COVID-19: nutrição e comportamento alimentar no contexto da pandemia. *Revista Perspectiva: Ciência e Saúde*, v. 5, n. 2.

Declaração de Salamanca (1994). *Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais*. UNESCO.

Dourado, L. F. (2015) Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Formação Inicial e Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica: concepções e desafios, *Educ. Soc.*, Campinas, v. 36, n. 131, p. 299-324.

Durães, S. A. et al. (2020) Implicações da pandemia da covid-19 nos hábitos alimentares. *Revista Unimontes Científica*, v. 22, n. 2, p. 1-20.

França, C. L. et al. (2012) Contribuições da psicologia e da nutrição para a mudança do comportamento alimentar. *Estudos de Psicologia*, v. 17, n. 2, p. 337-345.

Freire, P. (1996) *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

Hirshkowitz, M. et al. (2015) National Sleep Foundation's sleep time duration recommendations: Methodology and results summary. *Sleep Health*, p. 1-4.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Ibge), (2019). Pesquisa do IBGE aponta que Brasil ainda tem 11 Milhões de Analfabetos. Disponível em: <<https://blog.wyden.com.br/noticias/pesquisa-do-ibge-aponta-que-brasil-ainda-tem-11milhoes-de-analfabetos/>> Consultado em: 29 jun. 2022.

Kolarik, K.; Rodrigues, J. F.; Oliveira, A. M. de. (2017) As adequações curriculares para a educação inclusiva através do Projeto Político Pedagógico da Escola. São Paulo: *Projeção & Docência*, v. 8, n. 1. p. 46-58.

Kim, L.; Tufik, S.; Andersen, M. (2017) *Manual do residente: Medicina do Sono*. Baueri: Manole.

Kraemer, M. U. G., et al. (2020). O efeito da mobilidade humana e das medidas de controle na epidemia de COVID-19 na China. *Science*, v. 1, n. 1, p. 1-10.

Lana, R. M. et al. (2020) Emergência do novo coronavírus (SARS-CoV-2) e o papel de uma vigilância nacional em saúde oportuna e efetiva. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 3.

Leyser, K. D. S. (2018) *Fundamentos de neurofisiologia e neuropsicologia*. Indaial: UNIASSELVI.

Lin L.Y., Wang, J., Ou-yang, X.Y., Miao, Q., Chen, R., Liang F.X., et al. (2020) The immediate impact of the 2019 novel coronavirus (COVID-19) outbreak on subjective sleep status. *Sleep Medicine*.

Lima, et. al (2020). Recomendações para cirurgia de emergência durante a pandemia de COVID-19. *Revista de Saúde e Ciências Biológicas*, v. 8, n. 1, p. 1-3.

- Lima, M. R. S. & Soares, A. C. N. (2020) Alimentação saudável em tempos de COVID-19: o que eu preciso saber? *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 3, p. 3980-3992.
- Mantoan, M. T. E. (2015) *Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna.
- Malta, D. C. et al. (2020) A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, p. e2020407.
- Malta, D. C. et al. (2021) A pandemia de COVID-19 e mudanças nos estilos de vida dos adolescentes brasileiros. *Revista Brasileira de Epidemiologia*. v. 24, n1, p. 1-13.
- Martini, M. et al. (2012) Fatores associados à qualidade do sono em estudantes de Fisioterapia. *Fisioter Pesq.* v.19, n.3, p.261-267.
- Melo, B. D. et al. (2020). *Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19*. Brasília: Ministério da Saúde/Fundação Oswaldo Cruz.
- Moran, J. (2020) *Transformações na Educação impulsionadas pela crise*. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wpcontent/uploads/2020/05/Transforma%C3%A7%C3%B5es.pdf>. Consultado em: 21 jul. 2022.
- Moreira, A. M. S. (2015) *Efeitos de um programa de treino cognitivo e das técnicas de higiene do sono para as funções executivas e para a qualidade de sono em idosos saudáveis*. 2015. 164 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN.
- Nóvoa, A. (2020) *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.
- Oliveira, I. S. et al. (2016). Neurociência: O estudo do sono. In: 11º Mostra De Iniciação Científica JR. 2016. *Anais eletrônicos...* Congrega, URCAMP.
- Oliveira, L. D. (2020). *Espaço e Economia: Novos Caminhos, Novas Tensões*. Espaço e Economia, v. 1, n. 17, p. 1–13.
- Oliveira, L. V. et al. (2021) Modificações dos Hábitos Alimentares Relacionadas à Pandemia do Covid-19: uma Revisão de Literatura. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 4, n. 2, p. 8464-847.
- Paiva, T., et al (2021). Sleep and Awakening Quality during COVID-19 Confinement: Complexity and Relevance for Health and Behavior. *International journal of environmental research and public health*, v. 18, n. 7, p. 3506.
- Palmieri, F. (2020) *Mudanças de hábitos de consumo durante a quarentena podem permanecer no pós-isolamento*. Banco de dados Cepea. São Paulo.
- Paniago, R. N. (2017) *Os professores, seu saber e seu fazer: elementos para uma reflexão sobre a prática docente*. Curitiba: Appris.

Petroski E.L, Jerônimo R, Silva S, Pelegrini A. (2008) Crescimento físico e estado nutricional de crianças e adolescentes da região de Cotinguiba, Sergipe. *Revista Paulista de Pediatria*.

Polankzyk, G. V. (2020) *O Custo da pandemia sobre a saúde mental de crianças e adolescentes*. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=321462>. Acesso em: 29 Jun. 2022.

Rego, T. C. (2001). *Vigotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis/RJ: Vozes.

Reichenberger, V. et al. (2020) O desafio da inclusão de pessoas com deficiência na estratégia de enfrentamento à pandemia de COVID-19 no Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, Brasília, v. 29, n. 5, p. 1-5, nov.

Reis-Filho, J. A., & Quinto, D. (2020). *COVID-19, Afastamento social, Pesca artesanal e Segurança alimentar*. Disponível: < <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/54/64>> Acesso em: 1 jul. 2021.

Richter S.A., et al. (2020) Como a quarentena da COVID-19 pode afetar o sono das crianças e adolescentes?. *Resid Pediatría*.

Santos, D. M. (2017) A alimentação escolar como estratégia de educação alimentar e nutricional: uma revisão da literatura. 2017. 46 f. TCC (Graduação em Nutrição). Universidade Federal de Pernambuco, Vitória de Santo Antão.

Santos, T. S. (2022) *Educação inclusiva de pessoas com deficiência no Brasil: avanços, retrocessos e uma pandemia no meio do caminho*. 2022. 39 f. Monografia (curso de Pedagogia). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiania.

Santos, R. & Lucena, S. (2020) Ambiências formativas espaçostempos de invenções e formação docente. *Educ. foco*, Juiz de Fora, v. 25, n. 2, p. 5-12, jan/abr.

Schmidt, B., et al. (2020). Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19). *Estudos de Psicologia* (Campinas), v. 37, n. 1, p. 1-13.

Schredl, M.; Brennecke, J.; Reinhard, I. (2013) Does training increase NREM dream recall? A pilot study. *International Journal of Dream Research*, v. 6, n. 1, p. 54-58.

Schuchmann, A. Z., et al. (2020). Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 2, p. 3556–3576.

Segundo, L. V. G. et al. (2017) Aspectos relacionados à qualidade do sono em estudantes de medicina. *Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria*, Salvador, p. 213-223.

Senna, M. (2013). O “Index para Inclusão” na formação continuada dos professores de salas de recursos multifuncionais. *Revista do CFCH*, Edição especial JIC, 1-5.

Silva, K. W. da; Bins, K. L. G.; Rozek, M. (2020) A educação especial e a covid-19: aprendizagens em tempos de isolamento social. *Educação*, v. 10, n. 1, p. 124 -136.

Silva, M.R.G. (2015). Alimentação na Ginástica: de Pais para Filhos. Lisboa: Federação de Ginástica de Portugal/ Instituto Português do Desporto e da Juventude I.P.

Silva, M. R. G., Paiva, T. (2016). Neurofisiologia, patologias associadas à privação do sono e higiene do sono em crianças. In: Santos-Rocha R, Simões V, Pimenta N. Escola Ativa: Atividade Física e Saúde em Contexto Escolar. Rio Maior, p. 85-94.

Silva, M.R.G., Paiva, T. (2015). Sono, Nutrição, Ritmo Circadiano, Jet Lag e Desempenho Desportivo. Lisboa: Federação de Ginástica de Portugal/Instituto Português do Desporto e da Juventude I.P.

Silva, M.-R.G., Paiva, T., Bellotto, M.L. (2016). Alimentação, nutrição e dietoterapia em crianças portuguesas. In: Santos-Rocha R, Simões V, Pimenta N (editores). Escola Ativa – Atividade Física e Saúde em Contexto Escolar. Rio Maior: Edições ESDRM, p.29-45.

Sociedade Brasileira de Pediatria (2020) Obesidade em crianças e Adolescentes e COVID-19. *Nota de Alerta*. Sociedade Brasileira de Pediatria. Grupo de Trabalho em Atividade Física. São Paulo: SBP.

Stainback, S. & Stainback, W. (1999) *Inclusão: um guia para educadores*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Valle, L. E. L. R., et al. (2011) *Sono e aprendizagem*. Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora.

VEIGA, M. M. (2005) A inclusão de crianças deficientes na Educação Infantil. In: *Paidéia*, ano V, n.4, p.169-193.

Vendramini; J. E.; Maciel, H. C. & Penna, P. F. M. (2021) Os impactos da pandemia de covid-19 na aprendizagem do aluno com deficiência: identificando necessidades e auxiliando o professor. *Revista Apae Ciência*, v. 16 n°. 2 - jul/dez.

Vigotski, L. S. (2004). *Teoria e método em psicologia*. São Paulo: Martins Fontes.

World Health Organization (WHO) (2020). *Pandemia da doença de coronavírus (COVID19)*. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/es/novel-coronavirus-2019>. Consultado em: 1 jul. 2021.

## Anexo I. Pedido de autorização para realização da pesquisa de Consentimento Informado



Universidade Fernando Pessoa

Exma. Senhora  
Prof. Doutora Sandra Gavinha  
Directora da FCS

Nº	Data
FCS/PI – 177/21	12 de Maio de 2021

Exma. Senhora Professor Doutora,

A Comissão de Ética, depois de analisado o projeto de investigação da Prof. Doutora Raquel Silva, Profª Doutora Teresa Paiva e Prof. Doutor Francisco Saavedra, intitulado "Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais (NEEs) antes e durante a pandemia por COVID-19 no Brasil", considera o estudo pertinente com o título e objetivos concordantes. Trata-se de um estudo quantitativo, com o objetivo geral de: avaliar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com NEEs e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e dos seus alunos, antes e durante a Pandemia por COVID-19. Os participantes serão Professores de crianças com NEEs e alunos com NEEs no domínio cognitivo e/ou motor (com idades compreendidas entre os 6 e os 15 anos), que integrem escolas/instituições de ensino nos Estados brasileiros e aceitem participar no estudo. Estão descritos os procedimentos de acesso aos participantes e critérios de inclusão e exclusão no estudo. A recolha de dados será efetuada online através do questionário a ser criado no GoogleForms na forma de questionário a aplicar aos professores e outro ao encarregado de educação do aluno com NEEs. A confidencialidade dos dados e anonimato estão assegurados pelos investigadores.

A Comissão de Ética não tem nada a opor à realização do estudo, devendo, contudo, ser acauteladas questões relacionadas com a necessidade (ou não) de submissão à Plataforma Brasil.

Com os melhores cumprimentos,

A Presidente da  
Comissão de Ética da UFP

  
Teresa Toity

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa com um desenho descritivo com cariz quantitativo, intitulada “Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Santana no Estado do Amapá-Brasil”, realizada pela pesquisadora Suemy Braga Rodrigues dos Santos, que tem como objetivo primário: investigar a atividade e as estratégias que os professores utilizam com os seus alunos com NEEs e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e alunos, antes e durante a pandemia por COVID-19 e secundários: identificar as estratégias de ensino utilizadas pelos professores (ensino regular e especial) no ensino de alunos com NEEs em escolas localizadas no município de Santana/AP; conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores ensino regular e especial) e dos alunos antes e durante a pandemia por COVID-19, em escolas localizadas no município de Santana/AP; descrever os impactos que a pandemia por COVID19 provocou nos hábitos alimentares e de sono dos professores e alunos com NEEs em escolas localizadas no município de Santana/AP.

Os sujeitos serão professores (ensino regular e especial), pais e /ou responsáveis representantes dos alunos com NEEs menores de idade matriculados na Creche Iraídina Pinheiro Sanches e os professores (ensino regular e especial) e alunos matriculados na Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva. Por ser uma pesquisa de campo, existem alguns riscos: contaminação da pelo COVID-19, tanto da pesquisadora, como pelos participantes da pesquisa, mas em todos os momentos da coleta de dados serão seguidos todos os protocolos de segurança; riscos de alguns participantes desistirem de participar da pesquisa; riscos de os objetivos não serem alcançados, pois os pais e/ou responsáveis podem não aceitar a volta do (a) filho (a) nas aulas presenciais, visto que não é obrigatório.

Por outro lado a referida pesquisa poderá trazer os seguintes benefícios: desenvolver nos participantes da pesquisa uma autoavaliação sobre sua rotina antes e durante a pandemia por COVID-19, onde a má alimentação e a falta de sono podem ser prejudiciais a saúde; promover uma mudança de hábitos tanto na prática docente, como na aprendizagem dos alunos com NEEs, priorizando a qualidade de vida; estimular a saúde mental dos participantes da pesquisa, a partir de uma alimentação e sono de qualidade.

As informações obtidas através dessa pesquisa comprometem-se a obedecer a Resolução 466/2012, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de

Saúde do Ministério da Saúde, que dispõe sobre as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo seres humanos, em que os princípios do sigilo, anonimato e a liberdade de escolha para participar da pesquisa serão rigorosamente seguidas pelas pesquisadoras. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos a cima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam as formas de contato com a pesquisadora, caso queira tirar alguma dúvida sobre o mesmo.

Sua participação não é obrigatória, sendo que a qualquer momento poderá haver sua desistência em participar e a saída da pesquisa. Sua recusa não lhe trará nenhum

prejuízo com relação a esta instituição de ensino, a pesquisadora ou a Universidade Fernando Pessoa.

Durante o estudo será utilizado um questionário como perguntas do tipo fechado. O questionário será aplicado com os participantes da pesquisa supracitados, da Creche Iraídina Pinheiro Sanches e da Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva em diferentes turnos e em horários previamente acordado.

A participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas feitas com a máxima sinceridade e concentração.

Eu, \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ RG nº \_\_\_\_\_ declaro que recebi as devidas orientações e entendi o objetivo, os riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em ser voluntário (a), respondendo aos questionamentos realizados.

Investigadora Responsável: Suemy Braga R. dos Santos

Assinatura: \_\_\_\_\_

Contatos:(91) 99355- 5744 E-mail: [suemysantos@gmail.com](mailto:suemysantos@gmail.com)

Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa Rua Delfim Maia, nº 340, Porto Portugal Tel: +351 225074630

Comitê de Ética da Faculdade Estácio de Macapá Endereço:

Avenida José Tupinambá de Almeida, 1223 Bairro: Jesus de Nazaré CEP: 68.908-126 UF: AP

Município: Macapá Telefone: +55 96 2101-5199 E-mail: [cep.macapa@estacio.br](mailto:cep.macapa@estacio.br)

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você está sendo convidado(a) para participar de uma pesquisa com um desenho descritivo com cariz quantitativo, intitulada “Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Santana no Estado do Amapá-Brasil”, realizada pela pesquisadora Suemy Braga Rodrigues dos Santos, que tem como objetivo primário: investigar a atividade e as estratégias que os professores utilizam com os seus alunos com NEEs e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e alunos, antes e durante a pandemia por COVID-19 e secundários: identificar as estratégias de ensino utilizadas pelos professores (ensino regular e especial) no ensino de alunos com NEEs em escolas localizadas no município de Santana/AP; conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores ensino regular e especial) e dos alunos antes e durante a pandemia por COVID-19, em escolas localizadas no município de Santana/AP; descrever os impactos que a pandemia por COVID19 provocou nos hábitos alimentares e de sono dos professores e alunos com NEEs em escolas localizadas no município de Santana/AP.

Os sujeitos serão professores (ensino regular e especial), pais e /ou responsáveis representantes dos alunos com NEEs menores de idade matriculados na Creche Iraídina Pinheiro Sanches e os professores (ensino regular e especial) e alunos matriculados na Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva. Por ser uma pesquisa de campo, existem alguns riscos: contaminação da pelo COVID-19, tanto da pesquisadora, como pelos participantes da pesquisa, mas em todos os momentos da coleta de dados serão seguidos todos os protocolos de segurança; riscos de alguns participantes desistirem de participar da pesquisa; riscos de os objetivos não serem alcançados, pois os pais e/ou responsáveis podem não aceitar a volta do (a) filho (a) nas aulas presenciais, visto que não é obrigatório.

Por outro lado a referida pesquisa poderá trazer os seguintes benefícios: desenvolver nos participantes da pesquisa uma autoavaliação sobre sua rotina antes e durante a pandemia por COVID-19, onde a má alimentação e a falta de sono podem ser prejudiciais a saúde; promover uma mudança de hábitos tanto na prática docente, como na aprendizagem dos alunos com NEEs, priorizando a qualidade de vida; estimular a saúde mental dos participantes da pesquisa, a partir de uma alimentação e sono de qualidade.

As informações obtidas através dessa pesquisa comprometem-se a obedecer a Resolução 466/2012, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Conselho Nacional de

Saúde do Ministério da Saúde, que dispõe sobre as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisa Envolvendo seres humanos, em que os princípios do sigilo, anonimato e a liberdade de escolha para participar da pesquisa serão rigorosamente seguidas pelas pesquisadoras. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. Serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos a cima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

Você receberá uma cópia deste termo onde constam as formas de contato com a pesquisadora, caso queira tirar alguma dúvida sobre o mesmo.

Sua participação não é obrigatória, sendo que a qualquer momento poderá haver sua desistência em participar e a saída da pesquisa. Sua recusa não lhe trará nenhum prejuízo com relação a esta instituição de ensino, a pesquisadora ou a Universidade Fernando Pessoa.

Durante o estudo será utilizado um questionário como perguntas do tipo fechado. O questionário será aplicado com os participantes da pesquisa supracitados, da Creche Iraídina Pinheiro Sanches e da Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva em diferentes turnos e em horários previamente acordado. A participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas feitas com a máxima sinceridade e concentração.

Eu, \_\_\_\_\_ RG n°  
\_\_\_\_\_ representante legal do (a) aluno (a)  
\_\_\_\_\_ declaro que recebi as devidas orientações e entendi o objetivo, os riscos e benefícios da minha participação na pesquisa e concordo em ser voluntário (a), respondendo aos questionamentos realizados.

Investigadora Responsável: Suemy Braga R. dos Santos

Assinatura: \_\_\_\_\_

Contatos:(91) 99355- 5744 E-mail: [suemysantos@gmail.com](mailto:suemysantos@gmail.com) Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa Rua Delfim Maia, n° 340 , PortoPortugal Tel: +351 225074630

Comitê de Ética da Faculdade Estácio de Macapá Endereço: Av: José Tupinambá de Almeida, 1223 Bairro: Jesus de Nazaré CEP: 68.908-126 UF: AP Município : Macapá Telefone: +55 96 2101-5199 E-mail: [cep.macapa@estacio.br](mailto:cep.macapa@estacio.br)

### Anexo III. Autorização do Comitê de Ética

FACULDADE ESTÁCIO DE  
MACAPÁ



#### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

##### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Investigar a atividade e as estratégias que os professores utilizam com os seus alunos com necessidades educativas especiais (NEEs) e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e alunos, antes e durante a pandemia por COVID-19

**Pesquisador:** SUEMY BRAGA RODRIGUES DOS SANTOS

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 52121621.2.0000.5021

**Instituição Proponente:** Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

##### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 5.028.135

##### Apresentação do Projeto:

Segundo a pesquisadora, o presente projeto de pesquisa tem como objetivo geral investigar a atividade e as estratégias que os professores utilizam com os seus alunos com necessidades educativas especiais (NEEs) e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e alunos, antes e durante a pandemia por COVID-19. Enquanto que, os objetivos específicos são: identificar a atividade e as estratégias que os professores utilizam com os seus alunos com NEEs, de acordo com a sua experiência profissional e o tipo de deficiência dos alunos; conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores antes e durante a pandemia por COVID-19, de acordo com a idade; conhecer os hábitos de sono e alimentares destes alunos antes e durante a pandemia, de acordo com a idade e o tipo de deficiência e identificar possíveis associações entre as variáveis em estudo. Nessa perspectiva, a pesquisa terá um desenho descritivo com cariz qualitativo e quantitativo, sendo realizada a pesquisa na Escola Municipal Iraidina Pinheiro Sanches e Escola Estadual Osvaldina Ferreira da Silva, onde pretende-se utilizar como instrumentos de recolha de informações um questionário aplicado aos professores, tanto do ensino regular como do ensino especial, além de alunos do ensino fundamental II, bem como pais e/ou responsáveis dos alunos com NEEs.

**Endereço:** Av. José Tupinambá de Almeida, 1223

**Bairro:** Jesus de Nazaré

**CEP:** 68.908-126

**UF:** AP **Município:** MACAPÁ

**Telefone:** (96)2101-5199

**E-mail:** cep.macapa@estacio.br

Continuação do Parecer: 5.028.135

**Objetivo da Pesquisa:**

Segundo a pesquisadora, a pesquisa tem como objetivo investigar a atividade e as estratégias que os professores utilizam com os seus alunos com NEEs e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e alunos, antes e durante a pandemia por COVID-19.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Segundo a pesquisadora,

**Riscos:**

Em virtude da pesquisa ser desenvolvida no decorrer da pandemia, destaca-se alguns riscos:

Contaminação da pelo COVID-19, tanto da pesquisadora, como pelos participantes da pesquisa, mas em todos os momentos da coleta de dados serão seguidos todos os protocolos de segurança;

Riscos de alguns participantes desistirem de participar da pesquisa;

Riscos dos objetivos não serem alcançados, pois os pais e/ou responsáveis podem não aceitar a volta do (a) filho (a) nas aulas presenciais, visto que não é obrigatório

**Benefícios:**

A pesquisa poderá trazer os seguintes benefícios:

Desenvolver nos participantes da pesquisa uma auto avaliação sobre sua rotina antes e durante a pandemia por COVID-19, onde a má alimentação e a falta de sono podem ser prejudiciais a saúde;

Promover uma mudança de hábitos tanto na prática docente, como na aprendizagem dos alunos com NEEs, priorizando a qualidade de vida;

Estimular a saúde mental dos participantes da pesquisa, a partir de uma alimentação e sono de qualidade.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pesquisa de relevância científica e social.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

O protocolo de pesquisa acompanha os seguintes termos de apresentação obrigatória: folha de rosto, projeto de pesquisa, questionários, cartas de anuência, TCLE. Todos os documentos estão adequados conforme Resolução 466/2012.

**Recomendações:**

As recomendações anteriores foram acatadas.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

O Protocolo de pesquisa atende todas as exigências das resoluções da CONEP 466/2012 e

Endereço: Av. José Tupinambá de Almeida, 1223

Bairro: Jesus de Nazaré

CEP: 68.908-126

UF: AP

Município: MACAPA

Telefone: (96)2101-5199

E-mail: cep.macapa@estacio.br

FACULDADE ESTÁCIO DE  
MACAPÁ



Continuação do Parecer: 5.028.135

510/2016, estando apto a execução quanto aos aspectos éticos.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Prezada Pesquisadora,

Com base nas resoluções da CONEP 466/2012 e 510/2016, informamos que seu projeto foi considerado APROVADO. Lembre-se do compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa, informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Atenciosamente,  
A Coordenação.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1828699.pdf	19/09/2021 00:11:47		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetedetalhado.docx	19/09/2021 00:10:28	SUEMY BRAGA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Outros	Cartadeanuencia2.pdf	18/09/2021 23:54:12	SUEMY BRAGA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Outros	Cartadeanuencia1.pdf	18/09/2021 23:53:23	SUEMY BRAGA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	18/09/2021 23:48:47	SUEMY BRAGA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Outros	questionarios.pdf	18/09/2021 23:44:25	SUEMY BRAGA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Outros	declaracaodoorientador.pdf	18/09/2021 23:41:25	SUEMY BRAGA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Outros	declaracaodaorientadora.pdf	18/09/2021 23:40:48	SUEMY BRAGA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	18/09/2021	SUEMY BRAGA	Aceito

Endereço: Av. José Tupinambá de Almeida, 1223

Bairro: Jesus de Nazaré

CEP: 68.908-126

UF: AP

Município: MACAPA

Telefone: (96)2101-5199

E-mail: cep.macapa@estacio.br

FACULDADE ESTÁCIO DE  
MACAPÁ



Continuação do Parecer: 5.028.135

Orçamento	ORCAMENTO.pdf	23:38:55	RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEFINAL.pdf	18/09/2021 23:35:42	SUEMY BRAGA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMAFINAL.pdf	18/09/2021 23:33:38	SUEMY BRAGA RODRIGUES DOS SANTOS	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MACAPA, 08 de Outubro de 2021

---

**Assinado por:**  
**Maysa de Vasconcelos Brito**  
**(Coordenador(a))**



Este projeto pretende investigar a atividade e as estratégias que os professores utilizam com alunos com necessidades educativas especiais (NEEs) e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores, antes e durante a Pandemia por COVID-19. O questionário é anônimo e confidencial.

Desde já agradecemos a sua colaboração!

### Parte A - Dados sócio- demográficos

1. Qual a sua idade?

\_\_\_\_\_anos

2. Sexo.

( ) Feminino

( ) Masculino

3. Estado civil.

( ) Casado/a

( ) Solteiro/a Viúvo/a

( ) Divorciado/a

( ) União de fato

4. Há quanto tempo você trabalha na educação? \_\_\_\_\_anos

4.1 Qual o nível de ensino que você ensina?

( ) Ensino Fundamental II

( ) Educação Infantil

5. Qual sua formação como professor?

( ) Graduação/Licenciatura

( ) Pós-graduação

( ) Mestrado

( ) Doutorado

### Parte B – As perguntas são dirigidas à sua atividade como professor (regular e especial )

6. Você está preparado para trabalhar com alunos com NEEs?

( ) Sim

( ) Não

Vc já fez cursos de formação continuada especificamente para a área de educação especial? Cite-os.

---

7. Antes da pandemia, qual era a sua maior dificuldade em termos de ensino dos alunos com NEEs. Indique apenas uma/a maior dificuldade)?

---

---

---

---

---

8. Você acredita que antes da pandemia, a Educação Inclusiva acontecia de fato?

(                    ) Sim (                    ) Não Justifique sua resposta

---

9. Antes da pandemia, o que você, enquanto professor, fazia para que seus alunos com deficiência fossem inclusos na sociedade onde vivem?

---

---

---

---

---

---

---

10. Antes da pandemia, o que você, enquanto professor, fazia para que seus alunos com deficiência fossem inclusos na sociedade onde vivem?

---

---

---

---

---

---

11. Você acredita que, antes da pandemia, o poder público municipal de Santana/AP estava preocupado com a Educação Especial na perspectiva inclusiva?

(    ) Sim

(    ) Não

Justifique sua

resposta. \_\_\_\_\_

12. Antes da pandemia, que formas você utilizava para adaptar os conteúdos para seus alunos com NEEs? Relacione.

---

---

---

---

13. Antes da pandemia, e em sala de aula você buscava metodologias para que alunos com NEEs e os alunos ditos normais pudessem interagir juntos?

( ) Sim

( ) Não

Justifique sua resposta. \_\_\_\_\_

14. Descreva como você classifica a inclusão dos seus alunos com NEEs na escola, antes da pandemia?

---

---

---

---

**Parte C – Esta parte pretende conhecer os seus hábitos de sono, antes e durante a Pandemia por COVID-19**

15. A que horas ou entre que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID?  
\_\_\_\_\_ h\_min

16. A que horas ou entre que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID?  
\_\_\_\_\_ h\_min

17. A que horas ou entre que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID?  
\_\_\_\_\_ h\_min

18. A que horas ou entre que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID?  
\_\_\_\_\_ h\_min

19. Quantas horas reais, em média, de sono "dormia mesmo" diariamente ANTES do COVID? \_\_\_\_\_ h\_min

20. Quantas horas reais, em média, de sono "dorme mesmo" diariamente DURANTE o COVID?  
\_\_\_\_\_ h \_\_\_\_\_ min

21. Quanto tempo levava a adormecer ANTES do COVID em minutos? h\_min

22. Quanto tempo levava a adormecer DURANTE o COVID em minutos? h\_min

23. Quantas vezes acordava por noite ANTES do COVID? \_\_\_\_\_

24. Quantas vezes acordava por noite DURANTE o COVID? \_\_\_\_\_

25. Usava/ Usa despertador para acordar? Pode responder a várias respostas.

( ) Sim antes do COVID

( ) Sim durante o COVID

- Não uso despertador durante o COVID
- Nunca uso o despertador
26. Tinha/ tem sonhos ou pesadelos com alguma frequência? Pode responder a várias respostas.
- Tinha pesadelos antes do COVID
- Tenho pesadelos durante o COVID
- Não tenho pesadelos
- Tinha sonhos antes do COVID
- Tenho sonhos durante o COVID
- Não sonho habitualmente
27. Como classifica a qualidade do seu sono **antes** do COVID? *Selecione um número conforme sente.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

28. Como classifica a qualidade do seu sono **durante** o COVID? *Selecione um número conforme sente.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Parte D** – Esta parte pretende conhecer os **seus hábitos alimentares, antes e durante a**

**Pandemia por COVID-19**

29. Quantas refeições fazia por dia antes do COVID?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5 ou mais de 5

30. Quantas refeições faz por dia durante o COVID?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5 ou mais de 5

- 31 Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia menos:

- Carne ou peixe
- Alimentos processados
- Produtos de Charcutaria
- Comida já cozinhada de pronto-a-comer ou restaurantes
- Lacticínios
- Ovos

- ( ) Gorduras (manteigas, óleos, etc)
- ( ) Pão, cereais, arroz, massas, etc
- ( ) Fruta e legumes
- ( ) Leguminosas
- ( ) Frutos secos
- ( ) Doces, bolachas e rebuçados
- ( ) Chocolates
- ( ) Chás ou cafés
- ( ) Outros. Cite. \_\_\_\_\_

O questionário termina aqui. Mais uma vez, agradecemos a sua participação!

## Anexo V – Questionário direcionado para os pais dos alunos da educação infantil



Este projeto pretende investigar os hábitos de sono e alimentares de alunos com necessidades educativas especiais (NEEs), antes e durante a Pandemia por COVID-19. O questionário é anónimo e confidencial. Desde já agradecemos a sua colaboração!

### Parte A - Dados sócio-demográficos de sua/seu educanda(o)

1. Qual a idade de sua/seu educanda(o)? \_\_anos
2. Qual o sexo de sua/seu educanda(o)?  
( ) Feminino  
( ) Masculino

### Parte B – Esta parte pretende conhecer os hábitos de sono de SEU/SUA EDUCANDO (A), antes e durante a Pandemia por COVID-19

3. A que horas o (a) educando (a) costumava se levantar da cama ANTES do COVID?

h min

4. A que horas o (a) educando (a) costuma se levantar da cama DURANTE o COVID?

h min

5. A que horas o (a) educando (a) costumava se levantar da cama ANTES do COVID?

h min

6. A que horas o (a) educando (a) costuma se levantar da cama DURANTE o COVID?

h min

7. Quantas horas reais, em média, de sono o (a) educando (a) "dormia mesmo" diariamente ANTES do COVID?

h min

8. Quantas horas reais, em média, de sono o (a) educando (a) " dorme mesmo" diariamente

DURANTE o COVID?

h min

9. Quanto tempo o (a) educando (a) levava a adormecer ANTES do COVID em minutos?

h min

10. Quanto tempo o (a) educando (a) levava a adormecer DURANTE o COVID em minutos?

h min

11. Quantas vezes o (a) educando (a) acordava por noite ANTES do COVID?

h min

12. Quantas vezes o (a) educando (a) acordava por noite DURANTE o COVID?  
h min
13. Você usava/ usa despertador para acordar o (a) educando (a)? Pode responder a várias respostas.
- ( ) Sim antes do COVID
- ( ) Sim durante o COVID
- ( ) Não uso despertador durante o COVID
- ( ) Nunca uso o despertador
14. O (A) educando (a) tinha/ tem sonhos ou pesadelos com alguma frequência? Pode responder a várias respostas.
- ( ) Tinha pesadelos antes do COVID
- ( ) Tenho pesadelos durante o COVID
- ( ) Não tenho pesadelos
- ( ) Tinha sonhos antes do COVID
- ( ) Tenho sonhos durante o COVID
- ( ) Não sonho habitualmente

15 Como classifica a qualidade do sono de sua/seu educanda(o) **antes** do COVID?  
*Selecione um número conforme sente.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

16. Como classifica a qualidade do sono de sua/seu educanda(o) **durante** o COVID?  
*Selecione um número conforme sente.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Parte C** – Esta parte pretende conhecer os hábitos alimentares do (a) **EDUCANDO (A)**, antes e durante a Pandemia por COVID-19

17. Quantas refeições o educando (a) fazia por dia antes do COVID?
- ( ) 1
- ( ) 2
- ( ) 3
- ( ) 4
- ( ) 5 ou mais de 5
18. Quantas refeições o educando (a) faz por dia durante o COVID?
- ( ) 1
- ( ) 2
- ( ) 3
- ( ) 4
- ( ) 5 ou mais de 5
19. Qual a diferença na sua alimentação do educando (a) antes e durante o COVID?  
Durante o COVID **comia mais** :

- Carne ou peixe
- Alimentos processados
- Produtos de Charcutaria
- Comida já cozinhada de pronto-a-comer ou restaurantes
- Laticínios
- Ovos
- Gorduras (manteigas, óleos, etc)
- Pão, cereais, arroz, massas, etc
- Fruta e legumes
- Leguminosas
- Frutos secos
- Doces, bolachas e rebuçados
- Chocolates
- Chás ou cafés
- Outros. Cite. \_\_\_\_\_

20. Qual a diferença na alimentação do educando (a) antes e durante o COVID? Durante o COVID **comia menos**:

- Carne ou peixe
- Alimentos processados
- Produtos de Charcutaria
- Comida já cozinhada de pronto-a-comer ou restaurantes
- Laticínios
- Ovos
- Gorduras (manteigas, óleos etc)
- Pão, cereais, arroz, massas, etc
- Fruta e legumes
- Leguminosas
- Frutos secos
- Doces, bolachas e rebuçados
- Chocolates
- Chás ou cafés
- Outros. Cite. \_\_\_\_\_

O questionário termina aqui. Mais uma vez, agradecemos a sua participação!

## Anexo VI – Questionário direcionado para os alunos do ensino fundamental II



Este projeto pretende investigar os hábitos de sono e alimentares de alunos com necessidades educativas especiais (NEEs), antes e durante a Pandemia por COVID-19. O questionário é anónimo e confidencial. Desde já agradecemos a sua colaboração!

### Parte A - Dados sócio-demográficos do (a) educanda(o)

1. Qual a sua idade? \_\_\_\_\_ anos
2. Qual o seu sexo?  
( ) Feminino  
( ) Masculino

### Parte B – Esta parte pretende conhecer os hábitos de sono do (a) **EDUCANDO (A)**, antes e durante a Pandemia por COVID-19

3. A que horas você costumava se levantar da cama ANTES do COVID?  
       h      min
4. A que horas você costuma se levantar da cama DURANTE o COVID?  
       h      min
5. A que horas você costumava se levantar da cama ANTES do COVID?  
       h      min
6. A que horas você costuma se levantar da cama DURANTE o COVID?  
       h      min
7. Quantas horas reais, em média, de sono você dormia diariamente ANTES do COVID?  
       h      min
8. Quantas horas reais, em média, de sono você dorme diariamente DURANTE o COVID?  
       h      min
9. Quanto tempo você levava para a adormecer ANTES do COVID em minutos?  
       h      min
10. Quanto tempo você levava para adormecer DURANTE o COVID em minutos?  
       h      min
11. Quantas vezes você acordava por noite ANTES do COVID?  
       h      min
12. Quantas vezes você acordava por noite DURANTE o COVID?  
       h      min
13. Você usava/ usa despertador para acordar? Pode responder a várias respostas.

- Sim antes do COVID
- Sim durante o COVID
- Não uso despertador durante o COVID
- Nunca uso o despertador

14. Você tinha/ tem sonhos ou pesadelos com alguma frequência? Pode responder a várias respostas.

- Tinha pesadelos antes do COVID
- Tenho pesadelos durante o COVID
- Não tenho pesadelos
- Tinha sonhos antes do COVID
- Tenho sonhos durante o COVID
- Não sonho habitualmente

15. Como classifica a qualidade do seu sono do **antes** do COVID? *Selecione um número conforme sente.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

16. Como classifica a qualidade do seu sono **durante** o COVID? *Selecione um número conforme sente.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Parte C** – Esta parte pretende conhecer os hábitos alimentares do (a) **EDUCANDO (A)**, antes e durante a Pandemia por COVID-19

17. Quantas refeições você fazia por dia antes do COVID?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5 ou mais de 5

18. Quantas refeições você faz por dia durante o COVID?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5 ou mais de 5

19. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID **comia mais:**

- Carne ou peixe
- Alimentos processados

- Produtos de Charcutaria
- Comida já cozinhada de pronto-a-comer ou restaurantes
- Laticínios
- Ovos
- Gorduras (manteigas, óleos, etc)
- Pão, cereais, arroz, massas, etc
- Fruta e legumes
- Leguminosas
- Frutos secos
- Doces, bolachas e rebuçados
- Chocolates
- Chás ou cafés
- Outros. Cite. \_\_\_\_\_

20. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID **comia menos**:

- Carne ou peixe
- Alimentos processados
- Produtos de Charcutaria
- Comida já cozinhada de pronto-a-comer ou restaurantes
- Laticínios
- Ovos
- Gorduras (manteigas, óleos, etc)
- Pão, cereais, arroz, massas, etc
- Fruta e legumes
- Leguminosas
- Frutos secos
- Doces, bolachas e rebuçados
- Chocolates
- Chás ou cafés
- Outros. Cite. \_\_\_\_\_

O questionário termina aqui. Mais uma vez, agradecemos a sua participação!